

EDUCAÇÃO

SUMMARIO

3.a Conferencia Nacional de Educação	223
MR. ANDERSON	O Ensino de Calligraphia 231
Deão do Mackenzie College, de São Paulo	
ERNESTO LUIZ D'OLIVEIRA	O Ensino Publico-These 262
Lente da Faculdade de Engenharia do Paraná. Da Academia Paranaense de Letras.	
WILLIAM S. GRAY, GERTRUDES T. SHIPLEY, MARJORIE HARDY, EVA E. GERSTMAYER, MARY A. ADAMS	O Ensino de Leitura 272
Pedagogistas norte-americanos	
PROF. LOURENÇO FILHO	A "Escola Nova" (Transcripção) 293
Lente da Escola Normal. Da Academia Paulista de Letras	
PROF. AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO	Educação Physica 302
Inspector de Educação Physica.	
RENE' BARRETTO	Discurso sobre Caetano de Campos, em 1907. 307
Professor paulista fallecido em 1916.	
PROF. ATALIBA A. DE OLIVEIRA	Ensino Primario-Trechos de Relatorio 319
Inspector Escolar.	
CARLOS DA SILVEIRA	Apontamentos para a historia do ensino em S. Paulo 323
Redactor-chefe de "EDUCAÇÃO"	
ALDUINO ESTRADA	Bibliographia pedagogica (V Boletim) 333
Encarregado da Secção de Publicidade da Directoria Geral da Instrução Publica	
INFORMAÇÕES - RESPOSTAS A CONSULTAS 334-345	
ATRAVÉS DOS LIVROS - Apreciação de Sud Mennucci sobre o livro de Adolfo Ferrière "Transformemos a Escola" - (Transcripção)	346
ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES — Esporte e systema nervoso — O ensino em Minas — O combate ao transmissor da febre amarella — A escola activa — Ideas sobre o preparo de lições — Escola activa.	350-362
INDICE DO VOLUME VII (abril — maio — junho de 1929)	363-366

Destina-se esta Revista á livre exposiçãõ e critica de assumptos educativos, sejam os de pura doutrina, sejam os de applicaçãõ directa e immediata. Nessas condições, franqueia suas paginas a todos quantos, professores de officio ou estudiosos dos varios aspectos do problema educativo, desejem collaborar a serio numa obra de coordenaçãõ da nascente cultura pedagogica nacional. A simples condiçãõ de apresentar-se a um tempo, como orgãõ auto-rizado da Directoria do ensino official, em Sãõ Paulo, e da Sociedade de Educaçãõ, define-lhe os propositos constructores e a acçãõ renovadora de que deseja incumbir-se. Publicando a orientaçãõ official do ensino e os debates de maior importancia travados naquella sociedade, bem como as communicações que lhe forem apresentadas, além de artigos e estudos dos mais adiantados pedagogistas do paiz, Educaçãõ pretende contribuir de maneira pratica e efficaz, tanto quanto lhe seja possivel, para o progresso scientifico do ensino, animando a renovaçãõ de seus processos e obstando a rotina.

Educaçãõ não terá noticiario, nem publicará homenagens ou artigos literarios de pura forma. Sua parte bibliographica organizar-se-á de molde a constituir-se um repositorio de informaçãõ retrospectiva e contemporanea da cultura pedagogica, mundial, facilitando, assim, aos professores, meios de organizar e orientar suas leituras.

Assignatura annual: 20\$000 — Numero avulso: 2\$000.

Enviar toda a correspondencia para:

Redaçãõ da Revista Escolar **EDUCAÇÃO**
Na Directoria Geral da Instrucçãõ Publica

SÃO PAULO

Travessa da Beneficencia Portuguesa, n.º 1

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

Pela Directoria Geral da Instrucçãõ Publica

DR. AMADEU MENDES

PROF. JOÃO TOLEDO

DR. CARLOS DA SILVEIRA

Pela Sociedade de Educaçãõ

DR. ROLDÃO DE BARROS

PROF. LOURENÇO FILHO

3.^a CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

As theses que serão discutidas. Inquerito a proposito da questão do ensino secundario.

GRANDES DEMONSTRAÇÕES DE CULTURA ARTISTICA E DE EDUCAÇÃO PHYSICA. EXPOSIÇÕES PEDAGOGICAS.

Activam-se os preparativos para os trabalhos da 3.^a Conferencia Nacional de Educação a reunir-se nesta Capital, em Setembro do corrente anno. Diariamente chegam á Directoria Geral da Instrucção Publica, de todas as partes do Estado e de varias unidades da Federação, adesões de pessoas que se dedicam ao estudo das questões referentes ao ensino, de associações culturaes e de innumerous professores, empenhados todos em contribuir, com seu trabalho e esforço, para o brilho desse grande certame de fé patriotica que commemorará da maneira mais proveitosa a grande data de nossa emancipação politica.

No dia 7 de Setembro, com a presença das mais altas autoridades publicas, dar-se há solenne abertura dos trabalhos da Conferencia, cujas reuniões se devem realizar no bello e artistico Salão Nobre do Club Commercial, verdadeira maravilha architectonica, gentilmente cedido pela directoria dessa progressista associação.

As theses, assumpto principal dos trabalhos do grande certame, são as seguintes :

Do ensino secundario.

- 1.^o — Finalidade do ensino secundario.
- 2.^o — Defeitos da legislação brasileira relativamente ao ensino secundario.
- 3.^o — Como formar a opinião publica sobre a vantagem de um ensino secundario e eficiente — base da cultura média do paiz.
- 4.^o — Disseminação do ensino secundario pelo Brasil.

- 5.º — Responsabilidade dos paes na deficiencia da instrucção secundaria no paiz. Meios de combater essa deficiencia.

Do ensino primario e profissional e da educação sanitaria.

- 1.º — Combate ao analphabetismo na zona rural.
 2.º — A organização e a disseminação das escolas primarias em face dos recursos financeiros.
 3.º — A instituição das Escolas Normaes Livres. Seu papel na formação do professorado primario.
 4.º — A iniciativa particular na organização das escolas primarias e profissionaes. Meios de provocar e intensificar essa iniciativa.
 5.º — A Educação Sanitaria. Sua organização e funcção. A instrucção sanitaria através da Escola.

Prelecções de 40 minutos no maximo.

- 1.º — Trabalhos realizados no paiz sobre a escola activa (documentação e estatistica).
 2.º — Nacionalização da escola activa. Adaptação dos methodos estrangeiros ás escolas brasileiras.
 3.º — Meios de provocar a revelação das vocações technicas profissionaes.
 4.º — A organização universitaria brasileira.

Terão tamanho maximo de 10 paginas formato officio e deverão ser dactylographadas com entre-linhas. A sua leitura durará no maximo 20 minutos.

Deverão todas finalizar por conclusões destacadas.

Para submittê-lo ao julgamento da Conferencia, resolveu a Secção de Ensino Secundario da Associação Brasileira de Educação promover um inquerito a proposito do ensino secundario em nosso paiz, tendo o senhor Dr. Barbosa de Oliveira, presidente daquella Secção, enviado a pessoas, consideradas autoridades no assumpto, a seguinte carta:

Illmo. sr. — A secção de ensino secundario desta Associação — com a alta finalidade de facilitar o estudo do grande problema brasileiro relativo á organização da escola secundaria — resolveu promover um inquerito em que fossem ouvidas as autoridades em assumptos de tão caracteristica preponderancia na educação nacional.

Consta o inquerito de oito quesitos, abrangendo as partes essenciaes do problema cuja solução efficaz se procura fixar.

As autoridades consultadas — autoridades pela sua posição social, pela sua cultura geral e pedagogica especializada ou pelas duas qualidades reunidas — darão os seus depoimentos sobre todos os quesitos, ou, apenas, sobre alguns ou mesmo algum, em que considere a sua contribuição de maior peso e valia. Desse modo pretende a Secção de Ensino Secundaria auscultar a opinião dos competentes nesta Capital como nos Estados e assim fazer um livro destinado á Terceira Conferencia Nacional de Educação a reunir-se em S. Paulo a 7 de Setembro proximo.

O folheto annexo — separata do Boletim da A. B. E. — apresenta as condições do inquerito e as bases para uma reforma do ensino secundario, trabalho enviado, como um anteprojecto, á Segunda Conferencia Nacional de Educação, realizada em Bello Horizonte.

Aguardando a vossa valiosa resposta até o dia 30 de Junho, reservando destarte o tempo necessario á impressão do livro, valho-me do ensejo para em nome da Secção de Ensino Secundario — que resolveu vos ouvir — apresentar sinceros agradecimentos pela vossa contribuição ao estudo desse problema brasileiro.”

Os quesitos a que se refere a carta acima são os seguintes:

- 1) — Qual a verdadeira finalidade de um curso secundario ?
- 2) — Como organizar o ensino, de um modo geral, para attender a essa finalidade ?
- 3) — Deve ser adoptado o ensino classico, o moderno, ou outro typo que melhor consulte a finalidade collimada ?
- 4) — Como garantir em todo o territorio nacional o ensino secundario com a necessaria efficiencia ?
- 5) — Qual o character que deve ter o ensino das diversas disciplinas e qual a extensão dos respectivos programmas ?
- 6) — Como corrigir os defeitos da actual legislação relativos á organização de mesas examinadoras e processos de exame ?
- 7) — Qual o modo de articular o ensino secundario com o primario e o profissional no grau elementar e superior ?

8) — Como formar a opinião publica sobre a vantagem de um curso secundario — base da cultura média do paiz ?

As pessoas que se interessarem pelo assumpto e não tenham ainda recebido a carta acima, poderão obter amplos informes sobre o palpitante problema, dirigindo-se á Directoria Geral da Instrucção Publica.

Entre as demonstrações promovidas pela Directoria Geral da Instrucção Publica, por occasião do certame, que congregará em S. Paulo representantes e delegações de todos os Estados, figuram as de cultura artistica, que se realizarão nesta capital e em Campinas, com o concurso dos alumnos de varios dos nossos estabelecimentos de ensino.

Em S. Paulo, no Theatro Municipal, em dias previamente determinados, executar-se hão os seguintes programmas, pelo Orpheão Infantil dos Grupos Escolares da capital, com um conjunto de mais de 3.000 crianças, e pelo das Escolas Normaes e Complementares, tomando parte no mesmo as alumnas das Escolas Normaes Livres, annexas aos Collegios Santa Ignez e Baptista Brasileiro :

Programma :

Orpheão Infantil (3.000 crianças).

1) — A madrugada (2 vozes) — Letra de Olavo Bilac e musica de J. Gomes Junior.

2) — Habanera (2 vozes) — Letra de Augusto de Carvalho, musica de Luiz Levy.

3) — Ciranda (2 vozes) — Letra de C. de Azevedo Marques, musica de F. Otero.

4) — Lenda Cabocla (3 vozes) — H. Villa Lobos e Casimiro de Abreu.

5) — Turquesas (3 vozes) — Carlos de Campos e Luiz Guimarães Filho.

6) — Canção do Tropeiro (3 vozes) — J. Gomes Junior e Cesar Martinez.

7) — Luar do Sertão (2 vozes) — Catullo Cearense.

8) — Samba (3 vozes) — J. Gomes Junior e Guilherme de Almeida.

9) — O sino da roça (2 vozes) — J. Gomes Junior e Arlindo Leal.

— Escolas Normaes da Praça, Braz, Livres Santa Ignez, Baptista Brasileiro e Complementares :

1) — As lavadeiras (solo e côro) — Barroso Netto.

2) — Tutu Marambá (Canção brasileira) — Luciano Gallet.

3) — Batuque em São Paulo (Canção popular).

4) — O berço (Canção) — Honorato Faustino.

5) — Quem sabe (solo e côro) — Modinha brasileira — Carlos Gomes.

6) — Ave Maria (Canção) — João Julião.

7) — A Boscaiuola (Canção do II acto) — João Gomes Junior.

8) — As Uyaras (lenda do Rio Negro) — Solo e côro — J. Gomes Junior e Mello Moraes.

— Em Campinas, o Orpheão das Escolas Complementares e Normaes, officiaes e livres, daquella cidade e de Jundiahy, realizará interessante demonstração de cultura artistica. E' o seguinte o programma :

1) — Hymno Republicano — Elias Lobo.

2) — Tutu Marambá — Luciano Gallet.

3) — As lavadeiras — Solo e côro — Barroso Netto.

4) — O Baile na flor — Nepomuceno.

5) — Canção brasileira — Elias Lobo Netto.

6) — As Uyaras (solo e côro) — João Gomes Junior.

7) — Improviso de Manosolfa, a 2 e 3 vozes.

Promette grande brilho a demonstração de cultura physica que se realizará por occasião da semana da Conferencia, promovida pela commissão que tomou a iniciativa de promo-

vê-la, numa prova que evidenciará o que já temos realizado em materia de tanta relevancia para o futuro de nossa raça. O programma já organizado consta de provas em que tomarão parte escolares, corporações militares e associações esportivas, num conjunto que constituirá, por certo, um dos numeros mais interessantes das demonstrações de Setembro.

Eis o programma com os detalhes de cada prova :

Dia 7 de Setembro :

— ás 7 horas e meia, corrida a pé, desfile das associações esportivas e formatura de escolares, no Ypiranga ;

— ás 16 horas, partidas de futebol nos campos da A. P. E. A. ;

Dia 8 — ás 8 horas, abertura da temporada esportiva da 2.^a região militar, promovida pela Liga dos Esportes do Exercito ;

— ás 16 horas, partidas de futebol nos campos da L. A. F.

Dia 9 — ás 9 horas, concentração e desfile de associações de Caça e Pesca, na séde da Directoria de Industria Animal, na Avenida Agua Branca ;

— ás 13 horas, gymnastica collectiva dos meninos das escolas particulares, no campo do C. A. Paulistano.

Dia 10 — ás 8 horas, gymnastica collectiva das corporações militares e militarizadas ;

— ás 20 horas, final do torneio de esgrima no C. A. Paulistano.

Dia 11 — ás 9 horas, gymnastica em conjunto das escolas publicas, no campo da Sociedade Hippica ;

— ás 14 horas, final do campeonato de tennis, no campo da Sociedade Paulista de Tennis ;

— ás 20 horas, finaes do campeonato de pugilismo, no Frontão do Braz

Dia 12 — ás 8 horas, provas de cyclismo, com chegada no Monumento do Ypiranga ;

— ás 14 horas, hippismo (corridas de obstaculos e polo) no campo da Sociedade Hippica Paulista.

— Dia 13 — Tarde de aviação.

— Dia 14 — ás 8 horas, gymnastica collectiva das meninas das escolas particulares, no campo do C. A. Paulistano ;

— ás 20 horas, final do campeonato de Bola ao Cesto na A. A. São Paulo.

— Dia 15 — Provas nauticas.

A' noite, solenne entrega de premios.

A gymnastica em conjunto das escolas publicas, no dia 11, constará do seguinte :

1 — "Bailado sueco" pelas alumnas das Escolas Complementares da Capital, sob a direcção das professoras DD. Minervina Macedo de Carvalho e Maria Clara Martins da Silveira.

2 — "Collectivo de Gymnastica Sueca", pelos alumnos da Escola Complementar da Praça da Republica e Escola Modelo "Caetano de Campos", sob a direcção do professor Cap. Fritjof Detthow.

3 — "Gymnastica rythmica", pelas alumnas da Escola Normal do Braz, sob a direcção da professora D. Debora Dente.

4 — "Exercicios em aparelhos suecos", pelos alumnos da Escola Normal da Capital, sob a direcção do professor Alfredo Ebert.

5 — "Collectivo rythmico", pelas alumnas da Escola Normal da Capital, sob a direcção da professora Carmen de Barros.

6 — "Grande collectivo de gymnastica pedagogica", com 4.600 crianças dos terceiros e dos quartos annos dos grupos escolares da Capital, sob a direcção dos professores Augusto Ribeiro de Carvalho e Fritjof Detthow.

Completando a serie de demonstrações que evidenciarão as realizações do ensino paulista, haverá, nesta Capital e em Campinas, na semana da Conferencia, exposições de trabalhos das Escolas Normaes, Profissionaes e de Grupos Escolares.

Não sendo possivel a visita a cada um dos nossos principaes estabelecimentos de instrucção, pela premencia do tempo, resolveu a Directoria Geral da Instrucção organi-

zar, nesta Capital, uma grandiosa exposição de trabalhos graphicos e manuaes, com quadros explicativos e estatisticos, alem de outros processos informativos, das Escolas Normaes do Braz e annexas aos Collegios Sta. Ignez e Baptista Brasileiro e dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas, realizando a Escola Normal da Praça e as Profissionaes, nos proprios edificios de suas sédes, identico certame pedagogico.

Em Campinas, que será visitada pelos membros da Conferencia, serão installados, no predio da Escola Profissional "Bento Quirino", as exposições de todas as Escolas Profissionaes do interior e, no edificio de 4.º Grupo Escolar, as das Escolas Normaes Official e Livres e dos Grupos Escolares da cidade.

Afim de que os representantes dos Estados, entretanto, possam conhecer a nossa organização pedagogica e verificar seus methodos e processos, ser-lhes há proporcionada uma visita a seis dos Grupos Escolares da Capital, alem da que deverão fazer ás Escolas Normaes, Profissionaes, Inspectoria de Educação Sanitaria, Centros de Saude e Escolas Superiores.

Publicando o programma minucioso das solennidades que se realizarão na epoca da 3.ª Conferencia Nacional de Educação em São Paulo, é nosso intuito chamar, para esse certame, a attenção de nossos leitores, educadores em sua maioria, num appello ao seu patriotismo: contribuam com sua intelligencia e cultura, cooperando todos, pelo modo que julgarem mais efficiente, na realização desse verdadeiro balanço de nossas realizações de cultura racial, para que o exito da 3.ª Conferencia esteja á altura dos destinos do Brasil.

Há algo peor do que os espiritos analphabetos e é: os analphabetos do espirito; uns, não sabem ler, mas os outros, não sabem o que lêem.

VARGAS VILA

O ENSINO DE CALLIGRAPHIA

Mr. Anderson

Deão do curso Commercial do
Mackenzie College, São Paulo.

Todo o menino ou menina, ao terminar o sexto anno escolar, deve ter os elementos de uma escripta legivel, facil e rapida. Ninguem o contesta, mas ha uma grande diversidade de opiniões sobre a maneira de o realizar. Acham alguns que o alumno irá adquirindo por si uma boa letra, á medida que se for adiantando, não sendo por isso necessario ensinar a calligraphia como uma disciplina á parte. Outros, levados ao extremo opposto, dão-lhe no curriculo uma importancia que não merece, fazendo della um fim, e não um meio que conduza a um fim. Haverá certamente um caminho pratico entre esses dois extremos, e é este que vamos procurar e trilhar.

O viajante que, ante um autographo de Colombo, disse ao cicerone tagarella que qualquer escolar de quatorze annos escreveria muito melhor, não demonstrou talvez muita reverencia, mas enunciou uma grande verdade sobre calligraphia, pois a calligraphia em poder do povo é muito recente. Tão nova é ella, que Moraes não lhe dedica um termo em seu dictionario, se bem que apresente varios para indicar a má letra, como *garabulha, giratuja, gregotins, escrevedor, escrevinhar*, etc.. Cada um que tire suas conclusões.

Calligraphia, como a temos hoje, é o resultado de um longo e moroso processo de eliminação e simplificação, e não ha motivo para suppor que o nosso presente alfabeto, quasi elementar na forma, não venha a soffrer modificações destinadas a facilitar a leitura e poupar tempo. A massa do povo não podia ter empregado os hieroglyphos, ou escripta dos sacerdotes nem tinha ella licença de aprender. Escrever era uma arte sagrada, a que não tinham direito os leigos. O mesmo se pode dizer dos caracteres cuneiformes e dos tijolos de barro. O material era difficil de preparar e de manejar. Seria interes-

sante estudar esta phase da escripta, o lado historico, — mas não seria opportuno aqui. Mesmo que a escripta estivesse ao alcance de qualquer individuo, ser-lhe-ia superflua, porque elle não teria o que escrever. O correio só foi estabelecido na Inglaterra no seculo XVII e a sua organização moderna data de 1840. Hoje, nas cidades maiores, ha duas ou mais distribuições de cartas por dia. Mais se escreve porque mais se sabe escrever; tem-se mais que escrever, mais occasiões de escrever, não sefalando de negocios e relações commerciaes.

Calligraphia é um utensilio com que trabalhamos; um utensilio que nos é util desde o primeiro dia em que o empregamos. Ora, um utensilio é um instrumento usado para facilitar uma qualquer operação. Calligraphia é um instrumento que facilita: 1.º a aquisição de conhecimentos, pois que a criança entrega ao professor exercicios que devem ser corrigidos, e toma nota do que deseja lembrar; 2.º a coordenação do pensamento. Não ha para isso melhor meio do que “preto sobre branco”. Estudai uma questão, pensai sobre ella, escrevei-a, e tereis uma idéa nitida do que quereis dizer; 3.º a recordação e transmissão dos nossos pensamentos, bem como a faculdade de registrar os factos. E’ tudo, — e é muito. O alumno escreve todos os dias, o guarda-livros escreve o dia inteiro, e todo o mundo poderá achar que escrever é uma arte util, em um grau maior ou menor. Esse utensilio não deve ser enfadonho, nem difficil de manejar; elle nos deve ajudar, — de outra forma não offerece vantagem.

Ninguem escreve por escrever, pelo menos ninguem que tenha trabalho; portanto a escripta, para ser util, deve ser *legivel, facil e rapida*. Ora, na vida agitada de hoje, uma escripta legivel não é somente a que se pode ler, mas a que se pode ler ao primeiro golpe de vista, e aqui chegamos ao campo da ethica. E’ dever da escola habilitar o alumno a transmittir e registrar os seus pensamentos de maneira legivel. Ella não deveria assumir a responsabilidade de deixá-lo enfrentar o mundo mal equipados neste detalhe mecanico, quando um exercicio facilmente praticavel o pode evitar.

Ninguem tem o direito de mandar a um amigo uma carta que o exaspere ou o deixe em duvida sobre o que se quer dizer; nem seria direito tratar dessa forma um homem de negocio. Nas casas de negocios, são postas de lado todas as cartas que possam suscitar alguma duvida, até que haja tempo para decifrá-las. Isso acarreta atraso. E se ellas são mal interpreta-

das, não se pode ser bem servido. No "Dead Letter Office", de Washington, para onde são enviadas as cartas que não podem ser devidamente encaminhadas, encontraram-se em 1923, 19.238.548 cartas, contendo para mais de dez mil contos em dinheiro. Certamente nem todas ellas traziam endereços illegiveis, mas um numero avultadissimo é detido por causa da má letra; e centenas de milhares de cartas são entregues diariamente graças á inacreditavel habilidade dos peritos de nossos correios. E é um tempo que se perde desnecessariamente. Não é menos logico nem menos cortez virar-se as costas a um individuo e resmungar-lhe umas palavras, do que enviar-lhe umas garatujas illegiveis e esperar uma resposta amavel e prompta. Isso não se faz. Se procuramos um homem em seu escriptorio, fazemo-lo com o sorriso mais amavel; modulamos a voz; procuramos causar-lhe uma boa impressão, porque desejamos ser cortezes e porque desejamos ser attendidos favoravelmente. Escrevendo, muitas vezes nos prejudicamos, por descuidar um detalhe mecanico. Muitos jornaes recusam manuscritos, por serem estes illegiveis.

E' muito espalhada a idéa de que os grandes homens têm má letra; é, como consequencia, que má letra é attributo dos grandes homens — o que não é de boa logica. Nos Estados Unidos, ha algum tempo, alguém espalhou outra: que todos os homens prosperos usam collarinho duro. E' commum dizer-se que os homens de genio não são cuidadosos no vestir. Poder-se-ia tambem dizer que todos os grandes homens são barbados. O que ha de bonito ou interessante nessa crendice? Mesmo as crianças nos dizem que os medicos, advogados, escriptores e homens de estado têm letra pessima. O que é prova-vel é que elles não aprenderam convenientemente em crianças, e, quando chegaram aos cursos adiantados, onde a instrucção é ministrada mais por meio de prelecções, tiveram um utensilio inferior com que trabalhar, que se tornava cada vez peor. Tocaremos neste ponto mais tarde.

Ha muita gente que se vangloria de sua má letra. E' muito commum ouvir-se: "Tenho letra tão ruim, que ás vezes não consigo ler o que escrevo". Ou é ingenuidade, ou uma subtil gabarolice baseada no engano a que acima nos referimos. Porque não dizer tambem: "Falo tão mal o portuguez, que ás vezes não entendo o que digo"? Uma coisa é tão razoavel como a outra, com a differença que, independente de defeitos physicos, qualquer pessoa pode adquirir uma boa letra, emquanto que são necessarios annos de estudo ou convivencia

com pessoas cultas, para se falar correctamente, — o que não está ao alcance de todos. Detivemo-nos sobre isso, por ser muitas vezes mencionada esta phase da escripta.

Mesmo admittindo que haja alguma connexão mysteriosa entre uma bella intelligencia e letra feia, devemos chamar vossa attenção para o seguinte facto: os programmas escolares são preparados para a maioria, para o povo, para o proprio "Zé". Não se refere aos super-intelligentes.

Facilidade e rapidez, como as encaramos aqui, são a mesma cousa. Deixaremos a primeira até chegarmos ao ensino da materia. A importancia da rapidez é relativa á quantidade e natureza do trabalho. Ha certos empregos que requerem rapidez no trabalho, taes como escrever telegrammas ou recibos, para pessoas que ficam esperando.

Muita gente pensa que escreve depressa, porque faz uma porção de movimentos rapidos, o que é muitas vezes uma illusão. A rapidez depende da simplicidade, efficiencia e serenidade dos nossos movimentos, e estes tres elementos são fundamentaes na industria moderna.

Grandes estudos têm sido feitos por meio do cinema, photographando bons operarios ao trabalho. Esses films são depois projectados bem devagar, e cada movimento examinado em detalhe, analysado e estudado, com o fim unico de achar um meio mais rapido de eliminar movimentos ou mudar a sua sequencia. Os resultados têm sido espantosos para todos os interessados, mais espantosos, porém, para o proprio operario.

E' evidente que movimentos em demasia são inimigos da celeridade; e deveria ser tambem evidente que os movimentos perdidos o são ainda mais.

Simplicidade, sequencia e coordenação de movimentos, sufficientemente repetidos de maneira a serem devidamente feitos, trazem uma execução que dá impressão de facilidade tranquillidade mesmo, que ás vezes engana quanto rapidez. Pode-se observar isto a qualquer hora. Vêde um bom operario na sua tarefa. Elle parece distrair-se com o que faz. O trabalho lhe parece um brinquedo e, realmente, para elle, é brinquedo. Procurai acompanhar uma boa costureira no seu trabalho, durante um dia. Não só fareis muito menos trabalho, mesmo fazendo maior esforço, como, no fim do dia estareis extenuadas, achando que merecis um bom repouso, emquanto que ella, provavelmente, faz planos para ir a algum baile.

onde passará metade da noite, e voltará no dia seguinte sem mostra de cansaço. Ella não se abate com o trabalho e vós vos consumis com elle, continuando a atormentar-vos no sonho.

Este principio pode applicar-se á calligraphia como a nada mais. Dar um bom principio, ensinar ao alumno a forma mais simples, os mais efficientes movimentos na posição mais commoda, — eis a base da velocidade. Muitas pessoas julgam que escrevem excessivamente depressa, quando a verdade é que são meramente nervosas, e produzem muito pouco. Em vinte annos de ensino de dactylographia, achamos que nada é mais difficil do que isso, justamente: explicar que pressa nem sempre é rapidez.

Quando, em calligraphia, o alumno chega aos exercicios de velocidade, fica todo excitado e anciosamente marca o tempo. Elle não applica o que procurámos inculcar. Rhythmo é para elle uma theoria. Muitas vezes é necessario mandá-lo escrever um exercicio, marcando o tempo, e depois provar-lhe, por demonstração pessoal, que se pode fazê-lo com muito menos esforço, e escrevendo aparentemente muito mais devagar. Elle não o pode comprehender mas é muito simples.

Ha uma outra phase da calligraphia que não tem recebido a attenção que merece, e é o que poderíamos chamar o lado social ou convencional. Diz-se que se pode julgar um estudante pelo modo por que elle usa um dictionario, e certamente se pode dizer se um homem teve ou não boa escola pela maneira por que assigna o seu nome ou toma nota de alguma coisa. Não pretendemos que seja justo julgar um homem dessa maneira, mas que fazer? Nem é justo fazer-se a apreciação de um homem pelo modo de utilizar-se da faca, ou pelo seu conhecimento do garfo que deve usar a cada prato. E' claro que o valor intrinseco de uma pessoa não augmenta ou diminue se elle amarra o guardanapo ao pescoço, ou limpa os labios á toalha de mesa, mas nós notamos essas coisas, e muitas pessoas têm mesmo prazer em as notar. Quanto mais altas são as aspirações sociaes do delinquente, maior é a alegria causada pelas suas pequenas falhas.

Calligraphia é um dote que qualquer escola está em condições de conferir aos seus alumnos. Foi-se o tempo em que o rei podia referir-se á calligraphia como um attributo dos monges — uma observação extremamente mordaz, se se pensa qual era a sua opinião sobre os monges em geral. Escrever estava então abaixo da dignidade de um guerreiro e elle teria em tanto apreço essa arte, como os nossos estadistas de hoje

a arte de fazer lenços de renda. Notai como escreve o homem inculto. Que trabalho! Fica embaraçado; agarra desesperadamente no lapis; molha a ponta; hesita; risca; suja o papel. Elle soffre positivamente. Receia elle fazê-lo na intimidade e deixa de tomar nota de muita coisa, porque prefere confiar na memoria. E escrever em publico, então, lhe causa perfeito horror! A escola deveria fazer da escripta um instrumento mechanico de que não se tivesse medo.

Diz o povinho que a escripta pouco se usa na vida pratica. Ha mesmo quem diga que a machina de escrever está suplantando o manuscripto. Vejamos a opinião de Freeman. Freeman é grande entre os educadores.

“O padrão da escripta deve ser determinado na base de duas ordens de factos. Primeiro, devemos considerar a necessidade de escrever na vida escolar ou depois della; depois, considerar a habilidade da criança e o tempo e esforço que se deve gastar afim de attingir um dado padrão. Quanto á necessidade de escrever, devemos considerar somente as da vida pratica. As necessidades da escola não são maiores do que essas. Podemos considerar em primeiro lugar, a utilidade da escripta na vida, e em segundo, a habilidade do alumno no escrever.

Têm-se feito investigações sobre a necessidade da boa letra, tanto na vida commum, como na vida profissional. Por um inquerito feito em quatorze firmas commerciaes de Chicago, incluindo escolas de correspondencia, emporios, frigorificos, etc., verificou-se que a escripta deveria ser, no minimo, equivalente a 60, na Escala de Ayres. Das quatorze, quatro pediram uma media de 70 a 90. Perguntando-se se prefeririam que a letra fosse melhor do que a que se considera essencial, todas as firmas responderam affirmativamente. A qualidade desejavel oscillou de 70 a 90, tendo oito firmas especificando o grau mais alto, na Escala de Ayres. Em relação á velocidade, das quatorze, onze acharam que era importante. Somente uma respondeu que não o era; duas disseram que era relativamente importante. O numero de empregados representado por essas firmas foi 1700 e as respostas podem ser consideradas como indice exacto das firmas que empregam escreventes.

Em summa, pode-se dizer que a calligraphia deve valer no minimo 60 e que uma letra melhor é desejavel. Com referencia á rapidez, a escripta deve ser fluente.

Em outro estudo, procurou-se avaliar a qualidade de escripta que os adultos acham necessaria e desejavel. Foram representadas trinta e quatro diversas occupações, o que é um bom numero. Entre as pessoas que só usavam a escripta para correspondencia, a media era abaixo de 90 na Escala de Ayres. Entre aquelles que faziam particular uso da escripta em seu trabalho, taes como escreventes e contadores, a media foi de 70. Chegou-se á conclusão que 60 é a media para os que escrevem só para a sua correspondencia ou outros fins geraes; e 70 é a media necessaria para os que dependem da escripta em seu trabalho.

Mais tarde explicaremos o que são esses numeros e escala.

Palmer, um grande advogado da calligraphia nos Estados Unidos, em um recente numero de sua revista, cita varias firmas importantes que declaram que a calligraphia é essencial, e que é desejavel uma uma letra boa.

Todo o mundo escreve — uns mais, outros menos. Alguns escrevem pouco, porque dá trabalho. O trabalho physico é desagradavel. Não gostam de escrever e raramente têm material que preste. A tinta está secca no tinteiro, não ha papel, a penna está estragada. Preferem deixar os seus queridos sem noticias a sentar-se para escrever. Quantos dizem: “Eu simplesmente detesto escrever cartas”.

Para resumir: Calligraphia é um utensilio mecanico, cuja aquisição está ao alcance de todos. Toda criança tem direito a uma escripta legivel, facil e rapida. Boa letra é sempre uma vantagem, má letra um empecilho.

O MOVIMENTO MUSCULAR

Procurámos mostrar a importancia da calligraphia, pretendemos que todo o alumno ao terminar o sexto anno escolar tem direito á base de uma escripta legivel, facil e rapida, e que, em qualquer discussão sobre o assumpto, se deve admitir que a boa letra é uma vantagem e a má letra um empecilho.

Achamos que o movimento muscular é o methodo que dá os melhores resultados e vamos expor as nossas razões.

O homem de negocios de hoje, antes de expedir um vendedor, leva-o á fabrica, se é possivel, afim de lhe mostrar como o artigo é feito, para o convencer de que é feito cuidadosamen-

te; depois o esclarece sobre o seu uso e prova-lhe que é de real vantagem o seu emprego. Em seguida elle o compara com os artigos de igual natureza que se acham no mercado, chamando-lhe a attenção para os seus pontos fortes e fracos. Quando o vendedor vê que o artigo é realmente bom, pede-lhe que faça uma demonstração, isto é, que o venda ao proprio patrão, o qual lhe mostra os pontos sobre que deve insistir o os que são de menor importancia. Fica elle sabendo como é facil vender, quanto já foi vendido, e a que classes. O fim é enthusiasmar o vendedor. Elle sai plenamente convencido de que vae fazer um favor aos seus futuros fregueses, vendendo-lhes um bom artigo de que necessitam. E elle ha de vender, se tiver as qualidades de um vendedor. E' verdade que muitos vendem sem crer no que estão offerecendo, mas fariam muito mais se tivessem convicção.

Poderíamos dizer que não é correcto vender uma coisa em que não se tem confiança. Certamente é incorrecto ensinar uma coisa em que não cremos. Se o freguês deseja saber como funciona a machina e o vendedor não lh'o pode mostrar, é bem provavel que a venda não se effectue.

Sigamos este processo commercial. Mas, em primeiro lugar, devemos dizer que o movimento muscular não é coisa nova, pois que se ensina ha cerca de cincoenta annos; mas que se tem espalhado ultimamente, graças principalmente a uma propaganda individual e interessada.

Movimento muscular é um methodo de escrever que emprega o musculo do ante-braço, deixando a mão livre para escorregar sobre o papel. As letras adoptadas por varios systemas americanos são as mais simples. Temos então todos os requisitos da boa escripta. Muito se tem falado contra este methodo, mas não nos consta que se tenha dito que não desenvolve uma escripta rapida, facil e legivel. Dizem alguns que leva muito tempo para aprender e ainda outros que é desnecessario. Freeman aconselha o movimento lateral do braço, mas diz que as letras devem ser formadas pelos dedos. Elle não condemna o methodo. E' o unico systema que tanto serve o professional como os que escrevem occasionalmente. O methodo *requer* uma posição commoda e natural do corpo. Não ha movimentos desnecessarios ou perdidos. O alumno aprende um systemameticulosamente elaborado, sistema esse que poderá levar consigo e do qual poderá fazer uso quando lhe aprover. E' este, ao nosso entender, um dos seus mais fortes pontos pedagogicos.

Voltemos á machina de escrever. Não penseis que não teve adversarios o systema de toque, isto é, o systema que emprega todos os dedos para escrever a machina. Teve muitos, mas não entre os que tinham conseguido aprendê-lo. E' aparentemente mais difficil de aprender e os resultados immediatos não são tão promptos, mas, desde que o alumno tenha aprendido o systema, estará preparado para continuar a qualquer hora que queira.

Devemos procurar, em nosso trabalho, dar ao alumno alguma coisa que lhe sirva de base — um alicerce solido, bons principios. Isto se reconhece tbem em outras materias.

Fins especiaes admittem instrucção especial, como por exemplo, a companhia de machinas que frequentemente mandava para o estrangeiro homens que deviam montar suas machinas. Antes de partir, aprendiam elles certas phrases que eram consideradas necessarias e uteis ; mas isto é instrucção e não educação. Numa escola não se procede desta forma. Nós não ensinamos ao alumno algumas centenas de phrases em inglês, deixando-lhe a impressão de que conhece a lingua. Damos-lhe os elementos do idioma, pelos quaes elle poderá adquirir mais conhecimento lendo e praticando. Não ensinamos, ou ao menos não devemos ensinar uma porção de exemplos isolado de Arithmetica. O que adianta para um alumno saber que, comprando seis laranjas a 200 réis, terá de pagar 1\$200, se, mais tarde, elle não comprehende como comprará \$100 ao cambio de 8\$400 ?

Nós não sabemos em que o alumno empregará mais tarde a sua calligraphia. Elle poderá escrever meia duzia de cartas toda a sua vida, mas tambem pode vir a ser um tabellião e escrever todo o santo dia ; e destes, conhecemos nós muitos que poderiam servir o publico bem melhor, se tivessem aprendido convenientemente.

Mencionamos a má letra dos medicos, advogados, etc. Deve-se comprehender que o seu methodo de escrever não correspondia s exigencias e que não se lhes ensinou um systema que pudesse ser desenvolvido de accordo com suas necessidades. Ao tomar apontamentos das prelecções, anciosos por anotar o mais possivel, rabiscavam elles umas garatujas, que nem loucos, Tem-nos occorrido a idéa, talvez sem base, de que os resultados poderiam ser melhores, se elles tivessem pensado mais e rabiscado menos. Tambem seria de proveito empregar umas tantas abreviações ; ou poderiam elles apren-

der tachygraphia. Mas, em geral, só muito tarde é que se pensa nesses detalhes. De qualquer forma, era inadequado o aparelho empregado. Mais tarde, em sua vida profissional, estão sempre com pressa — real ou fingida. Seu methodo de escrever não permite uma execução calma. E tão enraigada é a idéa de uma relação entre má letra e força intellectual, que seria anti-profissional, improprio quasi, escrever distinctamente, — cortezmente, poderíamos accrescentar. Deixe-se a calligraphia para o mestre-escola !

Temos visto estudantes *exercitarem* garatujas illegiveis e assignaturas indecifraveis. A questão de assignaturas, por si, é interessante. Quanto tempo perdem os rapazes especialmente, em inventar uma assignatura difficil e complicada ! Examinai um registro de hotel ; é o mais eloquente repositório de vaidade pueril. Pessoas competentes têm affirmado repetidas vezes que é mais facil copiar ou falsificar uma assignatura complicada. Tão espalhado é o habito de assignaturas illegiveis que, nos Estados Unidos, se tornou moda escrever a machina o nome, sob a assignatura !

Nenhum methodo de “caderno-modelo” ensinará uma escripta facil e rapida, posto que se adquira clareza. As crianças não conseguem reproduzir os modelos impressos, perfectos ; e desanima tentar o impossivel. Uma das objecções ao movimento muscular é que os alumnos o não empregam em seu trabalho. Não comprehendemos que se apresente esse argumento, porque aquelles que usam o “caderno-modelo” não o seguem na pratica. Esses cadernos só ensinam uma phase da escripta : a fórma. E não é de boa pedagogia gastar uma hora ou meia em copiar modelos inatingiveis. E a aula de calligraphia se torna uma imposição, a menos que as crianças tenham mudado nestes ultimos tempos.

Tinhamos, ha uns trinta e cinco annos, uma professora que lia em voz alta durante a aula de calligraphia. Assim, ao menos, ficavamos quietos. De facto, o dia todo ella mantinha a disciplina, ameaçando de não ler se não nos portassemos direito, e em geral acontecia que, na vespera, ella deixára o protagonista na mais critica occorrença. Achamos que ella o fazia de proposito. Entretanto, escreviamos a primeira linha abaixo do modelo com grande cuidado e com resultado soffrivel ; a linha seguinte já não era tão boa, e consideravelmente mais curta ; e as subsequentes iam ficando mais curtas e cada vez peiores. Temos visto cadernos de calligraphia,

que trazem uma segunda linha de modelo no meio da pagina, para evitar isso e facilitar a copia. Desenhavamos as letras o melhor que podiamos, fazendo caretas, e não nos caceteavamos muito, porque, emfim, as historias eram interessantes. Todavia, nenhum de nós relacionava a aula de calligraphia com alguma coisa pratica neste mundo. Era uma aula que aturavamos, como a de desenho, igualmente pratica naquele tempo.

A vantagem do "caderno-modelo" é toda da professora. Antigamente, ella ia e vinha pela sala, de regua de nogueira na mão, ministrando justiça, quando achava de direito. Uma boa pancadinha nos dedos era bem estimulante, porêem não muito inspiradora. Nenhuma professora ia sentar-se ao lado do alumno, para lhe mostrar como devia fazer, porque nem ella mesma era capaz. Ninguem pode, a contento, fazer uma copia de uma gravura em aço ; e nós, pequerruchos, bem que o sabiamos, como bem o sabem os pequerruchos de hoje.

O "caderno-modelo" está saindo de uso. Está condemnado, como está condemnado o carro de boi, porque não pode prestar o serviço que delle se espera. O carro de boi sempre é melhor do que nada, mas está se tornando cada vez mais o symbolo dos lugares atrasados, pois não corresponde ás exigencias do progresso. Não queremos admittir que seja mais difficil a base de uma escripta legivel, facil e rapida pelo systema muscular, do que por qualquer outro. De facto, gostaríamos de ter mais provas, para admittir que outro systema qualquer a pode dar. Não é difficil para o alumno, mas muitissimo mais para a professora. Se a professora desejar resultados, recommendamos-lhe insistentemente o movimento muscular; se, porêem, desejar sua propria commodidade, o "caderno-modelo" é preferivel.

Ha pessoas competentes que affirmam que alguns alumnos não podem aprender a escripta pelo movimento muscular. Concordamos com ellas. Alumnos ha, que absolutamente não aprendem a escrever direito, qualquer que seja o methodo empregado, assim como ha alguns que nunca aprendem a desenhar ou que não distinguem uma nota de outra. Mas, assim no curriculo geral, não se pode considerar os super-intelligentes, não se pode contemplar os que são deficientes, mental ou physicamente falando. Uns e outros devem seguir classes especiaes e muito se está fazendo neste sentido. A grande maioria é beneficiada, recebendo uma instrucção racional na escripta.

Ha ainda uma objecção, pueril segundo o nosso entender: que o movimento muscular faz com que todo o mundo fique com letra igual. Não sabemos se é seria esta pretensão; mas, sendo verdade, o considerariamos um argumento a nosso favor. Ninguém faz objecções a que os livros sejam impressos todos iguaes. São assim tanto mais faceis de ler. Os allemães, procurando simplificar, começaram a imprimir livros nos caracteres a que chamam romanos, com o que as complicadas letras gothicas vão desaparecendo, não obstante acharem muitos, especialmente os mais velhos, que o novo typo é mais difficil de ler. Abandonaram tambem a sua calligraphia angular, se bem que a sua escripta moderna, mostre o effeito da antiga, tão trabalhosa. E' verdade que ha uma semelhança generica na letra dos que aprendem em escolas allemãs, pois a maioria seguirá os modelos estudados, mas não quer isso dizer que todos os allemães têm letra igual.

Não ha estylo ou systema que tire a individualidade de um homem. Um artista pode seguir tal escola, sem enterrar nella a sua individualidade. Quanto maior for o homem, mais notavel será a differença. Mostramos nosso character em tudo quanto fazemos; e duas pessoas não escrevem igual, como não andam nem se vestem de modo igual. E' certo que os grandes homens escrevem *differente* dos outros, mas não quer isso dizer que escrevam mal, — ou que escreveriam mal, mesmo tendo tido occasião de aprender bem.

Movimento muscular não é um estylo. Permite qualquer estylo, bem que favoreça uma escripta leve, deitada, que é a que se ensina. Com elle se pode fazer letra vertical, deitada para trás ou para diante, grande ou pequena, leve ou carregada, com penna fina ou grossa, mas a melhor é a linha leve, de tamanho regular, e inclinada para a frente, e que dá mais rapidez, facilidade e resistencia ao trabalho.

Em que acreditemos ser o movimento muscular uma arte que vale a pena adquirir, não desejamos que penseis que é uma arte negra ou magica. Em pedagogia não ha magica. Ensinar é desenvolver, o melhor que pudermos, o que ha no alumno; e isso é, muitas vezes, uma simples questão de methodo. O movimento muscular precisa ser ensinado; não pode ser assimilado.

Se divorciarmos a calligraphia do trabalho pratico; se ensinarmos exercicios e não escripta; se ensinarmos simplesmente porque recebemos ordens; e se não praticarmos o que

ensinarmos, o movimento muscular dará o mesmo resultado que qualquer outro methodo. Mas ha o seguinte: Surgiu e espalhou-se o movimento muscular, porque havia necessidade delle, pois os velhos methodos não acompanhavam o progresso do ensino em geral. Cada vez se espera mais do alumno, depois que elle deixa a escola. Voltemos á nossa velha favorita — a machina de escrever. Ha uns vinte annos, qualquer pessoa que conseguisse escrever a machina, procurando as letras, uma por uma, e assim produzir uma carta, já era um dactylographo. O tempo não era levado em conta. Mais tarde, pedia-se um trabalho limpo, apresentavel; mas hoje o homem de negocio quer saber quantas palavras o candidato escreve por minuto! Mas podemos calcular quanto augmentaram as exigencias em todos os ramos. Ainda não ha muito tempo causava surpresa e satisfação descobrir que o novo empregado sabia ler e escrever. Agora exige-se isso. O negociante estipula, quando faz o annuncio, que o candidato deve dirigir-lhe uma carta do proprio punho. Pensais talvez que elle deseja tirar a sorte do rapaz ou ler-lhe o character? Não. Quer ver se elle tem escripta facil, clara e rapida. Em outras palavras, quer ver se o pode aproveitar. E' dever nosso habilitar os alumnos que nos são confiados a tomar o seu lugar em um mundo que cada vez tem menos tempo a perder em trabalho inutil. O trabalho deve produzir. Se temos alguma coisa a fazer, precisamos fazê-la logo, para poder aproveitar o nosso descanso. E' esta a idade dos utensilios, — bons, efficientes utensilios. Não temos o direito de maniatar o menino ou menina logo no limiar da vida.

Não cuideis que a machina de escrever suplantará o manuscripto. Se a proporção dos que escrevem a machina para a população dos Estados Unidos é de 1:20, no Brasil é no minimo de 1:600, mas nos Estados Unidos, se ensina a calligraphia mais do que nunca. Realmente, o methodo de ensino é mais do que um syllogismo academico — é uma questão de importancia vital.

O movimento muscular pode alliar-se ao resto do trabalho escolar, pode ser ensinado em grupos ou individualmente, e a propria professora o pode empregar. As crianças são muito promptas em observar as incoerencias. Se fizerdes um erro, resolvendo um problema na pedra, não adianta dizer que ha dois modos de o fazer. O melhor é confessar o erro, ou perdeis a confiança da classe, ou ao menos diminuirá muito a utilidade que representais para esse grupo de crianças. A pessoa

que ensina o movimento muscular e não o pratica, nem confia nelle, nem obterá resultados. E quanto maior for a confiança que os alumnos tiverem nessa professora, menor será a sua confiança no systema. Por outro lado, se a professora tomar uma posição commoda e natural e apresentar um bom trabalho, fornecerá um bom argumento.

As crianças, especialmente no curso primario, imitam as professoras e conversam sobre ellas. A professora que tem má letra e faz na pedra um trabalho imperfeito, particularmente sobre numeros, não conseguirá grande coisa. Aqui não é lugar para falar sobre o poder do exemplo, posto que seja grande a tentação. A professora entusiasta, sendo conscienciosa (e na maioria o são), consegue que os alumnos empreguem seus melhores esforços. Cada lição é uma mensagem, e os alumnos o sentem, — que não haja engano sobre isso. Nenhuma professora, por mais conscienciosa e leal, pode ensinar o que não sabe, nem pode ensinar bem uma coisa em que não tem confiança. Se o methodo que usais está dando bons resultados, firmái nelle, mas se estiverdes usando o “caderno-modelo”, são esmagadoras as probabilidades contra vosso successo.

Muitas vezes a professora prefere não trocar o seu estylo por um outro. Diz ella que sua letra já está formada e, muitas vezes, é bonita, legivel. O movimento muscular não é difficil de aprender. A theoria é muito simples. Mas, na transição de um methodo para outro, ha sempre um periodo meio desanimador, em que a letra fica feia. E' quando não se adquiriu ainda o dominio sobre o musculo do braço. Esse periodo de pouco aproveitamento apparente é muito commum em qualquer coisa mecanica que se aprenda. O que todos nós desejamos é obter resultados; e, se o movimento muscular dá melhores resultados que os outros systemas, é claro que deve ser adoptado.

Nós o temos adoptado na Escola Americana, em S. Paulo, ha cerca de dez annos. Achavamos que a escripta, em nossas classes mais adiantadas, era muito vagarosa, se bem que não fosse de todo má. Se perderdes cinco minutos em um ditado, podendo evitá-lo, e se houver vinte e cinco alumnos na classe, roubareis mais de duas horas, — uma responsabilidade que ninguem deve assumir. Posto que não tenhamos executado o nosso systema como desejariamos, ou em condições ideaes, é fóra de duvida que elevámos o padrão de nossa escripta. Não se tornou menos legivel e a velocidade, na classe, subiu approximadamente de 75 para 100 ou mais letras por

minuto, nos cursos superiores; e os alumnos que vêm de outras escolas encontram difficuldade em acompanhar o ditado. Conhecemos logo um alumno novo pelo embaraço de sua execução. As pessoas de fora dizem que é boa a nossa letra, posto que nós mesmos, com toda a franqueza, achemos que poderia ser muito melhor.

Embora o successo que em parte temos alcançado não sirva de base para propaganda, o facto é que se vai espalhando o movimento muscular. Nos Estados Unidos, por exemplo, ensina-se em toda parte.

Ha necessidade de um melhor methodo de escripta. Achamos que esse methodo é o movimento muscular.

A AULA DE CALLIGRAPHIA

Propositalmente fomos prolixos em falar sobre a crescente importancia da calligraphia. Externámos a opinião de que o aperfeçoamento na instrucção deve acompanhar — anticipar, mesmo — o trabalho cada vez mais apurado que se exige do rapaz, ao deixar a escola. Chamámos a vossa attenção para o fracasso apparente do “caderno-modelo” em conseguir isso e advogámos o movimento muscular, como sendo o systema mais apropriado para dar a base de uma escripta legivel, facil e rapida. Affirmámos ser quasi essencial que a professora adopte o systema e anime os alumnos pelo exemplo; accrescentando que, se o systema dá mais trabalho á professora, os resultados compensam. Sugerimos talvez que a aula havia de ser mais interessante para o alumno e menos fastidiosa para a professora.

Ao ensinar a escrever, assim como qualquer outra coisa, devemos primeiro saber porque o ensinamos e a que ponto desejamos chegar. Em outras palavras, precisamos ter um alvo, um padrão. Como e quanto poderá um alumno escrever ao deixar a escola, e como se deve repartir o trabalho pelos differentes annos do curso? Felizmente, temos os meios de o saber, pelo emprego de escalas, de que falaremos mais tarde. Quando sabemos o que queremos, e quando o alumno sabe o que se espera d'elle, e que elle pode corresponder a essa expectativa, podemos trabalhar intelligentemente em direcção a esse alvo, e tem sido feita, por outros, muita coisa para nos auxiliar.

Ha muitos methodos de calligraphia. O mais espalhado é o de Palmer. A. N. Palmer foi, ha uns vinte e cinco annos,

um professor de calligraphia de nomeada, que concebeu a idéa de aproveitar o seu conhecimento e experiencia. pondo numa forma definitiva, o seu methodo de ensino. Vendeu elle milhões de exemplares de seu livrinho, que ultimamente foi traduzido para o espanhol. Palmer não inventou o movimento muscular; tornou-o conhecido e conseguiu interessar por elle toda uma nação. C. C. Lister, que trabalhou com Palmer durante muitos annos, publicou tambem um methodo, por signal que muito bom. A escripta foi estudada tambem por homens de sciencia, que têm feito vastas pesquisas nesse assumpto. O mais citado, talvez, é o Dr. Frank N. Freeman, que preparou para o professor um manual de 305 paginas, alem de monographias, artigos e escalas.

E' excellente esse livro de Freeman, e pudessemos nós pôr um exemplar em vossas mãos, nada mais precisaríamos dizer sobre o assumpto. Os que tiverem lido esse livro, hão de objectar que elle não advoga o movimento muscular. Elle advoga positivamente todos os pontos mais importantes sobre que insistem Palmer e Lister, e não condemna nenhum. Occuparia mais espaço do que merece a sua importancia uma discussão sobre differenças secundarias. Elles estão de accordo sobre a posição do corpo, posição da mão, do papel, etc.

Adoptámos o methodo de Palmer, porque deu resultados annos e annos. Seu livrinho é barato e facil de obter. Todos os alumnos podem comprá-lo. Palmer tem uma grande organização e grande pratica em lidar com escolas. Elle publica mensalmente, e a preço razoavel, uma revista de igual interesse para a professora e o alumno, e que traz cursos de calligraphia, amostras de trabalho feito por crianças de todas as idades e de toda a parte, artigos opportunos, etc. Palmer confere um certificado de calligraphia a quem attinge uma certa proficiencia, vantagem de que, por varios motivos, nos não temos aproveitado. Preferiríamos, entretanto, alguma coisa em portugûes, para preencher nossas necessidades.

Lister tem uma serie de quatro livros: Primario, Elementar, Adiantado e o Manual do Professor. A idéa é excellente, pois dá mais resultado o trabalho dividido em séries. Se os paes não ficam muito contentes, o alumno sempre gosta de trocar de livros quando é promovido. São elles o symbolo externo de sua classificação na escola e não lhe parece razoavel usar o mesmo livro anno após anno.

Tiramos o seguinte de Lister: "Escreve bem quem escreve clara, facil e rapidamente. Para escrever bem, é preciso

adquirir o hábito de uma escripta correcta ; desenvolver um movimento natural ; estudar os característicos das 26 letras do alphabeto ; e depois exercitar-se a imitá-las com o Movimento Muscular, até que a reproducção de cada letra se torne automatica". Gates, em sua "Psychology for Students of Education", diz uma porção de boas coisas sobre a escripta ; entre outras : "Ha dois modos de tornar proficua a reacção do alumno : 1.º estabelecer uma idéa clara do que se vai fazer e 2.º, dar aos mecanismos um exercicio artificial, na maneira por que hão de funcionar". E mais : "No ensino da calligraphia, deve-se, em primeiro lugar, exigir uma posição correcta, e, em segundo, estar alerta em observar os bons e maus movimentos, analysando o resultado, procurando ao mesmo tempo averiguar as causas dos erros ou do bom exito. A' medida que se fica mais senhor de um acto, fica-se menos sciente das reacções componentes".

Como anteriormente dissemos, qualquer pessoa, independente de defeitos physicos, pode aprender o systema, e a professora de qualquer classe que conheça bem os seus principios, pode ensiná-lo na pedra. Mas somos de opinião que cada alumno deve ter o seu livro, ao meros nas classes superiores. Não temos usado o livro, mas achamos que obteríamos melhores resultados se o fizéssemos. Em primeiro lugar, a escripta na pedra parece differente, vista dos differentes pontos da sala. Esta objecção desaparece, se a sala for pequena e se os modelos forem escriptos na pedra da frente. Em segundo lugar, o livro garante estricta adesão ás instrucções, especialmente se os alumnos forem obrigados a responder a certas perguntas sobre ellas. Ficam elles sabendo o que são, e percebem se a professora as não segue. Em terceiro lugar, o livro contribue para a uniformidade do ensino. Qualquer mudança introduzida pela professora é logo notada. Essas alterações não devem ser feitas sem mais nem menos, pois que a experiencia de uma em face da experiencia da vasta totalidade é realmente minuscula. Finalmente, elle garante a uniformidade de letra. Duas pessoas não têm letra igual, mas a pagina impressa não varia.

O essencial é, pois, que a professora saiba muito bem o que vai ensinar, e que o alumno compreenda exactamente o que se espera d'elle. Palmer explica por palavras e gravuras o que é uma boa posição. Essa posição é a melhor para escrever, e a unica que conciz com a saude. Exercitai nella as crianças até que a tomem com naturalidade. E assim, passo a

passo, devem ser dadas as instrucções. Ellas foram cuidadosamente preparadas, sendo cuidadosamente executadas, pois têm dado resultados annos a fio e continuam a dar diariamente em milhares de escolas. Uma grande vantagem do ensino moderno de calligraphia é que pode ser ministrado a toda a classe ao mesmo tempo. Todos os alumnos podem fazer a mesma coisa, da mesma maneira e ao mesmo tempo. Elles começam juntos o exercicio e o terminam juntos. Todos ficam efficazmente occupados — professora e alumnos. Os erros da classe podem ser corrigidos diante de todos e sempre dá muito tempo para auxiliar um ou outro, e, o que é de enorme vantagem, o alumno pode criticar o seu proprio trabalho e ver se está fazendo progresso. A professora se torna o que o nome significa e não simplesmente um feito.

Não ha vantagem em entrarmos em detalhes sobre o methodo de Palmer, pois tendes o livro em mão, por isso limitar-nos-emos a algumas observações sobre a applicação do systema. Qualquer pessoa, com um pouco de reflexão, compreenderá que os exercicios de movimento, taes como grandes circulos, linhas, laços, etc., são usados simplesmente para que os musculos obedeçam á vontade e executem o movimento. Outro valor elles não têm. Gates é quasi sarcastico neste ponto. "Muitos systemas de calligraphia, diz elle, dão exemplos superfluos. Os que começam com uma série de exercicios, como os que seguem, são provavelmente infrutiferos. O que se aprende fazendo esses bonitos desenhos é simplesmente fazer taes desenhos bonitos; escrever é outra coisa. O tempo que se gasta em fazer esses exercicios não será, certamente, de todo perdido. Transfere-se, é verdade, um pouco dessa facilidade para o acto de escrever, mas é só em parte. O que desejamos é exercicio que produza 100% de resultado. Devia-se, de facto, começar logo por escrever, sendo os detalhes do processo mecanico e a forma das letras objecto de cuidadosa fiscalização. Exercicios como os que acima foram mostrados têm ás vezes sua razão de ser, para ajudar a vencer certas difficuldades ou corrigir certos defeitos, mas não devem ser empregados indiscriminadamente". O autor fala muito claramente; e Palmer, vinte annos antes, já tinha escripto: "Exercicios de linhas rectas e de ovaes não têm valor se não produzirem uma boa letra. São meios de se adquirir o poder de dominar os musculos, de maneira a habilitar o alumno a se tornar senhor de um ideal e permanente estylo de calligraphia rapida e clarissima". Nada é mais evidente;

entretanto, acontece que muitas professoras caem no costume de ir dando esses exercicios e pouco mais, pacientemente marcando compasso e beatamente alheias ao facto de estarem realmente ensinando uma gymnastica de valor mais que duvidoso e não ensinando escripta, absolutamente. Os alumnos adquirem grande habilidade em fazer ovaes, etc., mas não comprehendem porque a letra continua tão feia. Finalmente chegam á conclusão de que é por causa do methodo.

A maior parte do tempo da aula deve ser empregada em escrever, observando attentamente a posição, movimento, *rhythm*o, velocidade, inclinação da letra, etc., o que deve ser logo aproveitade no trabalho pratico.

O alumno não deve imaginar que a aula de calligraphia é em si um fim, mas comprehender que ahi a sua letra está sendo trabalhada, os seus utensilios estão sendo afiados, por assim dizer, de maneira a lhe prestarem melhor serviço nas outras aulas.

Os methodos modernos empregam o contar. Freeman diz o seguinte sobre o *rhythm*o: "Por experiencias que têm sido feitas, verificou-se que é muito importante um aspecto da escripta, que não tem recebido muita attenção, por ser difficil de observar. E' a organização do movimento em relação ao tempo. Ordinariamente nos referimos a este aspecto, quando falamos do *rhythm*o do movimento. O movimento é dividido em unidade como um movimento uniformemente *rhythm*ico, mas essas unidades não são de igual duração." Palmer escreve: "A contagem é importante para desenvolver um movimento leve e uniforme no ensino de calligraphias em grupos de alumnos. To na o trabalho mais interessante, acalma o movimento da criança nervosa, estimula os pacherentos e obriga a estar occupado o estudante indolente". Diz Lister: "Exercicio *rhythm*ado. O elemento tempo, ou *rhythm*o, constitue um factor importante no novo methodo de ensino de calligraphia. E' de grande importancia manter intelligentemente o compasso exacto nas lições de calligraphia em conjunto. Devem acompanhar a lição phrases ou numeros empregados para marcar o tempo dos exercicios, bem como a velocidade que se quer manter".

Os exercicios de Freeman, Palmer e Lister, especialmente os do primeiro, têm sido organizados scientificamente quanto á velocidade, mas algumas professoras têm tendencia para ir muito depressa, outras muito devagar. Deveriam ellas exercitar-se no contar antes de ir para a classe, usando relógio.

Este rhythmico dá a serenidade que mencionámos em nossas primeiras considerações sobre a escripta em geral.

Sobre a repetição, diz Freeman: "O principio fundamental para se aprender um acto de destreza é a repetição. E' certo que a repetição poderá habituar a executar mal esse acto, se não for feita como deve ser, ou se a attenção não for dirigida de maneira a promover progresso. Mas não pode haver progresso sem repetição". A professora deve, pois, estar sempre vigilante em descobrir o que os alumnos não estão fazendo direito, em mostrar-lhes o que não está direito e ver que se corrijam antes que o erro se torne um habito. Deve-se tambem encorajar o alumno a estudar os resultados do seu proprio trabalho, a compará-lo com a escala e com o trabalho dos outros.

Joseph N. Taylor, Superintendente Regional das Escolas de Nova York, entre outras coisas disse, em 1923: "A somma de pequenas coisas faz grandes coisas. Excellencia num todo nunca é attingida sem a excellencia nos detalhes. Não estamos ensinando massas e sim individuos, mesmo quando ensinamos ás massas. Da mesma forma que em côro não se attinge eficiencia em recitar versos, não se pode, com exito, ensinar calligraphia sentado á mesa. Cada criança é um problema que requer attenção individual". Elle favoreceu o methodo pelo qual o bom alumno de calligraphia mostra ao inferior como se faz, ampliando-se desta maneira a efficacia da professora. Nunca puzemos isso em pratica, mas valeria a pena.

Taylor dá uma lista de idéas postas em pratica em escolas que revelaram grande progresso, das quaes tiramos algumas:

1. Insistir sobre a posição e movimento correcto em qualquer escripta.
2. Usar o quadro negro para ensinar o formato das letras.
3. Fazer que as crianças escrevam frequentemente no quadro negro para desenvolver desembaraço nos movimentos.
4. Corrigir diariamente os exercicios a tinta vermelha.
5. NUNCA MANDAR ESCREVER COMO CASTIGO !!
6. Fazer uso da escala para comparar e medir.
7. Frequente exame e apreciação de todos os trabalhos escriptos.

8. Marcar o tempo.
9. Mandar traçar letras no ar.
10. Fazer que os que têm má letra escrevam por cima de um modelo.
11. Guiar a mão dos que escrevem mal.
12. Dar "estrellas" pela excellencia do trabalho.
13. Corrigir na pedra os erros da classe.
14. Accentuar uma coisa só cada semana.
15. Verificar a uniformidade da inclinação por meio de traços através das letras.
16. Agrupar os alumnos, segundo a capacidade.
17. Permittir que os que escrevem mal passem pela sala, afim de escolher as melhores provas.
18. Fazer um alumno fraco sentar-se perto de um bom.
19. Ter lista de honra para esta disciplina.
20. Fazer que os alumnos comparem a primeira e ultima prova de cada mez.
21. Favorecer que o alumno critique, pela escala, o seu proprio trabalho.
22. Os alumnos devem julgar o seu (proprio) progresso.
23. Corrigir um erro de cada vez.
24. Organizar concursos entre as classes.
25. Revistas que tragam artigos sobre calligraphia, para despertar o interesse das professoras.
26. Exercicio preliminar de calligraphia antes de qualquer trabalho escripto.
27. Curso por correspondencia, tomado por diversas professoras.
28. Insistir sobre boas pennas.
29. Insistir sobre boa tinta.
30. Insistir sobre boa qualidade de papel.

Qualquer professora que se interessar pelo assumpto e realmente desejar o progresso de seus alumnos, porá em pratica qualquer outra idéa que lhe occorra.

O fim é estimular o alumno, porque, uma vez que elle comprehenda que trabalhamos em seu interesse, e que elle está conseguindo alguma coisa, metade da batalha está ganha.

Ha uma epoca, no ensino de calligraphia por este methodo, em que o espirito, isto é, a vontade, está presente, mas a execução não corresponde e as letras são mal feitas. Se, neste periodo, a professora da classe ou outras pessoas não cooperarem com o alumno, elle desanima. Conhecemos professores de vista tão curta — desleaes mesmo — que criticam a escri-

pta do alumno e criam difficuldades para que elle adquira boa letra. Nunca ouvimos falar de um professor que tivesse boa letra e fizesse isso. De facto, esses criticos destruidores têm, em geral, letra feia, de que elles muito se orgulham. Um, conhecemos nós, que se recusava a corrigir os exercicios feitos com o movimento muscular. A sua letra era medonha. Por toda a parte, excepto nas salas de aula, encontraremos individuos superiores, que dão a vida por deitar areia na engrenagem e depois solennemente observam: "Eu bem dizia que não daria resultado" e ás vezes, — é triste dizê-lo, têm-se insinuado no trabalho escolar.

Se ouvirdes queixas sobre a letra de um alumno, investigai e, se achardes que é por falta de cuidado d'elle, é muito simples. Se, entretanto, é por causa de algum professor, explicai o caso pacientemente e pedi a sua cooperação. Se elle se recusar, paciencia.

Ao mudar de um systema para outro, alguns alumnos imaginam um mundo de difficuldades, que não existem. Se um alumno escreve bem, e tão depressa como deveriam escrever os alumnos de sua classe, não ha para elle vantagem em aprender um systema novo, nem adianta obrigá-lo a aprender. Cada professora tem, a cada hora do dia, oportunidade para usar o seu bom senso; e não ha razão para suppor que ella o não ha de empregar na aula de calligraphia.

Para resumir: Tende um alvo, um alvo definido, que possa ser alcançado, e conversai sobre elle com os alumnos. Adoptai um systema que vos habilite a attingir esse alvo, e aperfeiçoi-vos nelle. Segui as instrucções com o mesmo cuidado com que foram elaboradas. Identificai a aula de calligraphia com qualquer outro trabalho escripto. Criticai constantemente e louvai sempre que puderdes. Encorajai a auto-critica por parte do alumno, pedi a critica de pessoas competentes e bem intencionadas, mas não deis ouvido á critica malévola e destruidora das pessoas incompetentes, alheias a esse trabalho. Não façaes modificações no systema que adoptaes sem ampla justificação.

Boa^a letra é sempre uma vantagem; má letra, um empecilho.

ESCALAS E SEU EMPREGO

Boa letra é sempre uma vantagem; má letra, sempre um empecilho.

Tivemos muito que dizer sobre a boa letra, e um alvo que tanto a professora como os alumnos podem alcançar, com esforço. Vamos agora apontar o que se tem feito para ajudar uma e out'os a saber o que é esse alvo, e que progressos estão fazendo para o alcançar.

Diz Medeiros e Albuquerque, em um interessante livrinho que elle denominou "Tests (Introducção ao estudo dos meios scientificos de julgar a intelligencia e applicação dos alumnos)": "O ensino da escripta soffreu uma modificação profunda. D'antes o essencial era a letra bem feita — mas bem feita, de um modo especial. Os finos e grossos, o tamanho das hastes, o arredondado das curvas, tudo isso era altamente prezado. Que o alumno andasse de vagar ou de pressa, pouco importava. O essencial era que não ficasse fina uma haste descendente nem grossa uma haste ascendente. Havia canones estheticos sagrados e inviolaveis. Hoje o que se procura é fazer um typo de letra, claro, simples e rapido. Não ha *tests* para isso. Ha escalas. Organizaram-se series de modelos, tanto de boas como de más escriptas, desde a melhor até a peor, com as notas intermediarias, e o professor, antes de dar a nota, compara cada trabalho com os da escala, até achar o que nesta se approxima da escripta do alumno. Dá-lhe então a nota".

Notai que elle não emprega a palavra *calligraphia*, e sim *escripta*. *Calligraphia* significa *bella escripta*, e sempre achámos dispensavel esse termo affectado, excepto num sentido muito restricto, tristemente restricto.

Diz Freeman sobre o emprego de *Tests* e Estatisticas: "E' necessario, por varias razões, fazer *tests* (provas, experiencias) do progresso de cada alumno da classe, a intervallos regulares, e registrar os resultados. A professora deve ter dados definidos em que se basear para seguir o progresso da classe como um todo e o de cada alumno individualmente. Isso é necessario, para que se veja se está dando resultados satisfatorios o methodo empregado, ou se o deve alterar. Essa estatistica tambem fornece os meios indispensaveis para que o superintendente julgue a proficiencia da professora. Demais, observar o seu aproveitamento representado no "grapho" de progresso, estimula os esforços do alumno. Uma classe sente-se animada, observando o seu progresso de mez em mez".

Ora, desejamos saber os resultados quanto á qualidade e velocidade. Por qualidade entendemos clareza e apparencia

esthetica, em geral. Não levamos em consideração individualidade, tamanho, inclinação, etc., a menos que influam na qualidade e velocidade; excepto, naturalmente, quando se ensina por um certo methodo, caso em que se julga tambem a inclinação. Muitas vezes, entretanto, o tamanho e outros caracteristicos têm parte importante na velocidade. As letras adoptadas pela Associação Nacional dos Inspectores de Escripta dos Estados Unidos são quasi elementares na sua simplicidade, se bem que ainda possamos ver modificadas, para maior simplificação, o t, x, g, k, etc..

Muitas escolas ensinam uma forma que não permite uma escripta rapida e legivel e estão, deliberadamente, pondo um utensilio inferior em mãos do alumno. Referimo-nos, particularmente, á letra muito espalhada, que os americanos chamam de "cerca de estacas". Não sabemos se se limita aos collegios de moças, mas são ellas que mais se entregam a essa bobagem. Todos os traços, ganchos e ornatos desnecessarios deveriam ser estrictamente prohibidos. Não são bonitos, não são facéis de ler, não auxiliam a velocidade, não se pode de facto saber para que prestam. Não têm lugar na escola.

O uso de escalas é recente. Foi em 1910 que o Dr. L. E. Thorndike, da Universidade de Colombia, preparou a primeira. Agora ha varias, e tão boas, que é difficil a escolha. A escala de Thorndike foi feita com mil amostras de escripta fornecidas por alumnos. Essas amostras foram arranjadas por ordem de merito por quarenta ou mais juizes competentes. Obteve-se uma escala de espécimes graduados, de 0 a 18, sendo o primeiro illegivel, mas revelando uma tentativa para escrever, e o ultimo um modelo perfeito. Para medir, corre-se um exemplar de escripta ao longo da escala, e vae-se comparando, até encontrar o que lhe corresponda.

Outra, mais usada, é a de Ayres, baseada na facilidade que offerecia a leitura de 1578 amostras de escripta escolar. Ha oito amostras graduadas 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80, 90. Usa-se da mesma maneira que a de Thorndike. Verificou-se que ambas são identicas quanto aos resultados, e superiores a qualquer outro methodo de avaliar a qualidade da escripta. Em geral, procuram-se duas coisas a respeito da escripta de um alumno: velocidade e qualidade, como dissemos. A maneira de fazer um test de velocidade é muito simples, mas deve ser seguida á risca. Condições uniformes devem prevalecer; de outra forma, os resultados para fins comparativos

serão nullos. Damos resumidamente, as instrucções de Wilson e Hoke, "Processo de medir" :

A phrase escolhida deve ser ao alcance dos alumnos do 2.^o anno ; não precisa ser sempre a mesma, mas simples, como, por exemplo "Eu quero ter uma boa letra". Deve ser de facil comprehensão, de modo que o alumno não seja embaraçado na velocidade. Phrases difficeis ou compridas não dão resultado.

2. Antes de se dar a prova, os alumnos devem aprender a phrase de cór. Se o alumno tiver de parar para pensar, fica prejudicado na velocidade. Alem de os fazer decorar a phrase é bom copiá-la em varios pontos da pedra, afim de poderem os que a tiverem esquecido, num rapido olhar, lembrá-la outra vez.

3. O tempo deve ser exactamente dois minutos. Expliquai os detalhes aos alumnos, antes de principiarem.

4. Tudo deve estar prompto antes de principiarem. Cada alumno deve ter papel, penna e boa tinta, e saber a phrase de cór. Pedi a todos os alumnos que levantem a penna. No alto da folha devem ser escriptos o nome, anno, cidade, data, ou outra qualquer informação que se deseje.

5. Quando estiverem promptos, dai algumas instrucções simples. Dizei-lhes que escrevam o melhor que puderem, com a velocidade habitual "Eu quero ter uma boa letra" ; e que não escrevendo até que se mande parar. A ordem de parar, devem cessar immediatamente de escrever, mesmo que estejam no meio de uma letra. Depois dessas explicações, dai as ordens : "Todos em posição. Molhar as pennas. Levantar as pennas. Começar".

6. Dentro de dois minutos, exactamente, devem receber ordem para parar e collocar as pennas sobre a carteira.

7. Os proprios alumnos podem contar as letras, escrever o seu numero sob a escripta, á direita, dividí-lo por 2, dando assim a contagem por minuto. Recolhem-se as provas.

Talvez seja melhor que a professora verifique a contagem do alumno. O meio mais facil de contar é ver o numero de letras que contêm a phrase, multiplicá-lo pelo numero de vezes que foi escripta, mais algumas letras do fim, se houver, e dividir por 2. A prova está julgada quanto á velocidade.

Dizem que julgar a qualidade por meio de escalas é igualmente facil, e que se pode adquirir habilidade em muito pou-

co tempo. O que se requer é pratica. Apparentemente, a melhor maneira de julgar uma prova, é fazê-la correr ao longo da escala, até chegar á amostra que mais approximadamente lhe corresponda. Se se não achar uma que corresponda exactamente, sendo inferior a uma e superior á que se segue, empregam-se unidades intermediarias. A contagem para qualidade deve ser registada no alto da folha, á direita.

Tudo isso deu muito trabalho e vamos agora ver se valeu a pena. Não tendo material nosso, servimo-nos de Wilson e Hoke :

Registo de notas. — Desde o começo, deve a professora adoptar o systema de dar, na mesma folha, as notas referentes á qualidade e velocidade. Vereis como isso é de proveito. A tabella n.º 1 mostra as notas de um certo 6.º anno. Ver-se-há que, dos 33 alumnos da classe, 2 escrevem correspondente a 20 ; 4 a 30 ; 5 a 40 ; 8 a 50 ; 8 a 60 ; 5 a 70 ; e 1 a 80 (Vêde os totaes no fim da tabella). O termo mediano, é pois, o do grupo de 8 a 50, e é registado como a qualidade mediana.

Os totaes de velocidade são indicados na columna á direita. Vê-se que a mediana é de 51 a 60. Neste caso, a professora determinou a media exacta de velocidade, e registrou 56.

Para determinar a velocidade mediana exacta, basta arranjar as provas por ordem de velocidade, depois contá-las até o papel do meio. No caso estudado, o do meio é o 17.º e verifica-se que marca 56 letras por minuto.

Padrões de contagem. Com as estatisticas feitas, naturalmente a professora quererá saber: Como escrevem meus alumnos comparados com outros, e quaes são os padrões que servem de base para julgar? Será que a escripta dos alumnos do 6.º anno pode variar de 20 a 80, e que 50 é uma média muito baixa? Ella nota que a velocidade varia entre 30 e 100, approximadamente. Quer isto dizer que uns alumnos escrevem tres vezes mais depressa que outros. Qual deve ser a velocidade? Agora já é possivel indicar um padrão, baseado sobre resultados obtidos em todo o paiz, bem como indicar definitivamente como escrevem, em média, os alumnos de qualquer anno escolar.

Depois que a professora faz a sua estatistica e verifica o que considera um bom padrão de qualidade e velocidade, procurará ver como remediar a situação dos alumnos que es-

tão abaixo desse padrão. Freeman ideou a seguinte "Analyse dos Defeitos da Escripta e Suas Causas" :

- | | |
|---------------------------|---|
| 1. Letra inclinada demais | 1. A mão muito perto do corpo. |
| | 2. Pollegar muito duro. |
| | 3. A ponta da penna muito longe dos dedos. |
| | 4. Papel mal collocado. |
| 2. Letra muito em pé | 1. O braço muito longe do corpo. |
| | 2. Os dedos muito perto da ponta da penna. |
| | 3. O indicador sózinho guiando a penna. |
| | 4. Papel mal collocado. |
| 3. Letra muito grossa | 1. Pressão muito forte do indicador. |
| | 2. Caneta muito fina. |
| | 3. Penna impropria. |
| 4. Letra muito fina | 1. Segurar a caneta muito deitada ou muito em pé. |
| | 2. Escrever com a penna virada de lado. |
| | 3. Caneta muito grossa. |
| 5. Letra muito angulosa | 1. Pollegar muito duro. |
| | 2. Movimento muito vagaroso. |
| 6. Letra muito irregular | 1. Falta de liberdade de movimento. |
| | 2. Movimento da mão muito vagaroso. |
| | 3. Segurar a caneta com muita força. |
| | 4. Posição incorrecta e incommoda. |
| 7. Espaços muito grandes | 1. Muito movimento lateral. |

Para mostrar com que cuidado se têm feito essas analyses, apresentamos um cartão de registro de calligraphia, feito pelo Dr. Truman Gray, da Universidade de Texas. Com o tempo, a professora poderá, ella mesma, fazer um. Não é sufficiente que o alumno saiba que a sua letra é feia; elle precisa saber porque e em que ella é inferior ao padrão.

Cartão para julgar a Calligraphia
(Ideado por C. T. Gray)

Alumno Idade Data
Anno Escola
Professora

PORCENTAGEM IDEAL	Valor attribuido a cada pro									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	etc..
1. Grossura dos traços					3					
2. Inclinação					5					
Uniformidade										
Desigualdade										
3. Tamanho					7					
Uniformidade										
Muito grande										
Muito pequena										
4. Alinhamento					8					
5. Espaço entre as linhas					9					
Uniformidade										
Muito estreito										
Muito largo										
6. Espaço entre as palavras					11					
Muito unidas										
Muito separadas										
Uniformidade										
7. Espaço entre as letras					18					
Uniformidade										
Muito unidas										
Muito separadas										
8. Asseio					13					
Borrões										
Desleixo										
9. Formação de letras					26					
Forma geral					8					
Igualdade					6					
Letras não fechadas					5					
Partes omittidas					5					
Partes accrescentadas					2					
Total					100					

Não se supõe que a professora vai elaborar as suas notas tão detalhadamente, mas ella poderá servir-se desse cartão como guia afim de orientar um alumno atrasado.

Que são alumnos atrasados? Os que não alcançam a media de sua classe, media essa estabelecida por varias experiencias. A professora, substituindo numeros por nomes na tabella n.º 1 terá esses alumnos atrasados diante dos olhos e poderá prestar-lhes especial attenção. Em lugar de dizer que dois alumnos escrevem 21-30, ella pode declarar que João e Maria escrevem 21-30; e que, quanto á qualidade, João e Guilhermina estão classificadas muito baixo.

A escala mais antiga é a de Thorndike, feita em 1910. Alem de varios typos de letra para cada classificação, ella contem uma tabella de calligraphia elaborada para os diversos annos escolares, do 2.º ao 8.º, dando Velocidade e Qualidade. Desta dá duas: a Qualidade commum é a melhor, e define a significação de cada termo.

A escala de Ayres contêm amostras de escripta classificadas de 20 a 90, inclusivè, com instrucções para se fazerem e classificarem as provas. Apresenta tambem a porcentagem de alumnos de varios annos que attingiram certa qualidade e certa velocidade. Demais, tem um "grapho", que mostra quanto e como devem escrever os alumnos dos diversos annos escolares. A vantagem da escala de Ayres, alem do seu valor intrinseco, é que tem sido muito empregada em investigações. Os resultados dessas investigações podem ser melhor comprehendidos se a gente se habitua a essa escala. A Escala de Calligraphia da cidade de Nova York, preparada por C. C. Lister e G. C. Myers, dá tres classificações: quanto á forma, movimento e intervallo. Baseia-se no movimento muscular e é graduada de 20 a 90. Contem instrucções sobre sua applicação e uma tabella que dá a Forma, Movimento, Espaço e Velocidade, anno por anno, do 4.º B ao 8.º B. Foram empregadas escriptas de 18.000 alumnos para servirem de base a essa tabella.

Recommendamos que em cada sala haa uma escala de Lister, de maneira que os alumnos possam consultal-a; e que a escola tenha copias das escalas de Thorndike e Ayres, para uso das professoras.

Os velhos methodos não satisfazem as novas exigencias. Uma boa letra vai-se tornando cada vez mais uma necessidade. Podemos ensinar boa letra e temos os meios á mão. Podemos ter um alvo attingivel: — uma escripta legivel, fa-

cil e rapida — e podemos avaliar o nosso progresso no esforço para obtê-lo. Não precisamos mais trabalhar ás escuras e sózinhos. Podemos nos valer de vastas investigações scientificas. Tudo isso podemos fazer. Havemos de fazê-lo ?

Boa letra é sempre uma vantagem; má letra, sempre um empecilho.

TABELLA N.º 1

Distribuição de Notas para um Sexto Anno

	20	30	40	50	60	70	80	90	Totaes Velocidade
1 — 20									
21 — 30	1	1							2
31 — 40		1	1	1		1			4
41 — 50	1	1	2	2	1				7
51 — 60		1	1	2	3	1			8
61 — 70			1	2	2	2			7
71 — 80				1	1		1		3
81 — 90						1			1
91 — 100					1				1
Totaes Qualid.	2	4	5	8	8	5	1		33

Qualidade Mediana 50 Velocidade Mediana 56

TABELLA N.º 2

Velocidade Alcançada em Diversas Cidades

Annos	1	2	3	4	5	6	7	8
Cleveland					60	70	76	80
Kansas City (Maio)			53	64	69	76	76.5	
Denver			36	50	54	63	66	69
South Bend (Maio)		33	48	63	77	82	93	106
56 cidades de Freeman		31	44	51	59	63	68	73
Brookline					76	87	90	98
Newton					73	85	94	102
Missou i Training Schools					80	92	92	102
33,569 crianças no Estado de Iowa	29	39	50	62	65	73	75	79

(Outra tabella semelhante para Qualidade)

N. B. Na Tabella n.º 1, as acima da linha horizontal são inferiores em Velocidade; as á esquerda da linha perpendicular são inferiores em Qualidade.

Velocidade para o Sexto anno,	Freeman	72;	Starch	65
Qualidade	"	"	"	47

S. Paulo, 1.º — 12 — 1925.

O Slöjd em S. Paulo.

N. 112 — Secretaria d'Estado dos Negocios do Interior.

S. Paulo, 26 de Julho de 1894.

Cidadão Felisberto de Carvalho, DD.
Director interino do *Pedagogium* da Capital Federal.

Chegando ao meu conhecimento que o *Pedagogium* possui duas colleções de modelos de trabalhos manuaes da Escola de Nääs, da Suecia, e que póde ceder uma dessas colleções á Escola Modelo desta cidade, peço-vos que envideis esforços e deis as necessarias providencias afim de que seja remettida a esta Escola uma das referidas colleções.

Certo de que a aquisição desses modelos vem contribuir poderosamente para o progresso e desenvolvimento dos trabalhos manuaes nas escolas deste Estado, resolvi dirigir-vos este officio.

Aproveitando o ensejo tenho o prazer de externar-vos a minha satisfação pelo importante papel que o *Pedagogium* tem representado, qual o de suggerir, em alta escala, idéas e conhecimentos uteis ao professorado do Brasil. — Saúde e fraternidade.

(a.) DR. CEZARIO MOTTA JUNIOR.

O ENSINO PUBLICO

THESE : A ORIENTAÇÃO GERAL DO ENSINO DEVE SER ESSENCIALMENTE THEORICA, DEVE VISAR A MAIS ALTA THEORIA

Ernesto Luiz d'Oliveira

Lente de mecanica applicada na Faculdade de Engenharia do Paraná, membro da Academia Paranaense de Letras.

Para principiar desejo deixar bem estabelecido que A ORIENTAÇÃO GERAL DO ENSINO DEVE SER ESSENCIALMENTE THEORICA ,DEVE VISAR A MAIS ALTA THEORIA. E como esta affirmação póde parecer paradoxal, vou, antes de mais nada, escudá-la em duas auctoridades das quaes não sei para quem se possa appellar, Pasteur e Lord Kelvin.

São de Pasteur estas palavras: — “Sem a theoria, a pratica não passa de rotina, filha do habito; unicamente a theoria póde fazer surgir e desenvolver o espirito de invenção. Caiba sobre tudo a vós não partilhar da opinião desses espiritos estreitos que desdenham nas sciencias tudo isso que não tem uma applicação immediata”. (Apud P. G. Charpentier — LES MICROBES — pag. 1).

E'mile Picard — VIE ET OEUVRE DE LORD KELVIN — pag. 10, transcreve estas palavras de Lord Kelvin: — “Quando acompanhamos o desenvolvimento da Sciencia desde as antigas idades e os progressos feitos pelo espirito humano na descoberta da verdade, sentimos que o poder de achar as leis estabelecidas pelo Criador para manter a harmonia de suas obras constitue o mais nobre privilegio que Elle concedeu á nossa intelligencia. Se para alcançar esse fim negligenciamos desenvolver as faculdades com que Elle nos dotou, rejeitamos os seus dons e nos tornamos indignos dos seus beneficios”. O professor, continua E'. Picard, não podia deixar de salientar a importancia do trabalho scientifico para melhorar a condição humana, mas elle insiste que se não deve considerar esse melhoramento como o objectivo proprio da Sciencia e o seu fim ultimo. “Nada, diz elle, poderia em maior grau prejudicar o desenvolvimento scientifico do que a pred-

minancia de uma tal maneira de ver as coisas... Em realidade, nenhuma grande lei da Natureza foi descoberta por suas applicações praticas, emquanto que são innumeraveis os exemplos de indagações feitas fóra desse fim estreito e que mais tarde conduziram a essas applicações".

Pasteur é por demais conhecido para que seja necessario encarecer o valor do seu deprecimento. Quanto a Lord Kelvin, por consenso unanime dos sabios do mundo inteiro coube-lhe o primeiro lugar entre os physicos e matematicos do passado seculo. Basta dizer-se que quando elle morreu, e m homenagem ao seu grande genio, os ingleses arrombaram o tumulo de Newton para sepultá-lo alli. E H. Poincaré, no seu livro — SAVANTS ET E'CRIVAINS — assim commentou esse singular preito de admiração: "Essa homenagem foi justa, porque desde Newton o mundo jamais tinha visto, reunidos numa só cabeça, um matematico e um physico". Assim é que destas duas autoridades não sei para quem se possa appellar.

DEFINIÇÕES: — Theorico é o ensino que visa estabelecer entre os phenomenos naturaes as relações de causa a effeito sem intermediario; ao passo que é pratico o que ensina a fazer certa coisa de certa maneira sem se curar de estabelecer essas relações.

A eliminação dos intermediarios é da mais alta importancia; sem ella nunca se poderia dizer que tal ou qual effeito fóra produzido por tal ou qual causa. Assim foi que quando Sir George Stocks, pela analyse espectral, demonstrou a existencia do **Sodium** na atmosphaera do Sol, a sua demonstração não foi considerada perfeita emquanto não se conseguiu distinguir a raia do **Sodium** que provém do Sol da que pôde provir da nossa propria atmosphaera. O mesmo succedeu, tambem, quando se procurava estabelecer a relação entre o calor e o trabalho. Entre o calor que era a causa e o trabalho que era o effeito, havia o calor empregado em modificar a substancia trabalhante. Carnot, porém, ensinou a eliminar esse intermediario fazendo a substancia trabalhante descrever um cyclo completo, de modo a ficar no fim da transformação precisamente no estado inicial. Succede assim que, se houve calor consumido na primeira phase da transformação, em modificar a substancia trabalhante, esse calor foi eliminado na segunda phase da transformação que trouxe a substancia trabalhante ao seu estado inicial. E só assim se pôde

dizer que uma certa quantidade de calor produzia uma determinada quantidade de trabalho.

Os spiritistas, por exemplo, nunca puderam entender que a presença de um medium e do intermediario constituído pelo medium e pelo meio psychico que o cerca nos impossibilita em absoluto de affirmar scientificamente que os phenomenos em que elles baseiam suas hypotheses sejam devidos a espiritos de além tumulo. E porque não serem devidos aos intermediarios ?

DEMONSTRAÇÃO DA THESE: — Quando os geometras gregos estudaram as propriedades das conicas em suas menores minucias, só lhes faltando rectificá-las e quadrar a hyperbole para que esse estudo tivesse sahido perfeito de suas mãos longe estavam de imaginar, por exemplo, que um dia Keppler havia de descobrir que os astros descrevem em torno uns dos outros precisamente essas curvas e que esse conhecimento iria concorrer para o calculo das rotas maritimas e, desse modo, para o incremento do commercio entre os povos. Mesmo nos dias de Archimedes teve este occasião de metter em pratica as suas admiraveis descobertas. Foi a sua cidade cercada por mar e por terra pelos romanos. Archimedes, exemplo dos verdadeiros sabios, collocou seu genio ao serviço da defesa da patria. Baseado no conhecimento das propriedades da parabola por elle mesmo descobertas, construiu os seus celebres espelhos ardentes e incendiou no mar a esquadra inimiga. Construiu formidaveis machinas de artilharia que lançavam sobre os romanos enormes pedras e massas inflammadas. Construiu, ainda, numerosas outras machinas para diversos usos, inclusive uma para irrigar os campos. Pois bem. Esse genio singular não julgou que uma só sessas memoraveis applicações de suas theorias fosse digna de figurar entre seus escriptos !

“Ainda que a maior parte das indagações de Archimedes, observa Montucla, HISTOIRE DES MATHEMATIQUES, vol. I, pag. 222, tivesse por mira um fim util, elle considerava sempre a pratica como uma vil escrava da theoria; e todas essas engenhosas machinas que a defesa da patria ou outras circumstancias lhe fizeram imaginar não passavam, a seus olhos, de simples passatempos geometricos cuja descripção elle nem mesmo julgou digna de figurar entre seus escriptos. A essa delicadeza, que não lhe podemos agradecer, se deve o termos ficado privados duma multidão de inven-

ções das quaes nem mais um traço resta. Sirva isto, entretanto, de resposta a essas pessoas que não se cançam de declamar contra a theoria e que pouco falta para a tratarem de vã curiosidade. Que mais será necessario para as confundir do que esse exemplo que lhes mostra no mesmo homem o autor das mais maravilhosas invenções e o mais profundo espirito na theoria ?

Quando Ampère e Faraday, por méra curiosidade scientifica, procuravam estabelecer as relações entre a electricidade e o magnetismo, mal poderiam suspeitar que desse estudo puramente theorico iria nascer o dynamo, destinado a revolucionar a vida das cidades. Quando Pasteur discutia com Puchet sobre a origem da vida, mal se poderia suspeitar que dessa indagação, puramente theorica, nasceria a vaccinotherapia, a serumtherapia, a nova chirurgia, a nova hygiene. As ondas electricas, antes de terem sido realizadas por Hertz e Branly e lançadas nos espaços transoceanicos por Marconi, estavam calculadas em suas menores minucias no Tractado de Electricidade e de Magnetismo de C. Maxwell.

Vou ainda referir um testemunho do mais alto valor. Durante a Grande Guerra, num dos seus extraordinarios discursos, disse Lloyd George: — “Nós temos um grande exercito, temos abundancia de material, munições em quantidade sufficiente; só nos faltava um homem que tivesse a visão geral das coisas, que fosse capaz de abranger com uma só mirada o conjunto das necessidades militares. Pois bem. Esse homem appareceu: é o marechal Foch. Vamos, pois, ganhar a guerra”. Commentando estas palavras assim se exprimiu uma importante revista inglesa: “Se esta guerra com todos os seus horrores e sacrificios ensinar ao povo inglês a necessidade de theorizar devemos conceder que ella não nos foi inutil”.

A pratica, a unica pratica digna de figurar nas escolas technicas, é aquella que se exercita no campo illuminado pela mais alta theoria.

Succede algumas vezes que algum pratico descobre alguma coisa util; é assim que antes da Chimica já se sabia tingir a lã, curtir o couro; antes da Bacteriologia, já se fabricava o pão, o vinho, o queijo; foi um camponês que inventou o cimento armado; mas em todos esses casos, o inventor, por falta da theoria, se viu na impossibilidade de aperfeiçoar suas descobertas, e estas só tomaram todo o desenvolvimento de

que eram susceptiveis depois que achiram nas mãos de espiritos dotados com o sufficiente preparo theorico.

Proponho que se crie na capital de cada um dos Estados uma Faculdade de Altos Estudos, abrangendo todos os ramos do saber humano, afim de orientar a cultura nacional e fornecer ás industrias os conselhos technicos que só a alta theoria póde ministrar.

O ENSINO TECHNICO NO BRASIL

Certa vez tive oportunidade de visitar a Escola Agricola de Piracicaba. A um continuo, ou a não sei quem, que teve a gentileza de me mostrar o edificio da Escola observei que para um curso de engenharia agronomica era insufficiente o numero de preparatorios que se exigia para a matricula n'elle estabelecimento. E elle, condoido da minha estupidez, respondeu-me: — "Mas nossos alumnos aqui apprendem a pegar na rabiça do arado!" E eu lhe disse: — "Eu tenho lá em minha fazenda um preto que para pegar na rabiça do arado é um féra. Não queririam, os senhores, contrató-lo para ensinar aqui?" Longe estava o meu amavel interlocutor de imaginar que o mundo deve o que come a dois homens que talvez, durante a vida, nunca tivessem plantado uma batata! Refiro-me a Liebig e a Berthelot, os fundadores da Chimica Agricola e da theoria da adubação do solo. Li a pouco que um alumno dessa Escola foi dispensado de prestar os preparatorios do Trigonometria e de Physica. Eis, então, um futuro engenheiro que não saberá medir seu campo, nem lei o seu barometro! É a esse engenheiro é que se ha de encarregar de construir a estrada, montar a machina, fertilizar o solo esteril, conservar os productos agricolas, transformar as essencias florestaes? Dê-lhe o fazendeiro a filha em casamento; mas não lhe confie a administração da fazenda!

Estão fundamentalmente errados os cursos de Engenharia Chimica subvencionados pelo Governo Federal, uma vez que para a matricula nesses cursos sómente são exigidos quatro preparatorios, quando se deveria exigir, além de um curso completo de humanidades, o curso geral de engenharia.

Em Porto Alegre tive occasião de visitar um desses estabelecimentos. Nada havia que se dizer do bello edificio em que se achava installado o curso de Engenharia Chimica; o material de ensino era sufficiente; a bibliotheca, magnifica,

Quando, porém, eu observei que quatro preparatórios apenas era um alicerce fraco demais para supportar o peso de uma tão pesada construcção, responderam-me que o que elles tinham em mira era um curso exclusivamente pratico. Eu, porém, tirei da bibliotheca um livro de Chimica de Nemst, abri ao acaso e mosteri-lhes uma pagina repleta de integraes. Perguntei-lhes: — Um engenheiro chimico, formado por esta Escola, poderá ler este livro? Responderam-me: — Não. Então eu disse: — Donde se conclue que um engenheiro chimico, formado por esta Escola, sai daqui sem ter ao menos adquirido conhecimentos sufficientes para ler o trabalho de um chimico estrangeiro. Não se fale, a esse engenheiro, de energia, de entropia, de equilibrios chimicos, de potencial thermodynamico, de velocidade de reacções. Tudo isso será para elle simplesmente incomprehensivel.

Tratar-se-á de um engenheiro chimico? Na verdade, o que se tem é a caricatura de um engenheiro chimico!

De um tal engenheiro não se poderá esperar a proeza que praticou Berthelot quando Paris estava sitiada pelos exercitos allemães, em 1870. Nessa angustiosa situação elle applicou á fabricação das polvoras o principio por elle descoberto de que o poder explosivo de qualquer mistura é proporcional á differença entre o calor de formação dos corpos misturados e o calor desenvolvido pela transformação explosiva. (Berthelot — SCIENCE ET PHILOSOPHIE — pag. 142). Conseguiu assim uma polvora que dava aos projecteis franceses muito maior alcance que o que tinham os dos exercitos sitiados. Resultou dahi que Paris não pôde ser tomada de assalto. Apenas pela fome conseguiram tomá-la os sitiados. Queixava se mais tarde, Berthelot, de que se não tivesse solicitado mais cedo o concurso dos sabios; talvez tivessem podido torcer o curso dos acontecimentos... Façanhas como essas só podem practicá-las os espiritos eleitos que podem se abalançar aos dominios da mais alta educação theorica.

Desses factos tira Berthelot uma consequencia que, diz elle, "IMPORTA JAMAIS ESQUECER", e vem a ser que "todos os povos civilizados, para augmentarem seu poderio material, são obrigados, sob pena de decadencia, a manter em seu seio, no mais alto ponto, o nivel dos conhecimentos theoreticos". (OPER. CIT., pag. 146).

O director da Escola Electrotechnica de Itajubá declarou que os cursos daquella escola haviam de ser "exclusi-

vamente praticos". Ou elle muda de orientação ou seu fracasso será inevitavel. Fabricará engenheiros, rotulará uns, pinçelará outros; mas enquanto elle não conseguir que seus alumnos sejam capazes de manejar com aproveitamento o Tratado Maxwell ou as obras de Poincaré e de Lord Kelvin não sairá dessa Escola um engenheiro de verdade.

Eu, se fosse phosphoro na publica administração, daria ampla liberdade aos estabelecimentos de ensino superior para que organizassem seus cursos conforme melhor lhes parecesse. A tutela official é, nesse departamento, comparavel á do sapateiro que sobe acima dos sapatos. Tambem eu havia de obrigar a todos os professores do ensino superior que escrevessem seus cursos. Sómente por essa providencia seria possível libertar nosso ensino da tutela estrangeira. Nossa sciencia é bebida em livros estrangeiros e só accessivel a quem conheça as respectivas linguas. Qual a razão desse estado de coisas? Já que os professores não têm estímulo profissional para escreverem seus cursos, é dever do governo obrigá-los, por decreto.

Considero a instrucção gymnasial como a que é mais importante para a vida da nação, por ser ella a que dota o individuo com a preparação integral e o torna apto para exercer qualquer mister; é aquella que permite e facilita uma rapida especialização. Na Allemanha, de cada duzentos jovens de ambos os sexos, um tem curso gymnasial. Proponho que no Brasil se crie um gymnasio em caada lugar onde haja duzentos jovens com boas notas, em exame primario.

Uma vez que o tempo é o principal factor da boa educação intellectual, deve o curso gymnasial ser de nove annos, como na Allemanha; deve constar de dez mezes de effectivo curso por anno e de trinta e seis horas de aulas por semana. O numero de materias de que actualmente consta deve ser reduzido a dois terços, isto é, deve ser completamente expurgado dessas balelas literaticas, psychologicas, philosophicas e que sei eu, para orientar-se exclusivamente para o cultivo das sciencias fundamentaes, para o estudo das linguas classicas, da lingua patria e de apenas uma lingua estrangeira moderna. Em summa, deve o ensino gymnasial visar a formação da grande cultura.

Confesso que o analphabetismo no Brasil constitue uma vergonha; mas nego que constitua um problema, uma vez que

a solução desse pseudo problema constitue verdadeiro ovo de Colombo.

Na Italia, paiz pobre, super-povoado e sobrecarregado de dividas, só falta pagar-se para que alguém estude; pois além de ser o ensino gratuito, dá o governo aos estudantes os livros, o material de ensino e ainda o almoço! No Uruguay até a instrucção superior é gratuita. Taxar-se o ensino publico é um crime digno de forca.

Na Suissa certo cidadão percorreu todas as escolas da cidade para matricular um filho e em nenhuma encontrou lugar. Dirigiu-se ao Consistorio e apresentou sua reclamação. O Consistorio tomou a seguinte e memoravel resolução, mui digna da nação mais culta da terra: — "Crie-se uma escola para attender ás necessidades do supplicante". Não pretendo que no Brasil se crie uma escola onde haja um analphabeto; mas não ha escusa possivel para que se não crie uma onde haja vinte!

Apreciada em conjuncto a nossa situação relativamente á instrucção publica, minha impressão é a de que nos achamos em franco retrocesso, em phase de decadencia, em pleno regimen do envernizamento. A aspiração de nossa juventude não é a sciencia, a cultura do espirito; mas apenas a obtenção de um diploma. Nesse afan vai-se até ao absurdo, até ao inconcebivel dos exames por decreto, originalissima criação da mentalidade que nesta quadra historica dirige nossos destinos.

A mim, se me pedissem um paiz que nos pudesse servir de modelo, eu indicaria sem hesitar a Allemanha. E a prova de que é possivel, em uma geração, assimilar e generalizar a cultura dessa grande nação temo-la no Japão, a Allemanha do Oriente. Porque não poderemos ser a Allemanha da America? Na verdade que poderemos sê-lo, que temos para isso capacidade; infelizmente, porém... infelizmente, porém, se não abirmos os olhos passaremos a ser dentro em breve a nação menos culta da terra. A Russia, a celebre Russia dos Soviets, solennizou o advento da sua nova organização social com a criação de cinco novas universidades e elevação a essa categoria de mais dois institutos existentes. Nós-outros, com uma extensão territorial igual á daquelle paiz, temos apenas uma!

OBJECÇÕES E RESPOSTAS

Estas palavras foram proferidas na Academia de Letras do Paraná, sob a presidencia de s. exa., o desembargador H.

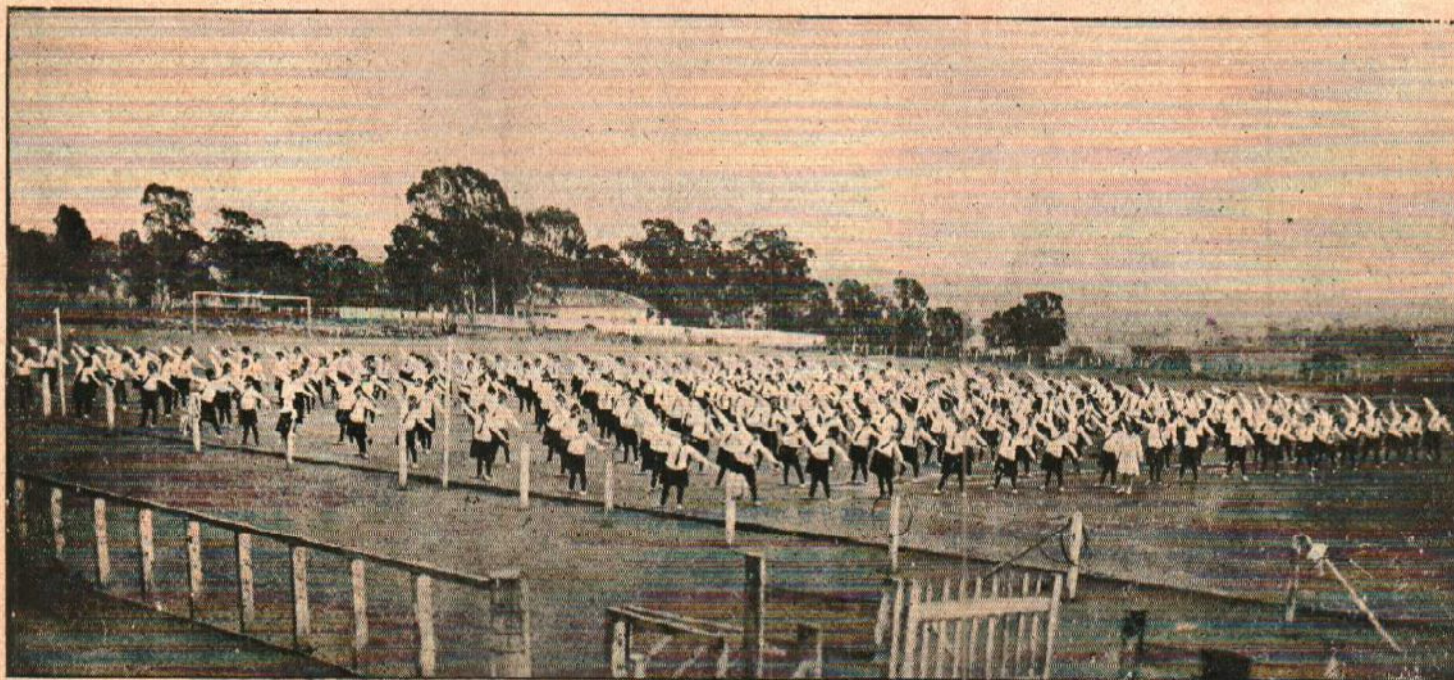
de Santa Rita, e depois, no salão da Capella do Redemptor da Egreja Episcopal de São Paulo, sob a presidencia de s. exa., o reverendo Salomão Ferraz. Em ambos os lugares fui honrado com perguntas por tarte das pessoas presentes, ás quaes respondi como pude. Desejo, entretanto, consignar aqui algumas dessas perguntas e as respectivas respostas.

— Eu acho, objectou-me um de meus ouvintes, que o ensino deve ser ao mesmo tempo theorico e pratico. Pois nenhum ensino é verdadeiro ensino si não fôr ouvido, gostado, visto, cheirado e apalpado.

— Não basta, respondi. Muita gente viu uma maçã cair; mas Newton viu a mesma queda com outros olhos que não os dos demais. E porque, senão porque tinha uma preparação theorica que os outros não tinham? Muita gente viu oscillar a lampada da Cathedral de Piza; mas Galileu viu o mesmo phenomeno sob uma luz de que não dispunham os outros. Vem a proposito citar aqui o caso do burrinho que a moleirinha de Guerra Junqueiro todos os dias tangia para o moinho levando milho e trazendo farinha. E tanto milho levou e tanta farinha trouxe que, para elle, toda a existencia se resumia em milho, farinha e moinho. Um dia levantou o burrinho os olhos ao céu e viu o firmamento constellado... viu a lua! Que pensou o burrinho? Elle disse: — “Quanto milho loiro! Quem será que móe estas farinhas d’ouro com a mó de jaspe que anda além nos céus?” Póde assim tambem succeder que muita gente olhe para o admiravel espectáculo da Natureza e por falta do necessario preparo theorico diga lá com os seus botões: — “Quanto milho loiro!...”

— O sr. deve concordar, objectou-me um outro, que um individuo que apenas apprende os primeiros rudimentos da Arithmetica póde disso tirar proveito.

— Sem nenhuma duvida, respondi. Pois até os burros da antiga Companhia Villa Izabel, do Rio de Janeiro, apprenderam a contar até cinco e tiravam disso muito proveito. Tinham elles de dar cinco viagens e depois das cinco não havia força humana que os obrigasse a uma sexta. E então, porque elles sabiam mais arithmetica que muitos dos nossos letrados, seria o caso de entregarmos a elles a direcção de nosso Paiz? Nós vivemos num tempo em que, com a theoria da relatividade, o espirito humano conseguiu reunir numa só synthese o conjuncto da Mechanica e da Physica; em que a



ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.

Alumnas normalistas em exercicios collectivos de Gymnastica, sob a direcção da habil e competente professora da aula, D. Elsa Abbt.

(A professora é diplomada pela Escola onde hoje ensina, com dedicação e optimos resultados).

nossa antiga electrostatica e a nossa electrodynamicica se constituiram em um simplice problema de analyse mathematica; em que o calculo tensorial de Rimann, Ricci, Levi-Civita e Einstein multiplicou por dez as nossas antigas concepções. Que é o que se está fazendo para ensinar á nossa mocidade o calculo tensorial? Onde poderão os nossos jovens patricios aperfeiçoar seus estudos de Mathematica, de Physica, de Historia Natural, de Historia Universal, de Linguistica, de Literatura e de Philosophia? Nossa juventude precisa de Sciencia, de Sciencia alta, e não simplesmente dessa que é accessivel até aos irracionaes.

Um outro assistente perguntou-me: — Que papel reserva o sr. á experiencia no seu systema de ensino?

Respondi: — A experiencia é necessaria para o estabelecimento e para a verificação da theoria. A discussão entre Pasteur e Puchet sobre a origem da vida era de natureza essencialmente theorica e feriu-se toda ella no terreno experimental. Devo, entretanto, confessar que a experiencia jamais terá a precisão de uma demonstração geometrica. Galileu deu a uma lamina de cobre a fórma de um segmento parabolico e a um outro pedaço da mesma lamina, a fórma de um parallelogrammo cuja base e cuja altura eram iguaes ás correspondentes do segmento. Com a balança na mão demonstrou que os pesos destas figuras estavam entre si como dois para três. Donde concluiu que esta era tambem a proporção das respectivas areas. Archimedes, parece-me, se assistisse a uma tal demonstração, genuinamente experimental, da quadratura da parabola, havia de rir-se da ingenuidade de Galileu. Por semelhante processo não seria difficil achar-se a quadratura do circulo!...

A theoria esclarecendo a pratica é o que se póde chamar "os bois adiante do carro". Não ha quem impugne isso! Seria desarazoadado.

Mas dahi se segue que collocar a pratica antes da theoria é metter o carro adiante dos bois. Absurdo que muita gente sustenta.

Porém o cumulo do desvario é o desses que querem a pratica conjuntamente com a theoria! Isso equivaleria a collocar o carro de mistura com os bois!!

O ENSINO DA LEITURA

PRINCIPAES REFORMAS MODERNAS NO DA LEITURA

POR WILLIAM S. GRAY

Professor de Educação da Universidade de Chicago

Numerosas são as influencias que têm contribuido para as reformas modernas no ensino da leitura. Estas influencias podem ser examinadas abreviadamente tres influencias muito significativas, que são uma compenetração da leitura na infancia e na vida adulta, uma compreensão mais lata da importancia da leitura e da necessidade de uma preparação intelligente em todas as actividades ledoras, e um reconhecimento generalizado da necessidade da reforma dos methodos de ensinar a leitura.

O exame dos cursos de estudo em uso ha 20 annos mostra claramente que o ensino da leitura daquelle tempo era dominado pela busca de tres objectivos, a saber, a completa da mecanica da leitura, a formação de habito de boa leitura oral e o cultivo da apreciação da literatura. Embora valiosos em si mesmos visam estes objectivos principalmente o desenvolvimento de certos habitos fundamentais da leitura e o estímulo da leitura em um campo um tanto limitado.

Durante estes 10 ultimos annos têm mudado radicalmente os intuitos da instrucção da leitura. Hoje em dia pensamos na leitura como um meio de ampliar as experiencias dos meninos e das meninas, de estimular os seus poderes mentaes e de ajudá-los a viver uma vida tão plena e tão rica quanto possivel. Quer isto dizer que o alcance do ensino da leitura deve ser muito mais largo do que nas decadas passadas.

(*) Do Boletim da União Pan-Americana - Folheto n. 23.

Para a mestra bem sucedida a leitura já não constitue mais uma materia isolada no curriculo escolar, senão um trabalho intimamente relacionado com quasi todas as actividades escolares. A instrucção ministrada é larga e comprehensiva em grau correspondente. Além disso, ella toma em consideração as actividades dos alumnos fóra da aula e adopta providencias definitivas para animar as actividades das quaes faz parte a leitura. E' evidente, porém, que um programma moderno de leitura ajuda os alumnos a occuparem-se de actividades convenientes tanto na aula como fóra da aula afim de que as suas vidas sejam saudaveis, ricas, estimulantes, productivas, e e criadoras, tanto quanto o permittirem as suas respectivas capacidades.

As modernas reformas na leitura baseiam-se no facto de que a interpretação intelligente constitue um objectivo de maior importancia. Ha 20 annos atrás a leitura oral era o objecto de tanta accentuação que pouca ou nenhuma attenção se dava a outros aspectos da materia. Investigações recentes fazem ver que as crianças e os adultos lêem primordialmente para obtenção de conhecimentos, para conseguir auxilio na solução de problemas, para satisfazer o interesse e a curiosidade e para conseguir prazer durante as horas vagas. Na consecução destes fins e muitos outros o leitor precisa dirigir a sua attenção primordialmente para o conteudo, precisa pensar claramente á medida que lê, e precisa accomodar a sua velocidade no ler ao fim visado. De maneira muito geral a leitura é um processo de raciocinio correcto que é estimulado e orientado pelas impressões recebidas dos symbolos impressos.

A accentuação que se tem dado ultimamente á leitura silenciosa nasce de dois factos, a saber, que este typo de leitura se emprega muito mais frequentemente do que a leitura oral, e que habilita o leitor a concentrar os pensamentos sobre o conteudo do que lê. Agora que está claramente conhecida a distincção entre a leitura oral e a leitura silenciosa, precisamos dirigir a attenção para os methodos que se podem empregar na obtenção de uma interpretação intelligente em todos os typos de actividades da leitura. A este proposito convem tomar em consideração os diversos intuitos pelos quaes se lê, accentuando-se os habitos da leitura meditada, que habilita o leitor a conseguir convenientemente o objectivo visado, como por exemplo lendo para encontrar respostas a perguntas, para

obter informações que o ajudem a resolver um problema, a determinar o intuito do autor, para seguir direcções ou para gozar uma boa historia.

O terceiro facto que conduziu ás mudanças recentes no ensino da leitura é o de que os methodos tradicionaes não contam com o desenvolvimento rapido de todas as attitudes, habitos, e habilidades na leitura que são essenciaes. Os empregos sociaes mais generalizados da leitura apresentam novas exigencias que os methodos tradicionaes não satisfazem. A descoberta do facto de que os objectivos differentes da leitura são acompanhados do emprego de processos differentes no ler tem criado a necessidade de methodos de ensino capazes de promover habitos de leitura intelligente para cada objectivo util entre uma certa variedade dos mesmos. Os estudos de laboratorio no relativo aos movimentos dos olhos na leitura tem levado a um conhecimento mais claro dos habitos fundamentaes da leitura e dos methodos por meio dos quaes se desenvolvem. A boa mestra de leitura está por isso procurando sempre methodos melhorados que a auxiliem na consecução economica e efficaz de resultados.

A LEITURA NO PRIMEIRO GRAU

Por GERTRUDES T. SHIPLEY,
Inspectora de Escolas Primarias em Baltimore

Muito poucas pessoas interessadas na instrucção primaria duvidam hoje em dia do valor da phase anterior ao livro no ensino da leitura inicial. Seria difficil exaggerar tal valor, pois é durante estas primeiras semanas da vida escolar que se fixa permanentemente a attitude da criança para com a leitura. O desejo de ler que existe na generalidade das crianças quando primeiro vêm para a escola pode ser desenvolvido ou destruido dentro de um breve espaço de tempo. O objectivo ultimo e anelado de toda instrucção de leitura é a acquisição do habito de leitura, habito que permittirá ao individuo adulto o gozo de muitas horas de lazer com um bom livro.

Assim, pois, como tantas coisas dependem do inicio da leitura, que poderemos nós professoras fazer para assegurar a acquisição não só da capacidade para ler senão tambem do desejo de ler, que é igualmente importante? As duas cousas

devem ir de mãos dadas se é que esperamos fazer da leitura uma alegria e não um trabalho penoso.

As primeiras actividades da leitura devem basear-se nas experiencias das crianças. Sempre que se perde uma oportunidade para utilizar o rico fundo das experiencias pre-escolares e actuaes da criança opera-se uma quebra no seu crescimento normal e se lhe impõe uma pericia formal, em vez de induzi-lo a uma experiencia genuina e viva. O seu vocabulario oral pre-escolar deve constituir a sua iniciação no vocabulario desusado necessario para a leitura. Desse modo se simplifica o primeiro ensinamento da leitura, porque a professora tem apenas de acrescentar o symbolo *visual* ao symbolo *oral* cheio de significação que a criança já possui.

O primeiro problema é este: Qual a melhor maneira de ligar o symbolo oral ao symbolo visual? Durante toda a sua vida a criança tem estado occupada activamente em cada minuto do seu dia de vigilia. Não está prompta para sentar-se passivamente com o livro na mão e ouvir dizer que esta palavra significa *rapaz*; e que aquella outra quer dizer *menina*. Nem está prompta para enfrentar as difficuldades mecanicas de lidar com um livro. Nós procuramos hoje em dia no ensino dos principios da leitura providenciar para a alegria da criança na actividade e para sua soffreguidão para fazer alguma cousa. As actividades motoras constituem a base das suas primeiras experiencias na leitura. A professora marca algumas destas no quadro negro e algumas de interesse mais duradouras ella assignala de forma mais permanente. Emprega sentenças de acção que a criança tenha um motivo real para ler silenciosamente com correcção, pois, se consegue ler, tem o prazer de executar a actividade suggerida. Pode sair do banco e correr para a porta, ou então terá de rolar a bola, em obediencia á direcção: *Rola a grande bola vermelha*, escripta no quadro negro pela professora. Tem de procurar ler os avisos pregados na taboleta dos boletins; pois do contrario pode perder alguma noticia que lhe seja de importancia vital. Observa attentamente tudo quanto se acta escripto no quadro negro, pois em regra geral disso resulta alguma cousa bastante agradável. Os dizeres poderão ser: "Vamos brincar" de "jack-in-the-box" ou "Queres ir dar um passeio?" Não quer ficar um minuto atrás dos seus vizinhos no descobrir o que se segue no programma. A intervallos frequentes no correr do dia é cha-

mada para ler alguma cousa, e cada vez que isso se dá encontra um motivo real para se esforçar.

Os assumptos escolhidos para as actividades da leitura que precede o livro devem ser variados. Quanto maior fôr a variedade e quanto mais numerosas as actividades tanto menos necessidade haverá do exercicio que constitue trabalho penoso. Assumptos que valham a pena podem ser derivados das experiencias communs (passeios, jogos, partidas, excursões, feriados, actividades caseiras, dramatizações, etc.); da literatura de interesse commum (narrativas, poesias infantis, charadas), e de fontes existentes na natureza (um animal de estimação, o aquario da escola, uma casca de ovo, uma casa de flores, etc.).

A professora deve consultar frequentemente o vocabulario do primeiro livro de leitura que se pretenda utilizar, sempre que isso se possa fazer de maneira natural, entretecendo algumas das palavras mais frequentemente usadas nas experiencias da leitura anterior ao livro. Deve, porém, ter muito cuidado em não limitar o vocabulario empregado, durante a phase que precede o livro, ao que tenha de ser usado no primeiro livro de leitura. As crianças durante esta phase precisam e devem ter muitas palavras que não se encontram nos primeiros livros de leitura. Por exemplo, logo de principio precisam saber o que dizem os signaes do trafego, a significação de um signal de *pintado de fresco* e muitos pedacinhos importantes de leitura que lhes são necessários na sua vida quotidiana. As necessidades do grupo no relativo á leitura devem determinar a escolha dos assumptos.

A LEITURA DE LIVROS NO PRIMEIRO GRAU

Por MARJORIE HARDY,
Escola Elementar da Universidade de Chicago

O professor encarregado de ensinar principiantes na leitura vê-se confrontado por essas duas questões:

Quando é que se deve dar livros ás crianças?

Que processo deve o professor empregar no ajudar as crianças a ler nos livros?

O tempo de começar a leitura de livros e o modo de o fazer depende do objectivo que o professor espera que as crianças realizem com a leitura até o fim do anno.

Uma das cousas que o mestre de principiantes de leitura deve fazer em primeiro lugar é cuidar de que as crianças façam, logo no começo, associações felizes com a leitura e com o aprender a ler. A attitudo da criança para com a leitura deve ser uma attitudo tal que a leve a pensar que a leitura é uma cousa muito agradável de fazer. Não deve pensar da leitura como de um exercicio escolar ou uma mera aprendizagem de lições. Assim, pois, o que contribue grandemente para o fim ultimo e que o professor do primeiro grau pode ajudar os seus alumnos a conseguir é a attitudo correcta para com a leitura.

Uma outra cousa importante que o professor deve ajudar o alumno a conseguir desde o principio é o inicio de bons habitos de leitura. O alumno deve considerar a leitura como raciocinio dirigido por meio da pagina impressa. Para o alumno a leitura deve significar leitura silenciosa com plena comprehensão e não leitura oral corrente. Attitudes, habitos, e habilidades não são susceptiveis de serem ensinados. O alumno precisa adquiri-los por acto proprio. Precisam formar parte da "anatomia mental" da criança. O papel do professor no ajudar a adquiri-los consiste em primeiro lugar em penetrar-se de que precisa ter uma oportunidade para crescer mentalmente. As cousas precisam ser primeiro percebidas intuitivamente pela criança, que deve ter tempo para deixá-las calar na sua consciencia, antes de se poder esperar nenhuma manifestação das cousas desejadas na forma de realizações...

No determinar o que se deve ter conseguido no fim do primeiro anno é claro que nem todas as crianças em um dado grau serão iguaes em capacidade até esse ponto. No entanto poder-se há dizer que em condições normaes as habilidades na leitura para a generalidade dos alumnos do primeiro grau devem ser as seguintes :

(1) Todos os alumnos devem ter a attitudo correcta para com a leitura. Devem pensar na leitura de conjunto com muitas cousas fóra dos seus livros. Devem considerar que ler é uma das cousas mais agradaveis que podem fazer na escola.

(2) Todas as crianças devem considerar o ler como *pensar*, e não como a mera enunciação de palavras.

(3) Todas as crianças devem patentear que se acha despertado o seu interesse na leitura e no aprender a ler.

(4) Com poucas excepções as crianças devem mostrar bastante independencia para poderem ler qualquer trecho simples silenciosa e oralmente com plena comprehensão.

(5) Algumas crianças devem mostrar bastante independencia para lerem silenciosa e oralmente com plena comprehensão qualquer trecho que trate de assumptos de que tenham experiencia. Estas crianças terão interesse e desejo de ler juntamente com um tal grau de independencia que lerão uma grande somma de materia voluntariamente na escola e em casa.

(6) Algumas crianças não terão nenhuma independencia. Só lerão depois de se lhes ter dado a preparação. Estas crianças terão interesse e desejo de ler mas precisam de mais tempo e auxilio para adquirirem independencia. Estas crianças não são fracassos no sentido de terem fraquejado no seu trabalho. Não estava promptas para fazer o trabalho que as outras faziam. Desenvolvem-se muito de vagar. Foi-lhes necessario mais tempo para se apromptarem para ler em primeiro lugar.

QUANDO SE DEVEM DAR LIVROS Á CRIANÇA PARA LER ?

A criança deve ter uma opportunidade para ver livros, e para falar a respeito de livros desde o primeiro dia de aula. Frequentemente algumas crianças começam a se ensinar a si mesmas pelo facto de terem esta experiencia. Não convem empregar livros para a leitura de grupo senão depois que a criança tiver dado provas de estar prompta para ler. Assim pois, a promptidão para ler, torna-se o facto importante que devemos considerar.

E' possivel que uma criança adquira a promptidão na leitura em casa ou em um jardim de infancia. Tal criança procurará voluntariamente os livros para ler. Entretanto a maior parte das crianças não estão promptas para ler os livros quando entram para o primeiro grau. Muitas vezes no primeiro dia de aula a criança dirá, "Quero aprender a ler". Tal observação não é prova de que a criança tenha um desejo verdadeiro de aprender a ler. Provavelmente ficou impressionada em casa com o facto de que vai para a aula para aprender a ler. E' provavelmente obrigada a responder diariamente ás pessoas

de casa que lhe fazem perguntas como estas: "Estás a aprender a ler? Que palavras aprendeste hoje? Já aprendeste as letras?" O professor sabe que o desejo de ler precisa vir da própria criança. Não se pode obrigá-la a ter tal desejo.

E' durante o periodo anterior á cartilha que a criança deve desenvolver certa promptidão na leitura. A maior parte dos casos que constituem problemas na leitura mais tarde occorrem porque não se deu instrucção de leitura á criança antes de ter ella percebido que ha uma cousa que se chama leitura e antes de se ter realmente interessado por ella.

Assim, pois, a promptidão na leitura assignala o tempo para começar o livro. Verdade é que o progresso ficará retardado se não fôr dada em primeiro lugar a base da leitura. mas o certo é que as crianças podem fazer progresso mais rapido pelo facto de terem esta base.

Concedamos que a partir do periodo anterior á cartilha a criança já tenha adquirido as seguintes cousas que mostram que está prompta para aprender a ler nos livros:

(1) O interesse pelos livros, despertado pelo facto de ter tido oportunidade para manusear livros, ver livros que lhe sejam mostrados e ouvir falar a respeito delles. Associações felizes feitas com livros.

(2) Uma noção da importancia e prazer derivados da leitura, — colhida pelo facto de ter tido uma oportunidade de vêr como se emprega a leitura de maneiras que lhe são vitaes.

(3) O senso da composição, senso da sentença, e o senso da palavra, — adquiridos por ter tido uma oportunidade de participar na organização de composições de grupo (a narração de experiencia).

(4) A mecanica simples da leitura, movendo-se os olhos da esquerda para a direita e pela pagina abaixo, — adquirida pelo facto de ter tido uma oportunidade de ler o seu proprio material de estampas sob o estímulo do interesse e com a fiscalizaçãodo professor.

(5) A capacidade de concentrar, escutar attenta e intelligentemente as historias contadas ou lidas, — adquirida por ter tido uma oportunidade de ouvir ler e contar historias adequadas a sua phase.

(6) Raciocínio claro e a capacidade de contar uma história de maneira inteligente, — adquiridas por ter tido uma oportunidade para contar a história.

(7) O habito de pensar do material impresso e escripto como *uma historia acerca de alguma cousa* ou como *contando alguma sa*, não como meras letras e palavras. A materia do fundo occupa o primeiro lugar no espirito da criança.

A criança que tiver taes habilitações fará uma observação como esta :

“Eu vi uma historia que parece boa em um livro em cima da mesa. Podemos aprender a ler e vêr o que diz ?” E’ o momento opportuno para dar livros aos que têm mostrado algumas provas das qualidades necessarias para começar a leitura. Taes meninos não vão receber instrucção em leitura mas vão receber auxilio em fazer esta cousa que pediram para fazer. O facto de que um menino mostra desejo facilita ao professor o trabalho de dar esse auxilio, e facilita á criança o aprender a ler.

QUE PROCESSO CONVEM EMPREGAR NO AJUDAR O MENINO A LER NOS LIVROS ?

Os meninos que já tiverem uma oportunidade para desenvolver a promptidão na leitura terão feito associações agradaveis com livros e quando mostrarem o desejo de ler livros será o desejo de gozar, por meio da leitura, o conteudo dos livros. O papel do professor será primeiro escolher o trecho conveniente para o menino ler e, em segundo lugar, empregar um processo tal no ensinar que resulte ficar o conteudo em primeira plana no espirito do menino.

A escolha de material para a leitura do primeiro livro é um dever importantissimo do professor. O melhor typo a escolher é um que contenha historias breves, contadas de maneira simples e natural. O menino deve ler trechos não só imaginativos senão também factiveis. O material factivel é melhor para servir de ponto de partida se as historias se baseiam em experiencias communs á maior parte das crianças e compreensíveis de todas. Este material é uma continuação natural do material empregado durante a phase anterior á cartilha. Os meninos fazem progresso mais rapido depois de começar o livro se as historias possuem continuidade de interesse.

Interessam-se em acompanhar as experiencias dos mesmos personagens em todo o correr dos livros, e esse interesse serve de estimulo que impelle o menino a querer sempre estar lendo para diante, o que constitue um bello desideratum.

A' medida que o menino vai adquirindo independencia, o material do livro deve ser tal que lhe dê uma oportunidade para sentir o seu poder na leitura. Dando-lhe material interessante e simples que elle possa ler com pouco preparo, o professor o ajuda a tornar-se independente. O menino deve ter uma grande quantidade de materia simples e interessante para ler, pois que *aprende a ler lendo*.

Que é que se espera que o menino faça com as primeiras historias da cartilha? Deverá ser exercitado em todas as palavras que apparecem na historia para depois receber o livro esperando-se que possa ler a historia palavra por palavra? Não. Ao contrario, dar-se-lhe há um preparo completo do conteudo em primeiro lugar, isto é, contar-se-lhe há nas palavras exactas do livro. Em seguida elle tornará a contar a historia com o auxilio do professor. Depois, quando se lhe der o livro, espera-se que esteja nas condições de guardar no espirito o conteudo de toda a historia e ligar com esse conteudo os symbolos das palavras com as quaes foi contada.

Depois de ter a criança contado a historia uma vez com auxilio do professor deve em algum periodo separado, obter mais auxilio antes de tornar a ler a historia. Deve ter uma oportunidade nesta occasião para ver grupos de palavras separadas da historia e impressos em cartões. Dá-se-lhe então um ensejo para reunir os grupos de palavras e as palavras isoladas em um porta-cartão de estampas de maneira tal que as palavras possam ser vistas em uma combinação significativa. O professor pode reunir os cartões de modo que formem sentenças da historia. Convem dar aos meninos uma oportunidade para arranjarem as sentenças fazendo assim o menino se tornar conscio das palavras de maneira natural e sem perder o conteudo da historia.

No seguinte periodo de leitura pode-se tornar a ler a historia, proporcionando ao menino uma oportunidade para ligar palavras com a historia depois de ter recebido preparo para assim fazer com cartões. Entretanto, nessa occasião não convem mencionar especialmente formas de palavras, pois quando o menino está retendo no espirito o conteudo, as for-

mas de palavras ou a mecanica fazem solução de continuidade no seu pensamento.

Quando o menino lê no livro deve-se tratar de conservá-lo no ambiente da historia por meio dos commentarios do professor sobre o conteudo della. Quando o menino lê algumas das primeiras historias no livro este auxilio virá por meio de algumas instrucções do professor como, por exemplo "João, lê a parte que conta do homem que disse que não queria ir".

Depois de ter o menino lido as seis ou sete primeiras historias no seu livro e ter adquirido alguma independencia, o professor deve continuar a conservá-lo no ambiente da historia mas deve dar-lhe menos apoio quanto ao conteudo. Em vez de dizer: "Lê a parte que conta do homem que disse que não queria ir", deve dizer: "Lê a parte que conta o que o homem disse".

Depois da leitura de todas as historias o professor deve ter no espirito ao menos uma pergunta que fará á criança. Esta pergunta deve ser uma que não se responda em outras tantas palavras na historia, mas que possa ser respondida por meio de uma conclusão derivada de alguma cousa dita na historia. Por exemplo, pode-se deixar de dizer em outras tantas palavras que o que occorreu deu-se na primavera, mas o facto de que foi dito na historia que o homem estava plantando couves daria a entender que o que se deu teve logar na primavera.

O professor de leitura no primeiro grau tem uma grande responsabilidade. Guardando constantemente no espirito o objectivo da leitura para o qual o menino deve progredir, ajudando-o a preparar-se para dar o primeiro passo, e então dando-lhe o auxilio conveniente no tempo opportuno á medida que o menino progride com a sua propria velocidade maxima, o professor o está guiando para a meta conveniente e tornando possivel que o discipulo aprecie cada passo do caminho.

O ENSINO DA LEITURA NO SEGUNDO GRAU

Por EVA E. GERSTMEYER,
Inspectora das Escolas Publicas de Baltimore

Quando as crainças entram para o segundo grau é de esperar que possuam já um verdadeiro desejo de ler e um amor incipiente aos livros. Além disso, as crianças deveriam estar em

condições de ler as cartilhas e os primeiros livros de leitura com bastante independência; deverão poder juntar palavras, scientes de que estes symbolos da pagina impressa têm uma significação para o leitor.

Dada esta base, a professora do segundo grau deve tratar de:

1. Ampliar o interesse e o amor pela leitura.
2. Desenvolver ainda mais as phases mecanicas do processo da leitura.
3. Desenvolver os habitos e as associações que formam a base para ler oralmente com facilidade.
4. Proporcionar uma boa base para o habito maduro da leitura em silencio, desenvolvendo os habitos e as associações essenciaes na leitura para obter o significado.

O livro basico não constitue a unica oportunidade de leitura para o alumno do segundo grau. Surgem oportunidades de muitos modos, de maneira que elle se acha constantemente confrontado com situações de leitura. Na taboleta de noticias apparecem diariamente communicações e instrucções ás quaes as crianças são obrigadas a attender sem auxilio do professor. Sempre que haja experiencias especialmente agradaveis na classe, relativas a viagens, actividades de saude, trabalhos manuaes, dramatizações, ferias, um animal predilecto, esportes e outros assumptos, a experiencia pode ser summariada e lida, caso haja motivos sufficientes para que constitua um registro permanente. Constituem tambem fontes independentes de leitura a bibliotheca escolar e os diversos livros cuidadosamente escolhidos da bibliotheca publica.

Já que a leitura de bons livros constitue a maior unidade do trabalho, seguem-se algumas instrucções sobre a maneira de fazê-la. Deve existir sempre um motivo para a leitura de cada lição. As crianças nessa classe devem ler para se inteirarem da historia. A narração da historia anteriormente á leitura destruirá um dos melhores motivos para lê-la. Não quer isto dizer que a criança deve ter sempre uma historia nova para ler. Nestes tempos inquietos quando toda a gente vive á procura de experiencias novas e sensacionaes, convem incutir na criança um amor ao valor da leitura embora não seja ella inteiramente nova. As historias de valor não devem ser lidas apenas uma vez e depois deixadas ao olvido. Assim como

temos prazer em rever de tempos a tempos um bom amigo assim também temos prazer em reler as boas histórias. De vez em quando a criança encontra a mesma história em diversos livros de leitura. Falta-lhe então o motivo da novidade mas assiste-lhe a qualidade de ser conhecida e estimada, e muitas vezes a criança, vendo-a assim em novo meio, torna a lê-la com grande prazer. A dramatização ou a pantomima oferecem um bom motivo para a leitura silenciosa, podendo assim o professor e os próprios alumnos verificar o grau de correção com que foi lida a história silenciosamente.

Qualquer tentativa de leitura oral deve ser geralmente precedida pela leitura silenciosa. O estudo silencioso preliminar auxiliará a vencer qualquer dificuldade mecânica, do que resultará uma leitura mais corrente. Em alguns trechos de leitura pode haver porções que não serão lidas em voz alta. Nesse caso, a fim de se certificar do grau de acerto com que a criança apanhou o sentido de tais porções, convém fazê-la repetir o sentido em suas próprias palavras ou então representá-lo por meio da acção. Os parágraphos que apresentem dificuldades especiaes não devem ser lidos na classe mas o seu sentido deve ser clarificado por meio de uma discussão a respeito delles.

Uma troca de perguntas e respostas entre as crianças, baseada sobre a história lida silenciosamente, pode ás vezes tomar o lugar da leitura silenciosa. Outros dois typos de leitura cujos motivos pouco differem entre si são a leitura dramática e a leitura perante um auditorio.

Uma situação de auditorio pode ser constituída de tres elementos : o papel desempenhado pelo leitor, o papel desempenhado pelo professor e o papel desempenhado pelas crianças que constituem o auditorio. O alumno que lê em voz alta deve se compenetrar da sua responsabilidade e lêr de maneira tal que possa ser ouvido sem esforço da parte do auditorio. Deve lêr de maneira natural a fim de transmittir o verdadeiro sentido aos ouvintes e deve se esforçar por tornar cada vez melhor a sua leitura. A professora deve escutar com interesse e sympathia, dirigindo perguntas habéis ao auditorio a fim de se certificar da sua compreensão, e clarificar quaesquer sentidos vagos e fornecer criticas constructivas. De tempos a tempos ella propria lerá certas porções do trecho escolhido. Se qualquer parte do trecho não tenha sido bem compreendida

pelo auditorio, dá sempre bellos resultados; animar as crianças a fazerem perguntas insistentes até que obtenham, a contento proprio, a significação desejada. E' este o papel do auditorio, que, como ouvintes interessados, deve tomar parte em comentarios informaes sobre o trecho lido.

Objectivos na leitura do segundo grau. — Os tres grandes objectivos para a leitura do segundo grau são :

- (1) Compreensão.
- (2) Correcção e independencia.
- (3) Velocidade e desembaraço.

A compreensão : Pode ser adquirida por meio do estudo dirigido e da leitura independente. No estudo dirigido a professora poderá escrever as perguntas no quadro negro e as crianças poderão estudar certas paginas designadas, a fim de encontrar as respostas. Durante o estudo de uma historia as proprias crianças podem preparar perguntas bem pensadas para dirigir á classe ; ou podem preparar observações sobre pontos importantes e interessantes da historia; ou podem preparar a historia para dramatização. Dois dos melhores exercicios que as crianças podem preparar em suas proprias carteiras, com o fim de desenvolver a compreensão, são o emprego de phrases complementares baseadas sobre a historia e a classificação das palavras sob os convenientes cabeçalhos. No desenvolver um projecto surgirão certas difficuldades que poderão ser resolvidas durante o periodo de leitura. A professora poderá escrever sobre o quadro negro instrucções sobre um jogo, um recado, um desenho ou um trabalho de construcção, instrucções essas que devem ser cumpridas independentemente pelos alumnos. Constitue um dos melhores auxilios no desenvolvimento da compreensão, uma bibliotheca attraente na sala de aula, á qual ás crianças possam se recorrer livremente, e da qual podem retirar livros á vontade, pelo simples desejo de ler historias. Nestas condições a criança lê com absoluta attenção pois não se acha preocupada com o que a professora venha a perguntar ; o seu interesse está completamente envolvido na historia.

Correcção e independencia. — Adquirem-se estas qualidades por meio do estudo de palavras novas e difficeis em sentenças e phrases ensinadas durante um periodo de preparo pa-

ra a leitura. Convem exercitar a classe na repetição das palavras, tendo-se o cuidado, porém, de apresentá-las primeiramente em phrases, pois as palavras raras vezes apparecem isoladas e a phrase serve para lhes dar sentido. No segundo grau deve-se reservar um breve periodo durante o dia para instruir a classe sobre os elementos dos vocabulos, tendo-se o cuidado de escolher para estes exercicios palavras cuja parte basica seja bem conhecida da classe. Neste estudo as crianças devem aprender a atacar afoutamente os vocabulos novos, separando-os nos seus elementos conhecidos. Deve-se tambem animar durante a lição de leitura esta maneira desembaraçada de atacar os vocabulos novos, se se espera que as crianças venham a adquirir independencia na leitura.

Velocidade e desembaraço. — O grande segredo da aquisição de velocidade e desembaraço está em ler muito. Deve-se dar á classe muita pratica em leituras faceis, fazendo-a passar gradualmente para leituras mais difficeis ao passo que for adquirindo facilidade. A leitura vagarosa e interrompida resulta principalmente do pequeno alcance visual do leitor. A melhor maneira de alargar o alcance visual é de mostrar rapidamente ao alumno cartazes contendo phrases curtas e depois ir augmentando o tamanho das phrases. No exercicio de leitura de phrases deve-se tomar nota do tempo, e ir diminuindo gradualmente o tempo da exposição da phrase. E' preciso corrigir quaesquer habitos que as crianças tenham adquirido de mover os labios, menear a cabeça e trabalhar com os dedos enquanto lêem, pois isso tende a diminuir a velocidade da leitura...

A LEITURA NOS GRAUS INTERMEDIARIOS

Por MARY A. ADAMS,

Inspectora das Escolas Publicas de Baltimore

A professora dos graus intermediarios defronta responsabilidades na classe de leitura que, embora menos apparentes, não são menos definidas do que as da professora primaria. Depois de terminar com exito o segundo grau, os alumnos possuirão, como aquisição principal de leitura, a habilidade de derivar sentido dos symbolos escriptos; e como predicados secundarios, a facilidade de se utilizar com acerto das dif-

ferentes partes do livro, e terão adquirido também certas atitudes mentaes, como por exemplo, o interesse pela leitura. Taes aptidões e taes attitudes constituem o cabedal das crianças ao entrarem para o quarto grau e formam a base sobre a qual a professora e os alumnos terão de edificar.

Devido ás diferenças individuaes, o grau destas aptidões e destas attitudes deverá variar consideravelmente de alumno para alumno nas aulas intermediarias. Por isso o primeiro dever da professora dos graus, quarto, quinto e sexto é de se certificar se os seus alumnos *podem ler*. O seu primeiro passo deve ser o de fazer um estudo scientifico do conhecimento da leitura possuido pelos alumnos de sua classe. Deve então proceder a uma analyse inicial dos resultados desta investigação, a um agrupamento flexivel dos alumnos baseado nas suas necessidades e nas suas aptidões e a um programma de instrução designado a satisfazer essas necessidades e a exercitar adequadamente essas aptidões.

Outra responsabilidade do ensino da leitura nas aulas intermediarias é a de proporcionar aos alumnos numerosas e amplas experiencias. Existem razões especificas de natureza psychologica e pedagogica para o emprego de muitos typos diferentes de material de leitura nesta phase do curso escolar. Os crescentes interesses das crianças de idade propria para os graus intermediarios apresentam á sua percepção novos mundos que ficam além do horizonte de sua communidade. Ainda mais, o grande alcance do curriculo exige muita leitura de diferentes especies de materia. O tempo dedicado a cada uma destas materias na classe é muito breve para que se possam formar a seu respeito associações amplas e impressões profundas a não ser que o trabalho em cada uma dellas seja supplementado por meio de textos, referencias, e livros supplementares.

O segundo exemplo serve para frisar este ponto. Uma professora do quinto grau que se propuzesse desenvolver o seguinte thema : *O que devemos aos gregos*, naturalmente recomendaria a seus alumnos que consultassem os livros de texto existentes. Mais limitá-los a isso teria o effeito de privá-los de muita experiencia que viria dar vida e interesse á historia e que, ao mesmo tempo, serviria para augmentar a sua experiencia de leitura. Consultar os livros de referencia em casa, na escola e nas bibliothecas e ler algumas das multiplas historias referentes aos deuses gregos, constituiriam experiencias de leitura

muito variadas que poderiam com proveito ser incluídas no desenvolvimento deste ponto histórico no curso intermediário.

Se a professora mantiver o grande objectivo de desenvolver nas crianças aptidões e attitudes taes que possam ser applicadas efficazmente ás exigencias da vida, isto constituirá ainda outro motivo para ampliar o programma da leitura escolar. As crianças precisam entrar em contacto não somente com as exigencias da escola senão também com as da vida. Deste aspecto da questão existem duas phases. Lemos para adquirir informações necessarias ou desejaveis. A maior parte destas informações nos vêm dos jornaes e das revistas. No correr da vida lemos também para distracção e cultura. Lemos portanto o romance mais popular ou um tratado classico ou philosophico, conforme o gosto de cada individuo. Embora a professora do curso intermediário não possa desenvolver completamente essas aptidões, pode, no entanto, proporcionar oportunidades agradaveis de leitura informativa e recreativa e assim lançar as bases de bons habitos de attitudes de leitura.

E' difficil calcular a quantidade de leitura que deve entrar na esphera dos graus intermediários, pois os seus limites são elasticos. Deve certamente abranger material referente á historia, geographia, educação civica, historia natural, hygiene, estudos scientificos simples, literatura e arte. Deve proceder de jornaes, revistas, livros de texto, livros de leitura supplementares e até de romances. Deve incluir também a poesia. Acima de tudo é preciso que o estylo e a linguagem de toda a leitura coadune com as aptidões dos alumnos do 4.º, 5.º, e 6.º graus.

Dada a conveniencia desta variedade de experiencias em materia de leitura, a professora que pretender pôr em pratica tal programma vê-se logo confrontada com uma seria responsabilidade — a de fazer com que todos os seus alumnos leiam. A solução deste problema envolve dois processos: primeiro, despertar e desenvolver no alumno o interesse pela leitura; e segundo, encaminhar o seu gosto de maneira que os typos de leitura por elle escolhidos sejam de valor. Embora logicamente estas duas phases possam ser separadas, psychologicamente são tão intimamente ligadas que os processos que trazem exito a uma phase melhoram forçosamente a outra.

Para conseguir este fim pode-se lançar mão de diversos meios, mas devem-se observar sempre dois principios fundamentaes. Primeiro, as crianças precisam ser rodeadas de muitos *motivos para ler*. Sempre que fôr possível deve-se proporcionar aos alumnos muitas oportunidades especificas para a leitura suplementar, referentes ás materias do curriculo. Convem tambem collocar no quadro de annuncios listas de leituras. Estas listas serão mais interessantes se a professora juntar a cada titulo alguns commentarios sobre o trabalho. Com a cooperação dos alumnos pode-se formar uma bibliotheca de classe. Se houver bibliothecas escolares nas proximidades a professora deve agir de maneira a tornar necessario que os alumnos consultem taes bibliothecas. Outro methodo de suscitar um desejo pela leitura consiste em ler aos alumnos certos trechos de um livro, deixando a leitura em um ponto de tal interesse que os alumnos por si irão procurar a sua continuação. Um segundo principio a ser observado neste processo de induzir os meninos a ler em independentemente é o de tomar nota de tudo quanto lêem. Pode haver para isso uma carta de leitura encimada por uma illustração apropriada e contendo columnas para o registro do nome do alumno, o titulo do livro, o nome do autor, o typo de livro, a data de leitura, e os commentarios individuaes do alumno. Os alumnos podem tambem fazer trabalhos escriptos sobre os livros que tenham lido e depositá-los em uma caixa destinada a este fim, para serem lidos em determinadas occasiões na classe. Estes trabalhos tambem podem ser compilados em um livro de classe intitulado "O que estamos lendo". A revista oral do livro tambem offerece oportunidade de julgar da leitura dos alumnos. Neste trabalho é bom sujeitar o alumno a um limite de tempo e dar aos seus collegas a oportunidade de julgar dos meritos do livro mediante a sua revista, respondendo á seguinte pergunta : Depois de ouvir esta revista tenho ou não vontade de ler o livro ? São tambem valiosos os clubs de leitura e outras actividades que proporcionem oportunidades additionaes de leitura. A professora bem avisada não se limitará a um só processo mas lançará mão de numerosos e variados methodos.

Para que os alumnos no curso intermediario leiam com interesse, com compreensão e com discriminação as materias abrangidas nas esphas acima referidas, deverão possuir um numero especifico de aptidões, entre as quaes salientam-se as seguintes : a interpretação de palavras novas, a utilização

correcta das diversas partes do livro, a leitura superficial feita com intelligencia. Algumas destas aptidões devem ser iniciadas na aula primaria e todas ellas devem constituir habitos formados até o fim do sexto grau. Ahi está, pois, outra responsabilidade do curso intermediario.

a) *O desenvolvimento da independencia no adquirir vocabulario* deve proceder por dois modos: Primeiro, os meninos devem aprender a interpretar os vocabulos novos, estudando-os dentro da phrase. Segundo, devem adquirir facilidade na utilização do dictionario. Com este fim em vista, a professora prudente empregará desde o principio exercicios destinados a desenvolver rapidez na procura dos vocabulos. Este trabalho deve obedecer um limite de tempo. Dois exercicios bons para isto são: mandar dispor em ordem alphabetica uma lista de palavras; organizar um concurso grupal ou de classe para a procura de palavras. O uso correcto do dictionario implica tambem o saber escolher, entre os diversos significados de uma palavra, o mais apropriado á situação em questão. No principio a professora terá que trabalhar junto com a classe e habituar os alumnos a substituir a definição pela palavra nova, a fim de julgar do acerto da selecção. Outro exercicio de dictionario consiste em fazer com que os meninos aprendam a pronunciar as palavras por meio da syllabação e das indicações diacriticas fornecidas pelos dictionarios. Deve vir em primeiro lugar o trabalho oral dirigido pela professora, seguido por concursos em que cada grupo procure passar o outro na rapidez da procura e na correcção da pronuncia dos vocabulos.

b) *O ensino do uso correcto das diversas partes do livro* comprehende: O uso efficiente do summario, do indice, do appendice, do vocabulario de pronuncia figurada e do glossario, e das notas. Embora seja uma economia de tempo durante a aula indicar a pagina da lição e fornece aos alumnos certas informações, de preferencia a fazê-los procurar taes informações por si, se se empregar sempre este systema esta pratica resultará em uma attitude de dependencia da parte do alumno. A professora deve em certas occasiões dar instrucções especiaes no uso das differentes partes do livro, desenvolvendo cada uma das partes destinadas a prestar auxilio ao leitor no uso do livro. Convem que os alumnos consultem com frequencia, sob cuidadosa direcção, os indices dos seus com-

pendios de geographia, historia, arithmetica e leitura. Convem tambem incumbir os alumnos de examinarem abreviadamente livros novos para elles e darem na classe um relatorio da natureza do livro e do seu conteudo.

c) *O uso de materia de leitura de typos muito variados* implica modos variados de leitura: A leitura reflectida que se emprega nos escriptos scientificos ou philosophicos, a leitura interpretativa propria das poesias, a leitura rapida de um conto, a leitura superficial, porém proveitosa, a que nos obriga a exiguidade do tempo. Uma breve descripção deste ultimo typo de leitura servirá para dar uma idéa do preparo necessario para fazê-lo intelligentemente.

No desenvolver o habito de ler superficialmente com comprehensão, é preciso que a professora se utilize do material que mais se presta para tal fim. Em primeiro lugar estão os jornaes. A principio todos os alumnos da classe devem estar munidos da mesma secção do jornal, a fim de que o trabalho constitua um exercicio de classe. Mais tarde podem ser divididos em grupos, cada um com uma secção differente do jornal, de cujo conteudo deverão dar uma relação á classe. O primeiro passo consiste em desenvolver uma comprehensão dos principaes cabeçalhos, titulos e subtítulos dos artigos e a sua utilidade em auxiliar o leitor a apanhar rapidamente uma idéa do teor do artigo. O alumno deve adquirir pratica em descobrir as idéas predominantes de um artigo por meio dos cabeçalhos que servem de guia para a materia do artigo. Embora os jornaes forneçam a melhor materia para a leitura superficial, este exercicio não deve se limitar aos jornaes mas deve se estender ás revistas, aos artigos das encyclopedias e outras especies de leitura em que convem empregar a leitura superficial. Para contrabalançar esta especie de leitura é preciso frisar a importancia da leitura reflectida e interpretativa, a fim de que os alumnos não se habituem a ler superficialmente em todos os casos.

SUMMARIO

São estas, pois, algumas das maiores responsabilidades do curso intermediario:

(1) Desenvolver a faculdade de ler por meio de uma ampla e variada provisão de experiencias de leitura.

(2) Encaminhar o alumno na aquisição de interesse e gosto pela leitura.

(3) Exercitar o alumno nas diversas aptidões de leitura exigidas por este programma extenso.

E' claro que a realização deste programma constitue uma tarefa difficil ; nem podia ser de outra maneira, pois a esphera de acção é muito larga, os seus limites são mal definidos e intangiveis. Mas tambem é verdade que offerece oppor-tunidades empolgantes por meio das quaes a professora vê os seus alumnos entrarem em novos e ilimitados campos de informação e prazer.

A EXTENSÃO DO DOMINIO BRITANNICO

Inglaterra, Escocia,		
Ulster	262.632 kmq.	45.343.000 Hab.
India	5.055.800 "	325.600.000 "
Dominios, Colonias	29.575.900 "	74.741.000 "
Europa	69.200	3.215.000
Asia	589.000	11.083.060
Africa	5.398.300	40.249.000
Australia e ilhas		
do Pacifico	8.257.200	8.354.000
America	10.262.200	11.839.000
Terras para o		
Polo Sul	5.000.000	1.000
	34.894.332 Kmq.	445.684.000 Hab.
Sudão	2.619.100 "	6.469.000 "
Mandato da Liga das		
Nações	2.565.550 "	9.710.000 "

(Do *Pequeno Atlas*, de Justus Perthes, ed. 1928)

A "ESCOLA NOVA" (*)

Lourenço Filho

Lente de Psychologia e Pedagogia na
Escola Normal de São Paulo

Em todos os tempos, têm existido pedagogos sobre a terra. E, peor ainda, em todos os tempos têm elles pretendido salvar o mundo, reformando as gentes. Como variam sempre as condições de vida, têm variado também os meios propostos para a salvação ideada. Por isso, não ha instituição mais antiga que a de educar, nem novidade mais velha que a da "escola-nova".

Num sentido amplo, cada epoca tem apresentado reforma de educação, explicita em reforma de costumes, ou implicita em novas fórmias políticas, ou envolta ainda nas suaves promessas da religião... Não podendo acertar de vez, o homem não desanima em renovar, porque o transformar é a essencia mesma da vida. O que interessa, no entanto, e o de que convem tratar, é da escola-nova nestes ultimos trinta annos, pois, tal expressão, equivoca se a tomarmos "latu sensu", assum em nossos dias uma feição especialissima, que não será necessario encarecer.

As tentativas de renovação, que podemos apreciar historicamente, têm sido mais do que tudo renovações de doutrina, systemas que já nasciam inquinados de vicio de origem, que quasi todos pretendiam combater; eram quasi sempre systemas *a priori*. Também, por condições historicas faceis de comprehender, quando se ensaiaram, si acaso se ensaiaram, eram tentativas isoladas no seio de um povo, de uma casta, de uma seita. Não havia o ensino popular, que é criação de nossa epoca. Não havia a extraordinaria facilidade de communição e interpenetração do pensamento como hoje. As esco-

(*) Transcripto da "Revista de São Paulo", N.º 1.

las-novas de outrora estavam assim, destinadas a uma vida ephemera e circumscripta, mesmo quando chegavam a qual-
 quier realização.

As de hoje começam em realidades visiveis, pela pratica de novas technicas que se ensaiam e apuram, com criterio scientifico. Ha, em sua base, não mais o ideal da educação do "principe", mas o ideal de uma educação essencialmente popular. Nas mais avançadas, o ideal não é mesmo mais o do cidadão de uma patria, mas o do cidadão universal. O caracteristico fundamental desta phase da historia pedagogica é, sem duvida, o do criterio scientifico que a invadiu, e que se apoia no exame dos factos, na experimentação e verificação dos resultados.

Comecemos pelos factos, tambem, para não fugir á epoca, verificando onde e quando appareceram as primeiras escolas novas, destinadas a impulsionar este formidavel movimento constructor que tão auspiciosamente chega até nós. Só depois dos factos, apontaremos conclusões.

E' sabido que o movimento da "escola-nova", *strictu sensu*, começou na Inglaterra, ha cerca de quarenta annos. Com ser paiz de um tradicionalismo ás vezes inexplicavel, em certos costumes, a Inglaterra nos offerce, de quando a quando, exemplos de renovação impressionantes.

A renovação começou por uma tentativa privada, bem mais modesta e empirica do que seria licito imaginar, e começou ainda, não no ensino primario, mas no ensino secundario. E' um facto bem conhecido que a Inglaterra aproveita admiravelmente a iniciativa particular e que os seus estudos secundarios se dão em grande parte nas chamadas *Public-Schools*, que não são nem publicas, nem escolas, no sentido commum do termo. São internatos, quasi sempre confortavelmente montados, de elevado preço de matricula, e mantidos por fundações ou patronatos. Seu fito é o de conduzir os rapazes ás grandes universidades, e dellas, principalmente, ás de Oxford e Cambridge, de onde têm saído as élites do paiz.

Ora, nesses estabelecimentos, mais que em outros, agravaram-se alguns defeitos da educação contemporanea. Muitos paes e mestres o sentiram, por certo, antes que os tivesse percebido um educador escossês, cujo nome merece ser citado — Cecil Reddie. Mas, Reddie ao envés de escrever um artigo, ou fazer um discurso, como faria qualquer bom latino, fez coisa muito mais singela e menos pretenciosa. Simplesmente isto : montou uma escola, uma escola que elle ima-

ginava melhor, sem typo ainda perfeitamente fixado, mas uma escola differente das outras. Imbuído das ideas de Spencer, situou-a fora das cidades, ao centro de uma propriedade rural, em Abbotsholme. O estabelecimento se inaugurou em outubro de 1889 e teve por titulo "The New School" — "nova" especialmente no sentido de differentes das outras.

Houve não poucas difficuldades a principio. Reddie, não andava de sobre-casaca como os directores das *public-schools*, mas de *sweater*, bombachas e perneiras. E isso escandalizou a muita gente. . . E elle desejava que os alumnos tivessem uma vida sobria e occupada, e que essa sobriedade e interesse pelo trabalho fossem procurados pelos proprios alumnos, o que não seria muito facil. Além disso, tornava obrigatorios os trabalhos manuaes no campo e na officina. Era uma revolução, mesmo na Inglaterra.

"A escola não deve ser um meio artificial, dizia elle, no qual não se está em contacto com a vida, senão através dos livros. Deve ser um pequeno mundo real, em que a criança esteja em contacto directo com a natureza e a realidade das coisas. Não se deve ensinar somente a theoria dos phenomenos, mas a sua pratica, e de tal modo que, mais tarde, ao penetrar na vida social, o individuo não fique desorientado, como hoje se dá."

Se esse ideal não foi attingido em toda a plenitude, grande parte d'elle foi alcançado, no entanto. E de tal modo a experiencia interessou aos paes, que Abbotsholme não bastou á procura dos alumnos.

Quatro annos depois, um de seus professores, o doutor Badley, fundava uma nova escola do mesmo typo em Bedales, ao sul da Inglaterra, no Sussex. Com a experiencia anterior, Badley pôde ir mais longe, ensaiando formas mais largas de autonomia dos collegiaes e inaugurando a "coeducação" no internato, que se imaginava impossivel nas *public-schools*.

E não teve do que arrepende-se. Depois de quasi vinte annos de trabalho, reaffirmava elle os seus pontos de vista escrevendo: "A escola é um apparelho de adaptação social: não tem por fim o ensino, mas a vida. As escolas novas existem para pôr em pratica a idéa de Froebel de que, para aprender, é preciso *viver o que se aprende*. Como consequencia natural, a escola para ensinar a viver precisa ser um pequeno meio social, de vida propria."

As "escolas-novas" se espalharam depois por toda a Inglaterra. Só as filiadas á Liga International das Escolas-

Novas (porque não falta ás escolas-novas sequer uma liga internacional, como vamos vêr) só as filiadas a essa Liga são 33. E entre ellas, florescentes e gloriosas, lá figuram as de Abbotsholme e Bedales, berço de todo o movimento.

Em 1889, apparece a primeira escola-nova na Allemanha, em Ilseburg, fundada tambem por um antigo professor de Abbotsholme — Hermann Lietz, que a baptizou de "land-erziehungsheim", isto é, o "lar de educação no campo".

Lietz, que falleceu em 1919, teve por companheiro, a principio, esse rebellado famoso que é Gustavo Wineken, o propulsor do "movimento juvenil allemão" e o criador da escola-communidade.

Seria interessante acompanhar por meudo, o desenvolvimento e a modificação das idéas da "escola-nova" entre os allemães. Mas isso seria desviar-nos do assumpto global que nos propuzemos.

Contentemo-nos, por isso, em lembrar apenas que Wineken, que foi o director da segunda escola fundada por Lietz, dentro de pouco se separava do antigo companheiro, para ligar-se a Paulo Geheb, e estabelecer com elle, em 1906, a escola que vieram a chamar de "communidade escolar livre", em Wickersdorf, na Thuringia. Mau grado as perseguições politicas contra Wineken, a sua escola se mantem até hoje, rodeada de prestígio.

Com ella, podemos observar que a "escola-nova" toma uma feição social diversa. Com ella, já não se terá apenas a adaptação dos moços a um estado social presente, mas a um estado social futuro. E' a revolução social pela escola. Por isso já se disse d'elle que "é o mais vigoroso incitador do movimento pedagogico da actualidade"; como já se disse tambem, que, "é um desses temperamentos criticos que destroem o existente, sem chegar nunca a serenidade imprescindivel para construcção positiva"...

Por isso mesmo, talvez, Paulo Geheb, temperamento menos liberal, separou-se d'elle em 1909, para fundar por sua vez a escola de Odenwald, a mais famosa "escola-nova" allemã de hoje.

Por ella, se têm modelado muitas outras. Não interessará citar o nome das escolas-novas da Belgica, da Hollanda, da Suissa, da França, dos Estados Unidos, da Russia, da Suecia e do Japão. Isso não teria grande alcance. O que é interessante é assignalar que o movimento hoje universal, só caminha vagarosamente, ai de nós! nos paizes latinos... Em França,

por exemplo, a "E'cole des Roches" que foi a primeira installada, necessitou de formidavel campanha de E'dmond Demolins, como se pode vêr de seus livros "A quoi tient la supériorité des anglo-saxons" e "L'éducation nouvelle". Por informação fidedigna, sei que as escolas-novas de França, têm ainda hoje vida precaria. Na Italia, Hespanha e Portugal não ha uma só escola nova filiada á Liga Internacional, o que é bastante expressivo. Cultura essencialmente intellectualista a desses paizes, repugnam-lhes as tendencias vitalistas do movimento.

Mas o que é essa "Liga Internacional das Escolas Novas" ?

E' uma associação que se deve á figura apostolar de Adolpho Ferrière, o conhecido pedagogo suiso. A Liga tem por séde a cidade de Genebra e é filiada ao "Bureau International d'E'ducation", por sua vez ligado á Sociedade das Nações.

Orgão de propaganda, de informação e de coordenação dos esforços murciaes, em prol da "escola-nova", a Liga estabeleceu numa reunião, em Calais, em 1919, os 30 pontos essenciaes a que devem obedecer as casas de ensino que desejarem a sua filiação.

Tendo passaco em revista as escolas-novas, *strictu sensu*, isto é, aquellas que se attribuiram a si mesmas esse titulo, e que tiveram uma fonte de origem commum, convem agora assignalar, ao lado desse movimento coordenado e systematico, que teve, como vimos, origem mais empirica que scientifica, uma série não pequena de outras tentativas de renovação.

Ellas formão uma classe á parte: são *escolas ou systems de ensaio ou de experimentação*, escolas que nos interessam sobremaneira, porque muitas representam tentativas victoriosas de renovação da escola publica primaria, da escola popular por excellencia.

Podemos dizer que o primeiro grupo das Escolas-Novas propuzeram sobretudo *a critica* dos fins da escola tradicional, procurando uma solução particular, no ensino secundario dos internatos modelo.

As escolas de ensaio e systema de experimentação, de que agora vamos tratar, acceitaram em principio essa critica e têm procurado *meios de applicação scientifica*, para uma solução mais ampa ou generalizada.

Não quero dizer que não haja ensaios empiricos. Ha. Mas passemos sobre elles e vejamos os do influxo de applica-

ção científica. A multiplicidade de ensaios e de técnicas, ás vezes aparentemente até contraditorios, é um embaraço a quem desejar uma noção precisa sobre o assumpto, sem muito tempo para um estudo aprofundado.

Vamos tentar, por isso, um roteiro por essa selva não direi obscura, mas intrincada.

E para consegui-lo, englobaremos, iniciamente, todas as innovações em dois grandes grupos, muito amplos:

1.º) — o das innovações ou systems que visam dar maior rendimento escolar, do ponto de vista da organização das classes ou cursos, estaticamente consideradas;

2.º) — o das innovações que visam a essencia mesma do ensino, de sua actuação por parte do professor, o processo do ensino.

As do primeiro grupo são tendencias especialmente de eficiencia; encaram a escola como a produção das modernas industrias, que deve ser rapida, precisa, com perdas minimas de energia e pessoal. E' o espirito americano da eficiencia e do "standard". E' o taylorismo na escola. Visam os problemas de um ponto de vista administrativo, e só podem ser estudados em funcções do ensino colectivo.

As do segundo são de natureza dinamica. Não importa como produzir mais e seguramente, com um minimo de despesa. Importa produzir bem, com o maior respeito aos poderes humanos e á significação social da educação. Podem ser estudadas e adaptadas mesmo ao ensino individual.

Está claro que esta divisão é feita tão somente para maior clareza da exposição. Certos problemas se interpenetram e não podem ser estudados isoladamente. As bases de certos systems do 1.º grupo, presuppõem mesmo técnicas essentadas.

Vamos tomar como exemplos das innovações do primeiro grupo os chamados systems de Manheim ou de Berlim, e a organização escolar de Detroit, nos Estados Unidos, e a proposito citaremos o ideal da escola sob medida, de Claparède.

Que é o systema de Manheim ?

A difficuldade do ensino escolar commum provêm antes de tudo, da heterogeneidade da classe entregue a um professor. Diversidade de typos mentaes, diversidade de adiantamento, de meio social extra-escola.

Em regra, cada classe possui uma cabeça, (quasi sempre pequenissima); um corpo longo e uma causa mais longa ainda... Que tormentos todos passamos para fazer esse apendice

acompanhar o corpo da classe! e será justa, será moral, será humana mesmo, a limitação que impomos sempre, por necessidade de um trabalho médio, aos melhores elementos, á sua parte nobre, da classe? Binet já se havia proposto o problema e, depois d'elle, mais seguramente, nos seus estudos de psychologia individual o admiravel scientista que é Stern. A solução simplista seria a do ensino individual, como queria Rousseau. Mas nem isso é possível nas escolas publicas, nem o admittem as necessidades da educação socializadora de hoje.

Como conciliar essas necessidades, todas dignas do maior respeito?

A isto responde o systema selectivo, primeiramente usado na cidade allemã de Manheim, ahi devido ao espirito organizador de Sickinger, e depois aperfeiçoado em Berlim.

O systema consiste em fazer preceder a matricula de um exame mental dos alumnos, que serão assim classificados em grupos homogeneos, tão perfeitamente homogeneos, quanto possível. E esse primeiro exame não é definitivo nem sem appello. Pelo que produzir a criança no primeiro anno de estudo, seguirá então um dos cursos parallelos existentes hoje em todas as escolas das grandes cidades allemãs — cursos esses de desigual acceleração no ensino.

Pelo systema a que nos referimos, procedido o exame mental, são as crianças repartidas, pelo menos em tres grupos, destinadas segundo a comprovação no estudo a um dos tres cursos parallelos da escola: as *hauptklassen*, ou classes principaes; as *forderklassen*, ou classes de acceleração; e as *hilfsklassen*, ou classes dos debeis e instaveis.

Onde a matricula o permite, installam-se ainda classes ou escolas das superdotadas; e esta classificação nada tem a vêr com os anormaes, propriamente ditos, que são encaminhados para escolas especiaes.

A' primeira vista, poderia parecer que o systema fosse de encontro ao principio politico da "escola unica", principio esse pacifico entre nós, e cada vez mais amplamente acceito mesmo nos paizes de tradição aristocratica. Mas se se examina mais de perto a questão, verifica-se que, pelo contrario, o systema selectivo é a base da educação unificada.

O systema selectivo está adoptado na maioria das escolas allemãs, austriacas, belgas, e nas de Copenhague. Em principio tambem na organização da maioria das escolas americanas, onde ha, para os alumnos mais fracos uma "special

division" — divisão especial; e pelas francesas que criaram ultimamente as "classes de aperfeiçoamento", denominação que não assusta ás famílias, nem desencoraja as crianças.

Reflexo desse systema ou melhor dessa necessidade de classificação menos empirica dos alumnos, ha uma tendencia mais radical ainda, defendida especialmente pelo psychologo suiso Eduardo Claparède.

Para elle, não ha que respeitar só a differenciação quantitativa. O menino não é só mais capaz ou menos capaz em relação á idade. Cada criança apresenta capacidades especificas: é observadora, ou reflexiva; intellectual ou technica.

Dahi, correspondente necessidade de especialização do trabalho e consequente classificação escolar. Ao envés da pedagogia a uma dimensão, Claparède reclama a "pedagogia a duas dimensões" .. Ao envés de só hierarchizar, differenciar, tambem. E' o ideal da "escola sob medida", bem mais difficil e quasi impraticavel nas escolas primarias communs.

Todavia, elle poderá ser ensaiado numa ou noutra escola com a instituição de classes moveis e das opções de estudo. Pela primeira, um alumno poderá cursar a leitura no 2.º anno, a geographia no 3.º, a arithmetica no 1.º, o desenho no 4.º, por exemplo, norma que está consagrada numa tentativa muito curiosa de Washburne, nas escolas publicas de Winnetka, no Illinois.

O outro systema citado, o das escolas de Detroit, foi ensaiado primeiramente em Gary, pequeno centro industrial perto de Chicago. O principio dominante é o da separação pelas aptidões ou capacidades e, coisa interessante, não ha divisão absoluta entre o ensino do jardim de infancia, e o das classes primarias e secundaria .

Ha, por assim dizer, horarios quasi individuaes dos alumnos, que procuram as classes que mais lhes convêm ao correr do dia, segundo a suggestão dos mestres.

Uma modalidade desse systema, mais simplificado é o chamado dos "pelotões" — o "platoon-system". Este se deve inicialmente a uma razão economica: a falta de salas de aula e de mestres em numero sufficiente á matricula. Consiste em fazer funcionar duas escolas, num só edificio, com horario tal que enquanto uma occupe as salas de aula ou as salas ambiente, outra esteja nos laboratorios, museus, officina, recreios ou auditorium.

John Dewey, o notavel psychologo e pedagogista a quem se deve muito da renovação pedagogica americana de hoje,

aponta este systema como um verdadeiro "ovo de Colombo", na organização do ensino popular, porque força as escolas ao ensino activo.

"As crianças, diz elle, não podem ficar sentadas o dia inteiro em suas carteiras, Isso é um crime. Proporcionar occasião para que se occupem em outra coisa, em recreios, laboratorios e officinas, é um dever imperativo das boas normas didacticas".

Para o "platoon-system" ha minucias de organização que não interessam aqui. O que interessa é saber de seus resultados: segundo leio numa publicação official americana, por elle o preço do ensino, por alumno, desceu de 30 % em média; e o resultado, comprovado por *tests*, depois de quatro annos de observação em Detroit, autoriza a declarar que a sua efficiencia é maior que o das escolas communs.

Numa terra, como a nossa, onde sobram discipulos e faltam escolas e mestres, talvez o systema merecesse ser experimentado.

Ahi estão as innovações estaticas, a que fizemos referencia. Ellas interessam menos ao professor, como professor apenas, porque só podem ser adoptadas pelas autoridades escolares.

Veremos, em outro artigo, as innovações de ordem dinamica, no ensino, e que tocam mais de perto ao pessoal docente, como veremos a bibliographia em que estas notas se apoiam.

A *Flora Brasiliensis* de Von Martius, iniciada em 1840, só ficou concluida em 1906. Von Martius, que esteve no Brasil de 15 de Julho de 1817 a 14 de Junho de 1820, dirigiu a publicação de 1840 a 1868.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Prof. Augusto Ribeiro de Carvalho

Inspector de Exercícios Physicos

PLANO DAS LIÇÕES DE GYMNASTICA.

Si ha aula que deve ser cheia de vida, cheia de exercicios e cheia de mobilidade — essa é a aula de Gymnastica. A criança deve ir a uma aula de Gymnastica como quem vai a uma festa e não a um entêrro, a um acto funebre. Por isso, deve sempre o professor preparar ou predispor os animos para essas aulas, em que se faz a festa do musculo, a festa da saude.

As lições devem ser *completas*. Cada aula deve começar SEMPRE por uma *sessão preparatoria*, que é o *primeiro momento*, ou por *exercicios preliminares, iniciaes*, e terminar SEMPRE por uma *volta á calma*, que é o *ultimo momento*, com *exercicios finaes e respiratorios*.

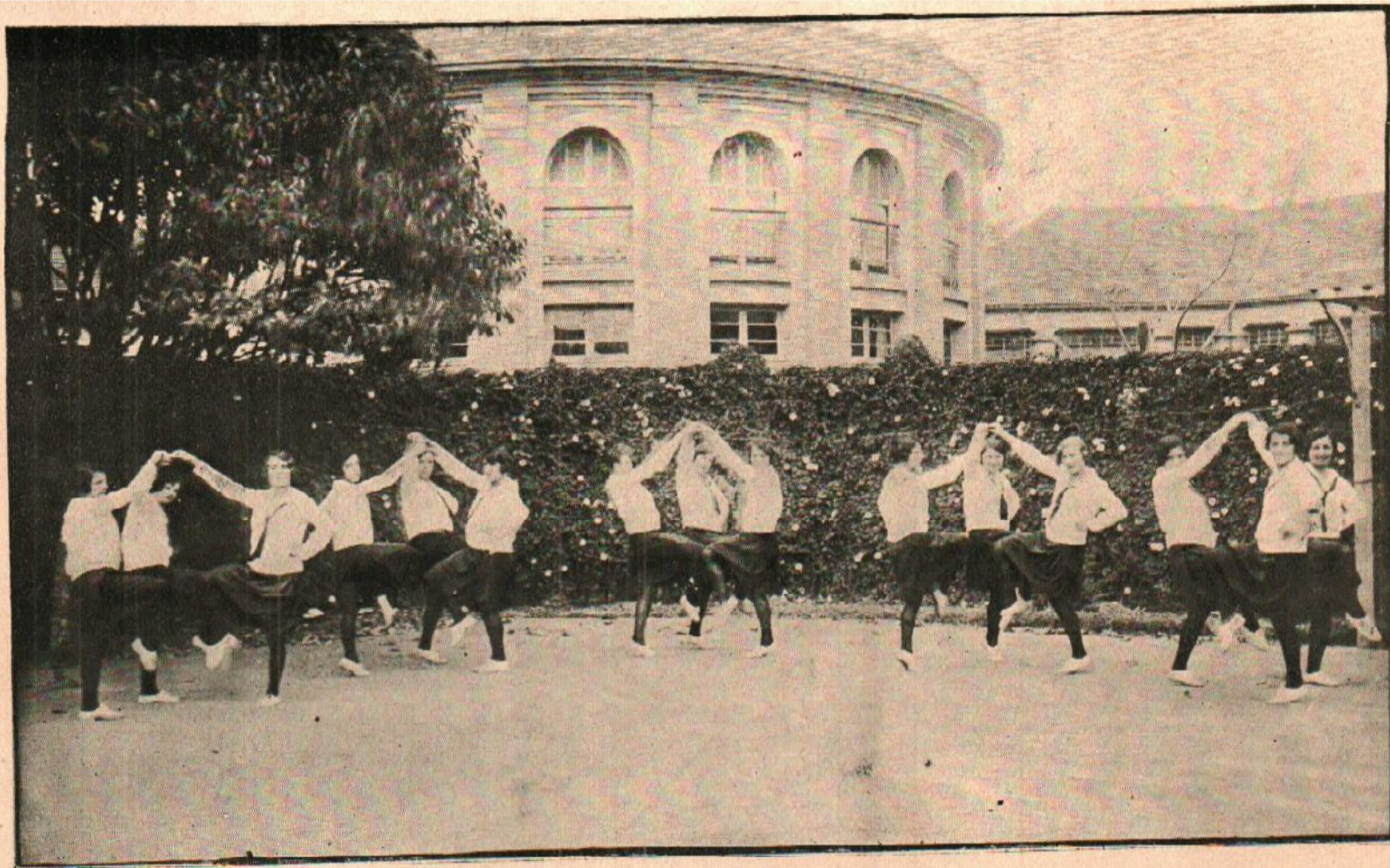
Os caracteristicos da *lição completa* são os seguintes: — a lição deve ser *continua, alternada, gradual, attraente e disciplinada*.

Continua — quando começa no começo e termina no fim, isto é, quando só é cortada, interrompida, pela mudança de exercicios ou pela passagem aos exercicios respiratorios, finaes.

Alternada — quando constituida por uma successão de exercicios interessando, alternadamente, as partes superiores e inferiores do corpo.

Gradual — quanto á *intensidade*, quando os exercicios são escolhidos de tal modo que a energia necessaria para executá-los vai crescendo do começo da sessão preparatoria até ao começo do ultimo terço da lição e dahi decrescendo até á *volta á calma*; ou *gradual* quanto á *difficuldade*, quando, no decurso da instrucção, compreende exercicios cada vez mais difficeis.

Attracente — quando se variam frequentemente os exercicios e se introduzem os *jogos* durante a lição, para desper-



Escola Normal de São Carlos.
Alumnas normalistas executando um bailado.
Professora D. Elsa Abbt.

tar o interesse dos alumnos e constituir realmente uma diversão.

Disciplinada — quando dirigida com firmeza e ordem.

A lição completa compõe-se dum conjunto de movimentos — applicando-se integralmente a todo o corpo. A ordem em que se agrupam os exercicios, ou em que se succedem numa mesma lição, não é indifferente, si se quer obter um effeito salutar maximo.

Por isso foi que HENRIK LING dividiu primeiro em *quatro categorias* os exercicios componentes das lições; e essa classificação permite ao professor regular a *intensidade* progressiva do esforço muscular, como tambem a da *respiração* e da *circulação sanguinea*. Essa primeira classificação do methodo repousa numa base exclusivamente physiologica, a saber: —

- 1.º — exercicios preparatorios, iniciaes;
- 2.º — exercicios fundamentaes, principaes;
- 3.º — exercicios derivativos;
- 4.º — exercicios respiratorios, finaes.

1.º — Os PREPARATORIOS.

Têm por fim captivar a attenção dos alumnos; desentorpecer o tronco e os membros, dando-lhes flexibilidade; activar progressivamente a respiração e a circulação sanguinea, antes de começar os exercicios fundamentaes da lição propriamente dita, principalmente quando estes ultimos se tornam energicos ou difficeis. E' uma verdadeira lição reduzida e attenuada, pela qual se inicia a aula de gymnastica. Compõe-se essencialmente de *exercicios de ordem*, de *correcção* e de *movimentos simples dos membros, da cabeça e do tronco*, executados sem auxilio de apparelhos.

Este periodo inicial da lição tem por fim fazer a preparação pedagogica e physiologica da classe de Gymnastica; descongestionar o cerebro, isto é, fazer a passagem, gradativamente, das aulas de *trabalho mental*, de *trabalho psychico*, para as aulas e exercicios physicos. Promove a excitação suave da circulação.

2.º — Os FUNDAMENTAES.

Compõem-se do conjunto de todos os exercicios, cuja utilidade LING reconheceu para attingir ao desenvolvimento completo do corpo. Dividiu esses movimentos em grupos,

segundo sua influencia especial sobre o organismo, ou ainda conforme a parte do corpo a que se applicam particularmente. Em cada um desses grupos, foram seriados methodicamente os exercicios, desde os mais simples e mais fracos, até aos mais complexos e mais energicos. Emfim, foi determinada a ordem em que convinha fazer succeder na lição os exercicios de cada grupo, obedecendo, para isso, aos principios e ás influencias, que já haviam servido para determinar a primeira grande classificação.

Eis a enumeração desses *movimentos fundamentaes* ou *principaes*, na ordem normal, mas não invariavel, em que se succedem na lição: —

- 1.º — exercicios das pernas ;
- 2.º — exercicios de extensão dorsal ;
- 3.º — exercicios de suspensão ;
- 4.º — exercicios de equilibrio ;
- 5.º — exercicios dos musculos dorsaes ;
- 6.º — exercicios dos musculos abdominaes ;
- 7.º — exercicios dos musculos lateraes ;
- 8.º — exercicios de salto ;
- 9.º — exercicios de respiração.

Esses differentes grupos não são limitados, nem exclusivos, pois um movimento qualquer precisa sempre, para assegurar sua execução regular e exacta, da intervenção de grupos musculares numerosos e variados, cujo papel deverá consistir mesmo, muitas vezes, em fixar, em immobilizar certas partes do corpo, enquanto outras trabalham. A classificação indica, portanto, a *influencia dominante*, ou o exercicio mais efficaz, e, de um modo geral, a ordem em que se succedem habitualmente.

3.º — OS DERIVATIVOS.

São destinados, como de repouso relativo ou descongestionantes, a ser intercalados, sendo preciso, entre os exercicios de dois grupos successivos, afim de acalmar o systema nervoso e restabelecer a circulação normal do sangue, ou a respiração, modificadas profundamente por um trabalho precedente.

Assim, por exemplo : —

- a) — Os *exercícios* ENERGICOS das pernas servem para descongestionar o cerebro; constituem, por isso, um bom *movimento derivativo* para o alumno, ao começar a lição ;
- b) — Os *movimentos* LENTOS das pernas, ao contrario, combinados sobretudo com *inspirações profundas e rhytmadas*, acalmam e regularizam o curso do sangue ;
- c) — A *combinação dos movimentos dos braços e das pernas*, que facilitam a marcha do sangue para a periphéria, etc., serve para descongestionar os *grandes vasos do centro do organismo*.

Os exercicios para as pernas não formam sempre um grupo distincto na lição de Gymnastica propriamente dita. Desempenham ahí, geralmente, o papel de exercicios preliminares e derivativos. Neste ultimo caso, são utilmente intercalados entre os movimentos dum mesmo grupo, quando os exercicios são muito energicos.

O professor compreenderá a necessidade da intromissão dos exercicios derivativos de conjunto na lição de Gymnastica sueca, quando tiver reconhecido a intensidade e a energia de muitos movimentos especiaes; sobretudo, se se lhe accrescentar esta outra circumstancia muito importante, que os gymnastas se exercitam sempre simultaneamente, mesmo em apparelho, contrariamente ao que permitem outros apparelhos, cuja construcção obriga a exercitar cada alumno isoladamente e durante uma fracção realmente irrisoria do tempo consagrado á lição.

4.º — Os RESPIRATORIOS.

Compõem-se essencialmente de *elevações*, ou *afastamento dos braços*, acompanhados de *profundas inspirações*, seguidas de *expirações* rapidas completas, durante o *abaixamento e approximação dos braços* e, ás vezes, com *leve flexão da cabeça para trás*, com extensão do tronco.

Os exercicios respiratorios, no fim da lição, têm papel analogo ao que têm os exercicios preliminares no começo da lição; mas, sua acção, por natureza calmante, contribue poderosamente para a educação dos *musculos inspiradores* e para o *desenvolvimento da capacidade respiratoria* ou vital.

Cabe aqui acrescentar, de passagem, que, para attingir a esse fim capital, a respiração deverá ser conduzida judiciosamente durante todos os exercicios gymnasticos. Além disso, enquanto os musculos estão em trabalho, é que urge oxygenar o sangue e livrá-lo pela respiração das perdas resultantes das combustões organicas, sob pena de se chegar ao envenenamento do organismo, ao esfalfamento e a incommodos cardiacos — isto é, á negação da Cultura Physica.

Veremos, em outro trabalho, a *progressão dos exercicios*; e, para dar ao professor uma orientação segura na pratica da Gymnastica, faremos a elaboração de um *eschema* ou *plano*, destinado a servir de base ás suas lições e regulado pela idade, pelo grau de flexibilidade e de vigor, de resistencia e de capacidade dos alumnos.

Fixando-nos na Historia geral da educação hellenica, é notavel que começa em Pythagoras, com um caudal de ideas egypcias, e termina em Alexandria, como um rio que volta ao seu ponto de origem.

PADRE RAMON RUIZ AMADO

DR. CAETANO DE CAMPOS (*)

GRATIDÃO E SAUDADE 1891-1907

René Barreto

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outomno :
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono :
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno :
Mas tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero á "missão" minha !
(Lusiadas, canto X; estr. IX)

Exmas. Snras. Meus Snrs.

Não venho fazer uma conferencia, nem mesmo um discurso, mas simplesmente, em despretençiosa palestra, conversar comvosco a respeito do insigne cidadão, cujo infausto trespasse hoje se commemora. Limitar-me hei quasi apenas á narração de factos de sua vida, como educador e director, para que, mediante elles, vós mesmos ajuizeis, com a vossa criteriosa justiça, quem foi o dr. Antonio Caetano de Campos.

Peço a maxima condescendencia para com o humilde orador, que não tem o habito da tribuna e nem qualidades para ella, e que apenas obedece a uma escolha inexplicavel de seus companheiros. Acolho-me, pois, á vossa benevolencia e conto com as excusas de vossa bondade,

Que, si não me ajudaes, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Na manhã de 12 de Setembro de 1891, uma noticia aba-

(*) Discurso proferido no Grupo Escolar do Carmo (antiga Escola Modelo) aos 12 de Setembro de 1907 para commemorar o 16.º anniversario do fallecimento do DR. A. CAETANO DE CAMPOS.

lava, assim como um terremoto, a alma de todos os estudantes da Escola Normal de São Paulo. Soubera-se que havia fallecido repentinamente, victima de seu nobre e grande coração, o amado, o venerado, o idolatrado Mestre que dirigia aquelle estabelecimento de ensino. Apagara-se para sempre, assim como a vela a um sopro, o espirito que animava o corpo do dr. Antonio Caetano de Campos. A morte, que se não detem; a morte, que se não corrompe; a morte, que se não commove, num só golpe de sua foice assassina, arrebatara aquella vida preciosissima aos carinhos da esposa e dos filhos, á amizade de collegas e discipulos, ao serviço do Estado, ao bem da Patria e da Humanidade.

Parece-me ainda estar sentindo e vendo a consternação que, naquella risonha manhã de primavera, compungia todos os rostos. Reunidos em grupos silenciosos, nas proximidades do velho e já desaparecido edificio da rua da Boa Morte, onde funcionava a Escola, nós todos conservavamos um ar espantado de quem não pode crer possam produzir-se assim brutalmente, inesperadamente, tamanhas desgraças. Mingua-nos coragem até para os commentarios. Estavamos inteiramente esmagados, literalmente despedaçados pela brutalidade do acontecimento.

Cada um que chegava, ignorando ainda o succedido, recebia uma só resposta :

— Mas, o que ha ? perguntavam.

— Morreu o dr. Campos, respondiam.

E era só. Nestas poucas palavras estava tão claramente expressa a desgraça irreparavel, havia um tamanho cataclisma, que o interrogante emmudecia aterrado.

Tinha-se-nos tornado tal a tensão nervosa, aguçara-se-nos tanto a sensibilidade, que alguns imaginaram oppor-se á passagem dos veículos, cujo ruido estava incommodando.

No proprio ar risonho parecia, ás vezes, correrem calafrios.

A' tarde, fomos todos prestar nossa homenagem ao Mestre, conduzindo á mão o seu feretro até a derradeira morada, de onde muitos regressaram soluçando como crianças.

Como pôde esse homem, em tão pouco tempo, assenho-rear-se assim de tantos corações, acorrentar á sua tantas almas, acordar tanta affeição, desenvolver tanta amizade, despertar tanta dedicação, brotar e fortalecer tanta veneração ?

De maneira muito simples: Patenteando a todos as bel-

lezas de sua grande alma e mostrando em toda a sua intensidade a nobreza de seu forte caracter.

E aqui está a razão-de-ser primaz desta commemoração.

Não foi somente o puro sentimento da saudade, não foi apenas a gratidão de seus discipulos o que suggeriu a idéa de organizar-se esta reunião. Houve mais, e principalmente, o desejo de fazer reviver aquelles sentimentos que se encarnavam na vigorosa individualidade de Caetano de Campos — o enthusiasmo ardente que elle communicou a algumas gerações de normalistas, seu optimismo são, activo, efficaz; sua inabalavel fé na instrução do povo, como condição indispensavel da verdadeira democracia.

Senhores : — Neste momento acham-se reunidos na capital, e presentes a esta sessão, os directores de alguns estabelecimentos de ensino do interior, os quaes vieram estudar os aperfeiçoamentos introduzidos em nosso apparelho escolar. Seus collegas daqui entenderam que puras idéas não bastam para uma elaboração de grande vulto, sobretudo numa epoca como esta, tão trabalhada pelo pessimismo e pela descrença.

— E' preciso, pensaram elles, alguma cousa que fale tambem ao coração, reanime a chamma amortecida do enthusiasmo, evoque a lembrança de antigos ideaes, inspire coragem, robusteça a confiança.

“Os grandes homens, diz um notavel escriptor inglês, — qualquer que seja o modo por que os encaremos, constituem uma companhia sempre proveitosa. Não podemos occuparnos, embora imperfeitamente, de um grande homem, sem disso tirar algum proveito. Elle é a viva fonte de calor e de luz, da qual é bom e grato nos abeirarmos.”

Tal é, para nós, a individualidade de Caetano de Campos.

Tal é tambem a principal idéa inspiradora desta consagração posthuma: E' mister que a memoria de Caetano de Campos não seja perdida para os vindouros e que elle sirva de constante exemplo a nós todos e principalmente áquelles que o substituiram e, porisso, devem ter a missão de conservar sempre ardente o fogo sagrado que elle accendeu no coração dos professores paulistas.

As circumstancias em que se deu a nomeação do dr. Caetano de Campos, para dirigir a Escola Normal, são mal conhecidas.

Peço, pois, venia para reproduzir aqui o que a esse respeito referiu a João Lourenço Rodrigues, em Piracicaba, o Dr. Prudente de Moraes :

O nome do Dr. Caetano de Campos foi lembrado pelo Dr. Rangel Pestana, indicando-o, porém, como sendo o homem capaz de realizar os intentos da reforma de 12 de Março de 1890, o Dr. Rangel Pestana deixou transparecer uma apreensão: era possível que o indicado não aceitasse a incumbência, porque, medico de larga clientela, teria de sacrificar grandes interesses.

O Dr. Prudente pediu-lhe uma conferencia em Palacio, po-lo ao corrente do plano da reforma e pediu sua opinião sobre as idéas nelle contidas.

Applaudindo-as com enthusiasmo, o Dr. Caetano de Campos fez esta ponderação:

— O difficil é encontrar um homem competente para realizar tudo isto.

— Já tenho um em vista. E', segundo me informam, pessoa de rara competencia, mas receio que não queira aceitar o encargo.

— E' impossivel que não aceite. Um homem nessas condições ha de ser forçosamente patriota e como tal não se recusará.

— Pensa então que o governo não se arrisca a uma recusa ?

— Tenho disso absoluta certeza.

— Pois bem ! Esse homem é o senhor mesmo ! E já agora tenho a sua palavra.

O Dr. Campos ficou perplexo e não teve o que objectar. Por fim sorriu, dizendo :

— Sim senhor, caí na cilada ! Estou preso, não ha duvida. O governo pode contar commigo.

E foi assim, senhores, que, começando por um acto de abnegação, o Dr. Caetano de Campos veio a ser director da Escola Normal.

As suas idéas philosophicas fizeram numerosos prosélytos para o materialismo. Muitos collegas que hoje, felizmente para elles, volveram ás suas crenças primeiras, eram capazes naquelle tempo de dizer, como nos Luziadas,

“... que o que é Deus ninguem o entende,
que a tanto o engenho humano não se estende”.

Tambem o pobre orador que vos está falando, na sessão litteraria de 2 de Agosto desse anno fatal de 1891, resolveu matar a Jehovah (e creio que alguma cousa tambem o bom senso) nuns pavorosos alexandrinos que, sob o titulo — Dai luz ! — recitou com todo o calor de seus 19 annos.

Como ainda me lembro saudoso desse bello dia festivo !
 Presidia a sessão o Dr. Campos tendo á direita o Dr. Rubião Junior, secretario do interior, e á esquerda o nosso collega Arthur Breves, então deputado á constituinte.

Por toda a sala repleta palpitava uma alegria communitativa, brilhavam olhos moços e entusiastas, arfavam peitos cheios de esperança e de coragem. Quanto riso naquella festa, que antecedeu de pouco mais de mez a catastrophe que hoje relembramos ! Quanta festa naquelles risos, que em breve se transformariam no pranto amargo !

No momento proprio, tomado de perturbadora commoção, subi á tribuna e comecei a dizer os meus versos. Vi, com muita satisfação e mesmo orgulho, que o director ouvia com attenção o que eu ia dizendo, numas audacias de livre-pensador imberbe. E quando exclamei, perorando :

A luz ! A luz ! A luz ! Eis do que necessita
 O cerebro da plebe, em cujo ninho habita
 Um abutre — a ignorancia, uma aguia negra — o crime
 Dai luz ! Nada é mais bello e nada é mais sublime.
 Que assim vós tornareis a Patria um Paraiso.
 Instrui, instrui, — á força até si for preciso,
 Porque já alguém o disse e eu digo-o neste instante :
 — Ninguém direito tem de ficar ignorante.
 Instrui, educai bem os crebros franzinos
 Dos bons, dos joviaes, dos louros pequeninos.
 Eu quero, eu quero ver esses filhos da aurora,
 Em cujos corações, em cujos peitos mora
 E canta noite e dia a ave da innocencia,
 Morderem desde já o pomo da Sciencia.
 Ensinai-lhes noções de Patria e de civismo.
 Dai-lhes a ler IL CUORE em vez de um catecismo.
 E' bom que se lhes tire esse terror profundo
 Que têm de Belzebuth e de almas do outro mundo.
 Tirai-lhes esse medo em que elles se consomem.
 — A educação da infancia é que prepara o homem.
 Para longe Satanaz ! Para longe o terror !
 Deveis os educar somente pelo — AMOR.

Quando eu isto disse, Caetano de Campos e Arthur Breves romperam calorosamente os applausos com que a generosa delicadeza do auditorio saudou a minha poesia.

Dahi a poucos momentos levantou-se o director, e foi

então que, num bello e estupendo discurso, arre- impressionante, elle repetiu, talvez mesmo para r as palavras de seu jovem discipulo, as memoraveis s de Goethe — Luz! Luz! Muita Luz!

Perdoai-me esta digressão á lembrança de que me é particularmente grato, e volvamos atrás.

Emquanto começavam e proseguiam as aulas, cola Normal, fazia-se a matricula na Escola Mode

Tal era a prevenção existente contra as escolas, que foi preciso, por assim dizer, recrutar alumnos, es- cola modelo.

Abertas as aulas no novo instituto, a actividade direc- tor redobrou. A maior parte de seu tempo era gada á escola modelo, que, ainda incipiente, reclamava maior- res cuidados e continua solicitude. Alli passava horas entre as crianças e os mestres, que, embaraçados de pre- entenderem a algaravia arrevezada de miss Brown, cor- riam em todas as duvidas.

Surgiam, por vezes, hesitações.

Ao chegarem á escola modelo, os alumnos-mo- contravam seus nomes no quadro negro, para dar s de physica, de chimica, de botanica, etc. Iam ter com am- pos e expunham-lhe suas difficuldades:

— Como haviam de ensinar aquellas materias, inda não tinham tido na Escola Normal nenhuma aula ?!

— Meninos, a chimica que vocês vão aprender, mal é uma, e a que vão ensinar aqui é outra. Lá é a chimica theorica, aqui deve ser uma chimica divertida.

Façam pequenas experiencias, de modo a n a attenção das crianças. O mesmo quanto á physica, oria natural.

E dava exemplos, e aconselhava livros:

— Leiam Paul Bert, leiam as Lições de Couche, Cal- kins. Sim, leiam, mas não se deixem escravizar pelos pen- dios. Conservem livre a iniciativa propria; imaginem ces- sos novos.

Um dia o Edmundo Lisboa, o espirito mais jovial, ga- zão da Escola, appareceu com uma ideia nova. Fizeram systema metrico: Tinha feito um simulacro de aula, de seccos e molhados e vendia aos alumnos... serrado ma- deira.

Miss Brown applaudiu o Edmundo que cedeu as suas aulas praticas por alguns dias, até esgotar a materia.

Uma vez o Dr. Campos encontrou um dos professorandos falando em metaes e metalloides, cujos nomes ia escrevendo no quadro negro. Nenhuma observação fez, mas chamando-o depois á parte, disse-lhe :

— Não tenham a pretensão de encher a cabeça das crianças. Nada de ensino theorico e mnemonico. Provoquem a observação das crianças, façam experiencias interessantes. Depois disso estabeleçam uma conversação dialogada e procurem corrigir os erros de linguagem e cultivar a expressão.

E desta maneira, aconselhando, guiando, evitava a subordinação aos compendios, criava a individualidade nos futuros mestres, inculcava-lhes, ao mesmo passo que o espirito de iniciativa e de invenção, a confiança em si mesmos.

Tão bellos processos de educação não podiam deixar de produzir fructos opimos. Mestres e crianças viviam numa atmospheria de alegria e de trabalho amavel e proveitoso. Privarem-nas de irem á escola, um dia que fosse, era o maior castigo que as crianças temiam em casa. Muito antes de abrirem-se as portas da escola-modelo já muitas estavam agglomeradas na rua, á espera, anciosas.

O mesmo já não succedia com alguns alumnos-mestres, receiosos das aulas práticas. Um delles principalmente, o Antonio Escobar, provocava icontinuamente as queixas de Miss Brown. Quasi se tornou lendario, como o Zamid do Ali-Babá, ou os carabineiros de Offenbach: *il arrivait toujours trop tard!*

Todo este resultado, todo este successo, toda esta corrente de sympathia, de cordialidade, de incoercivel enthusiasmo, todo este movimento que ia das crianças aos paes e dos paes ás esphas da administração, tudo isto tinha como ponto de partida, como centro de irradiação o Dr. Caetano de Campos. Elle era para todos alma, vida, animação, coragem, exemplo, edificação.

A acção do Dr. Caetano de Campos sobre a elevação moral de seus alumnos, por cujos brios sempre pugnou, foi decisiva e completa.

Para poder influir mais efficaçmente sobre os alumnos mestres vinha conversar familiarmente com elles.

Expendiam-se e discutiam-se livremente as opiniões em sua presença.

E' que elle já percebia que "o discipulo ideal não é mais, como antigamente, o ser passivo, acceitando docilmente a vontade do mestre e não suscitando a minima difficuldade".

E' que elle já proclamava "que o educador ideal não é mais o mestre que melhor consegue desenvolver no alumno o habito da obediencia resignada e submissa, e vinga despedaçar nelle todas as molas de resistencia e, por consequencia, de iniciativa e vontade". E' que elle já comprehendia que "o individuo deve ser considerado como um *fin en soi*; que é mister respeitar o livre jogo de suas leis de desenvolvimento; que é preciso facilitar nelle a realização de todas as potencias que traz em germe".

Apesar de toda a cordialidade e mesmo familiaridade, quanto affectuoso respeito elle impunha! Ouvi-lo, e attender suas menores suggestões era um prazer para todos. Porque elle não ordenava, — aconselhava, pois que "sendo a natureza humana toda feita de espontaneidade e liberdade, é indispensavel respeitarmos a sua essencia. Ella não se recusa a deixar dirigir-se, porque é fraca. Mas não gosta de sentir-se dirigida contra vontade. A ordem é brutal, sem graça, sem belleza, sem valor persuasivo, ao passo que o conselho, a suggestão, nos convida a agir e respeita nossa liberdade. Ella, a suggestão, promette a nossa espontaneidade intellectual e moral. Obedecendo-lhe, gozamos sempre o prazer que resulta do exercicio da actividade livre."

Sabei, senhores, "que a alma grita sob o regime do constringimento irritante e toma horror ás pessoas que a sujeitam. Querendo-se, a fina força, tornar-nos sabios, honestos e bons, o mais que se consegue é tornar-nos odiosas a sciencia, a virtude e a bondade."

Peço ainda licença para relatar o seguinte factó, em apoios destas asserções:

Em uma roda de collegas, ha pouco tempo, repetia eu essas idéas bebidas num excellente livro de educação, de Ernesto Picard, quando um delles veio em meu auxilio, narrando este caso pessoal:

Tivera como professor um excellente moço, — alma boa, sensível e amorosa no fundo, mas um pouco rispida á superficie — que não comprehendia a disciplina na escola senão por um passividade e immobilidade absoluta dos alumnos. Este de que se trata, — natureza viva e irrequieta, incapaz dessa posições de estatua ou de soldado prussiano em forma, era, porisso, victima de continuas admoestações e castigos. E como a sua razão se revoltava contra taes penalidades, por as considerar injustas, entrou de odiar o professor e, em vez de corrigir-se, tornava-se cada vez peor, para — dizia elle — dei-

xar assim o seu mestre zangado e aborrecido. Era a sua vingança.

Um dia, estando a correr no pateo do recreio, caiu e feriu-se gravemente no joelho. O professor, que estava perto, correu pressuroso a acudir-lhe, carregando-o nos braços, muito penalizado e afflicto. Durante o periodo da cura, visitou-o por vezes, dirigindo-lhe sempre palavras de amizade e conforto.

— Quando tornei á escola terminou o narrador, vinha inteiramente resolvido a ser um bom alumno a todos os respeitos, e fui-o. Os actos e palavras e amizade que o professor tivera para commigo me haviam impressionado e transformado, conseguindo de uma só vez o que todos os seus castigos jamais conseguiriam.

E nisto estive uma das razões do successo do Dr. Campos: Elle não era obedecido pelo receio de evitar-se-lhe uma brutalidade, e sim pelo respeito e sympathia. Não governava com a autoridade que lhe davam os regulamentos, mas com o prestigio moral de seu character, a bondade de seu coração, o valor se seu talento.

Não era temido, era respeitado. Não era adulado, era amado:

E como o não amar ?

Tambem, elle, um dia, deu pela falta de um dos discipulos e pediu noticias. Disseram-lhe que estava doente. Ao terminar os trabalhos, tomou um carro e foi visitá-lo.

Actos como estes estreitavam cada vez mais os laços entre elle e os estudantes, e essa affeição, como disse alguém, — foi a alavanca que levantou o espirito da mocidade normalista, outr'ora tão isolada, tão pouco acoroçada em suas aspirações.

E quaes foram os frutos dessa orientação e dessa maneira de proceder ?

Lançai um olhar retrospectivo para as diversas gerações que tem saído da Escola Normal e vereis que, de todos os normalistas que directamente receberam a influencia orientadora de Caetano de Campos, muito poucos foram os que deixaram de assignalar-se na vida pratica do magsiterio. Olhai, entre outros, para o quadro de formatura de 1891 — exactamente o daquelles professores que receberam do Mestre mais longo e demorado influxo — e vereis quantos directores, quantos inspectores saíram d'alli.

Senhores. — Até antes do Dr. Campos, os alumnos da

Escola Normal não recebiam, diga-se com franqueza, tratamento condigno por parte dos directores e mestres.

Dois unicos factos, que escolho dentre outros que me foram narrados, darão idéa do que digo :

Até 1889 as quintas-feiras eram consideradas como dias feriados, e os estudantes, em regra, dellas se aproveitavam para porem em dia as lições atrasadas. O director, porém, naquelle anno resolveu supprimir o feriado. Resolveu, e não houve meio de dissuadi-lo.

Os estudantes protestaram, por uma greve geral.

— Vadios ! clamava elle. E vêm falar de regulamento ! O regulamento, fiquem sabendo, é a minha vontade (! !)

Outro :

Approximava-se o fim do anno, alguns professorandos foram pedir ao director que fizesse imprimir as cartas em pergaminho, para que pudessem adaptar-lhes medalhas com dedicatorias.

— Para que esse luxo ? A carta de normalista não passa de um certificado !

Agora o reverso :

Em meados de 1890, devendo realizar-se em São Paulo uma exposição continental, alguns membros do governo provisório resolveram vir assistir á abertura.

Começaram desde logo os preparativos para a recepção. O Dr. Campos, em conferencia com a commissão de festejos, pediu e obteve que os moços da Escola Normal marchassem á frente do prestito.

Quando, de volta da estação, os normalistas transpuzeram o portão do jardim do palacio, o dr. Campos, postado numa das janellas, ao lado do Governador, apontou para o estandarte da Escola e disse, num transporte de alegria :

— Ei-los alli ! Eis as esperanças de São Paulo e da Republica.

E, ao apresentá-los ao Dr. Prudente, o director teve para com elles expressões tão carinhosas, tão cheias de sincera affeição, que de todos os peitos rompeu esta exclamação unisona :

— Viva o Governador de São Paulo !

— Viva o Director da Escola Normal !

Ainda um outro facto passado em circumstancias mais delicadas :

Um incidente occorrido entre alguns estudantes e um

lente do 3.º anno provocou, da parte deste conceitos pouco favoraveis á educação daquelles.

Uma commissão foi apresentar queixa ao dr. Campos, e quereis saber qual foi a solução deste caso ?

O director fez questão de que o lente desse uma satisfação aos estudantes, e o lente, para se não submeter, deixou a Escola Normal.

Tal era o dr. Campos, para quem tudo era pouco, quando se tratava de levantar os brios da classe que tem a seu cargo a formação do character nacional, e que, por isso precisa ser dignificada e prestigiada.

Por occasião de despedir-se de seus primeiros discipulos do curso de biologia, em 1890, ao encerrarem-se as aulas, disse-lhes o Dr. Campos :

— Parti para o apostolado que vos espera. Eu fico assentado á sombra do estandarte da Escola Normal. Aqui esperarei o ruido dos vossos combates e o eco retumbante de vossas victorias. E este dia ha de ser como um marco milliarrio para assignalar aos vindouros uma época decisiva da instrucção em São Paulo.

Estas palavras, como bem disse João Lourenço Rodrigues, tiveram valor de uma prophacia.

A classe do professorado, relegada até então num plano obscuro, inferior, emergiu desd'ahi em plena evidencia. Della saíram directores de grupos, inspectores escolares, membros do Conselho Superior da Instrucção Publica, lentes e directores de Gymnasio, lentes e directores da Escola Normal, Inspector Geral de Ensino e até dois representantes do povo no congresso do Estado.

E qual a força que o sustentou neste movimento ascencional, senão o impulso communicado pelo Mestre, o exemplo de sua coragem, do seu patriotismo, de sua extraordinaria dedicação.

E vós sabeis até aonde chegou essa abnegação: — Até o sacrificio da propria existencia.

O Mestre esgotou-se no trabalho, caiu na arena do combate, morreu, quando ainda a Patria muito tinha a esperar d'elle.

Morreu, — mas se é certo que não há instituição humana que não seja a sombra dilatada de algum grande homem, nós podemos dizer que elle vive ainda hoje nas nossas instituições de ensino, cujos germes elle fecundou com o calor de seu vigoroso civismo.

O' espirito gentil que te partiste ! Se é verdade, contra o que pensavas, que nem tudo neste mundo é só materia e força; se é verdade que depois da nossa morte ainda alguma cousa vive e viverá; se é verdade que a tua grande e nobre alma pode aqui estar presente assistindo talvez a esta manifestação commum de veneração e amor por ti, — escuta-me:

Dá que em nossos corações jamais se apague, não só a recordação de tuas virtudes e exemplo, senão tambem o entusiasmo que nelles accendeste, pela causa das crianças e pelo trabalho em bem da Patria. Faze que esse fogo divino, bafejado pelo sopro vivificante de tua amada memoria, se alastre como um incendio e se propague a todos os que participam connosco destas batalhas incruentas contra a ignorancia. Accende-nos em o peito o facho da coragem e da esperanza, para que levemos por diante a obra que encetaste, da qual nos deixaste herdeiros e nunca jamais abandonaremos, porque, pois que no-la confiaste, lhe devemos toda a nossa força, toda a nossa alma, todo o nosso sangue, toda a nossa carne, todo o nosso espirito. Impelle-nos a que nos dediquemos firmemente ao trabalho e possamos, convencidos, exclamar como o Jordan, de Zola :

“O trabalho ! O trabalho ! Não ha outra força. Com a fé posta no trabalho seremos invenciveis. E é tão facil criar um mundo: basta, cada manhã, entregarmo-nos á faina, ajuntarmos uma pedra ás pedras do monumento já collocadas, subirmo-lo tão alto quanto a vida o permite, sem pressa, pelo emprego methodico das energias physicas e intellectuaes de que dispomos. Por que havemos de duvidar de amanhã, se somos nós que o fazemos, graças ao nosso trabalho de hoje ? Tudo que o nosso trabalho semeia, amanhã no-lo dá... Ah ! trabalho sagrado, trabalho criador e salvador, que és a vida e a razão de viver !”

Anima-nos, pois, ao trabalho, ajuda-nos, soccorre-nos ó alma eleita, ó formoso espirito, ó divino coração !

Exceptuadas as forças cegas da Natureza, nada se move neste mundo que não seja grego na sua origem.

Sir Henry James SUMNER-MAINE
(1821-1883)

ENSINO PRIMARIO (*)

Prof. Ataliba de Oliveira

Inspector Escolar

MEIOS DISCIPLINARES ACONSELHAVEIS

Ha uma pagina de Menezes Vieira, por mim distribuida aos collegas do districto, pagina de maravilha, que eu nunca pude ler sem emoção, e que agora, quando me interpellam sobre os meios disciplinares, eu não resisto ao prazer de transcrever.

“Educai-vos antes de intentar a educação de vossos semelhantes. Regenerai-vos. Transformai o homem vulgar em um homem novo, puro, cujo olhar acalme as paixões, cujas palavras subjuguem as almas. E’ penosa esta metamorphose, esta luta contra os instinctos, os habitos, as seducções da materia. Mas desta victoria depende o exito de todos os processos educativos que empregardes.

“Ver e tolerar uma acção má é uma das peiores faltas do professor.

“Temei e evitai os excessos de colera. O arrebatamento do mestre produz na criança, primeiro — temor, depois — aversão. Os caracteres fortes revoltam-se, os timidos apresentam a obstinação bruta, invulneravel; ou a hypocrisia ou o desgosto; em todo o caso — a desconsideração, o desprezo para o individuo encolerizado. A colera é uma especie de epilepsia moral; aos primeiros symptomas, fugi, longe dos vossos discipulos e deixai passar o accesso.

“Sêde indulgentes para as faltas passageiras. Severos para os vicios.

“E’ impossivel dizer tudo quanto necessita um professor adquirir de doçura, firmeza, prudencia, equidade, coragem; quanto deve estar isento de paixão, de personalidade; quanto

(*) Do relatorio apresentado pelo inspector escolar, sr. Ataliba de Oliveira ao Snr. Dr. Director Geral da Instrucção, na reunião de inspectores effectuada em Janeiro do corrente anno.

deve ser insensível ás bajulações dos paes e superior ao receio de descontentá-los na pessoa dos filhos ; quanto, ao mesmo tempo, lhes deve de attenções e respeito ; finalmente, quanto deve ser inflexível para comsigo e para com os outros !”

Exaltadas estas difficuldades que reclamam do educador qualidades não communs e fazem d'elle um expoente no meio social, o mestre continua, com aquelle accento evangelico tão ao sabor dos espiritos religiosos :

“Por entre os escolhos que surgem no governo de um bando de ciranças, ha uma bussola que sempre nos leva ao bom porto — a affeição ! Affeição e Justiça ! Separadas, estas duas virtudes do professor poderiam ser : uma — muito severa ; outra — abusiva. Reunidas, a affeição tempera a justiça ; e a justiça regulariza a affeição.”

Estabelecidos estes dois fundamentos, podem se citar agora outros meios disciplinares :

1 — Não improviseis as lições. Preparai-as previamente. O ensino dispersivo, tacteante, feito em procura de assumpto ; a linguagem emperrada e monotona — produzem a indisciplina.

2 — Trazei a classe em constante occupação ; vigilai-a continuamente, para evitar faltas possiveis. Mais vale prevenir do que castigar.

3 — Registai em quadro adrede preparado, as notas de comportamento e applicação, ensinando o alumno a ver nellas o reflexo de sua conducta na escola. Por este meio, habilitareis os paes a compreender o boletim mensal — relatorio da vida da criança, na escola, durante 30 dias.

4 — Castigai pouco ; e fazei-o com piedade e discreção. Não premieis muito, para não matar, no coração infantil, o interesse da aula por si mesma.

5 — Sêde entusiastas pelo magisterio, embora não vos cerque senão o desconforto material e vos neguem a consideração que mereceis. Que vos conforte e estimule a certeza de não haver função social mais nobre do que esta : Educar. Isto é : Combater os habitos maus e as más inclinações ; impulsionar ás tendencias boas ; aguçar os sentidos ; desenvolver as qualidades de raciocinio e observação ; acoroçar e polir os attributos moraes que embellezam a alma. Educar — emfim, numa só palavra que exprime tudo.

6 — Do recreio á sala, da sala ao recreio entregai os alumnos a si mesmos, dando-lhes o orgulho da confiança que elles vos merecem, simulando a ausencia de uma vigilancia que de facto existe, mas dissimulada.

7 — Nos recreios, é preferivel proibir jogos que produzam brigas ; brigas ou questiunculas que se prolongam até as salas e, ás vezes, até fora da escola.

COMO DESPERTAR E PRENDER A ATENÇÃO DO ALUMNO

Em oito annos de inspectoría tenho observado que o professor activo e diligente é o que melhor prende a attenção dos alumnos. Quando a aula, pela clareza e methodo da transmissão, se torna facil e ao alcance das mais communs intelligencias ; quando a vivacidade do professor controla e aviva as energias mentaes que o cercam — brota o interesse e com o interesse, surge a attenção.

A sua principal condição é, sem duvida, a disciplina. Classe disciplinada é, quasi sempre, classe attenta — principalmente quando a disciplina promana de um rigor bondoso, mescla de affeição e justiça — que o professor, quando educador, na verdadeira significação do termo, sabe por em todo o decurso de sua actividade de orientador de vontades e controlador de energias.

Para despertar a attenção logo de inicio, é conveniente que o mestre procure um ponto de apoio para as suas lições, em objectos, gravuras ou factos que interessem as crianças ou invoque pontos das lições anteriores, estabelecendo assim entre ellas, um traço de ligação, que as torne coesas, sem solução de continuidade. O interesse é factor da attenção.

Uma vez desperta, cumpre prender a attenção, mantê-la viva e efficiente. Isto se conseguirá quando o alumno collabrar tambem na lição e esta não exceder de uma duração compativel com as possibilidades infantis. Dahi — a necessidade imperiosa da observancia do horario. A collaboração ou melhor dito : o apprendizado activo é provocado por meio de perguntas. Perguntas intelligentes, claras, concisas, que contenham o germe da resposta. Perguntas atiradas á classe, que interessem a todos, de modo a ser possivel o ensino collectivo, que é uma das maiores conquistas da pedagogia.

A isto junte-se uma sala ampla, arejada, irrepreensivelmente limpa, adornada com algumas flores; uma presença sympathica de professor que maneje uma linguagem facil e correcta; professor que não grite e esteja sempre vigilante; e mais — um canto de rythmo vivo a alguns exercicios respiratorios de quando em quando — e ahi teremos, em traços syntheticos, todos os recursos dynamogenicos da attenção e os melhores meios de prendê-la.

AMBIENTE ESCOLAR

O ambiente escolar pode ser encarado sob tres aspectos, cada qual mais interessante e que classificarei de physico, moral e social.

AMBIENTE PHYSICO — O bem estar physico da criança depende de uma porção de circumstancias: sala ampla, bem arejada e illuminada; asseio irrepreensivel da sala, do recreio e mais dependencias do predio; arranjo esthetico do armario, das carteiras e da mesa do professor; algumas flores e folhagens, aqui e ali; quadros e mappas muraes; asseio pessoal do professor e alumnos; collocação destes segundo a aquidade visual e auditiva.

AMBIENTE MORAL — Provém das relações entre professor e alumnos, eivadas de affeição e respeito mutuos; do bem estar intellectual que acarretam as aulas faceis e interessantes; da satisfação provinda da camaradagem contraída na escola; do prazer oriundo dos brinquedos e jogos escolares bem como dos cantos infantis.

AMBIENTE SOCIAL — Este é criado pelas festas civicas e exposições escolares, ás quaes devem ser convidados, com insistencia, os parentes dos alumnos e autoridades municipaes; pelos passeios escolares a sitios pittorescos proximos da escola; pelo escotismo; pelas visitas de pessoas interessadas, visitas que precisam ser promovidas e incentivadas pelo director e professores; pela commemoração obrigatoria do Dia da Criança, em todas as escolas.

APONTAMENTOS PARA UMA HISTORIA DO ENSINO PUBLICO EM SÃO PAULO

REVISTAS DE ENSINO

Carlos da Silveira
Redactor - chefe de "Educação".

"A ESCHOLA PUBLICA"

Reformada a Instrucção Publica do Estado de São Paulo com o impulso do Decreto n.º 27 de 12 de Março de 1890, o qual consubstanciava a visão clara e o sadio patriotismo de Prudente de Moraes, Francisco Rangel Pestana e Dr. Antonio Caetano de Campos, entrou o professorado primario numa fase nova de entusiasmo e energia, acoroçada ainda pelas leis que vieram em seguida, principalmente pelo Decreto n.º 218 de 27 de Março de 1893. Aqui, porém, eram já as figuras de Bernardino de Campos, Dr. Cesario Motta e Gabriel Prestes as que mais relêvo haviam adquirido, num scenario movimentado quanto a coisas do ensino.

Fez-se, desde logo, sentir a falta de uma revista escolar-que servisse de orientadora ao professorado paulista. Mess tres novos, methods recentemente introduzidos, proçessoa ainda não muito vulgarizados, determinaram a iniciativ, de um grupo de professores da Capital, e dahi o apparecimen-to de "A Eschola Publica", primeira publicação pedagogica, no nosso Estado. Durou uns quatro annos (Julho de 1893 a Dezembro de 1897) e, pelo menos nos ultimos tempos, foi auxiliada pelo Thesouro Estadual. Porque se tivessem esgotado os primeiros numeros, ou por procura ou por insufficiencia de tiragem, ou ainda por ambas as causas juntas, foi feito um volume especial, com os artigos mais interessantes, isto em 1895. Tenho esse volume, bem como os numeros publicados em 1896 e 1897 (15 de Dezembro, n.º VIII), por uma dadiva gentil do saudoso Alfredo Bresser da Silveira, quando, como praticante do ensino primario, em Julho de 1902, frequentei a Escola Modelo do Carmo, de que Alfredo Bresser era director acatadissimo. Naquella epoca, eu cursava

o terceiro anno da Escola Normal e Oscar Thompson, então nosso director, resolvendo criar a pratica de ensino para os alumnos-mestres, determinara escolhessemos nós os Grupos da Capital, que quizessemos, para ahi fazermos pratica de ensino. Escolhi a Escola Modelo do Carmo, pelo bom nome que tinha. Lembro-me de haver encontrado alli Ramon Roca, Aristides de Castro e Cypriano da Rocha Lima.

Nos volumes de "A Eschola Publica" vêem-se os nomes de João Borges, René Barretto, Pedro Voss, Aristides de Castro, Joaquim Luiz de Brito, Arnaldo Barretto, Benedicto Tolosa, Oscar Thompson, Joaquim Sant'Anna, Romão Puiggari, Antonio Rodrigues Alves Pereira, Ramon Roca Dordal e Alfredo Bresser da Silveira. Estes eram da commissão de redacção.

"REVISTA DO JARDIM DE INFANCIA"

Era destinada ao desenvolvimento dos principios e methodos relativos aos Jardins de Infancia Froebelianos. Gabriel Prestes obtivera do Governo a manutenção da Revista e nella se encontravam numerosos trabalhos de Zalina Rolim, alguns de Gabriel Prestes, e outros de Joanna Grassi, Maria Ernestina Varella, Isabel Prado, Teresa Couto Rodrigues. A Revista começou em 1896 e acabou em 1897.

"REVISTA DE ENSINO"

Quatro annos depois do desaparecimento de "A Eschola Publica", a falha de uma publicação pedagogica tornou-se ainda mais evidente. Então, sob o patrocínio da novel Associação Beneficente do Professorado Publico, que estava em pleno vigor, o primeiro numero da excellente "Revista de Ensino", impressa a custa do Estado, na Typographia do "Diario Official do Estado de São Paulo". Com auxilio tão valioso, os primeiros numeros estiveram á altura dos fins a que se propunham. A materia era abundante, a collaboração farta e de qualidade e a parte material nada deixava a desejar. O corpo de redactores, por esse tempo, compõe-se de Arnaldo Barretto, Romão Puiggari, Joaquim Luiz de Britto, João Lourenço Rodrigues, Alfredo Bresser da Silveira, Emilio Mario Arantes, Ramon Roca Dordal, João Chryscstomo Bueno dos Reis Junior e João Pinto e Silva.

Em fins de 1903, porém, houve o celebre desconto de 15% sobre os vencimentos dos funcionarios publicos estaduais ; a irritação provocada por esta medida, já de si muito antipathica, foi extraordinariamente agravada pela reforma do ensino de 1904. O prof. Arthur Breves, presidente da Associação Beneficente do Professorado Publico, entrou a fazer critica cerrada ás duas leis, não só pelas columnas de "A Platéa", como tambem pelas paginas da propria "Revista de Ensino". A Associação Beneficente manifestou-se solidaria com a attitude do seu presidente, apoiando-o numa campanha que reputava justissima. E isso determinou que o "Diario Official" recebesse, do Gabinete do Secretario do Interior de então, um simples aviso para não mais cuidar da "Revista de Ensino".

Suprimido, assim, bruscamente, elemento de tanta valia, começou a "Revista" a diminuir de tamanho e a espaçar as saídas, até que, esgotadas as verbas que a Associação reservára para o seu órgão de publicidade e não convindo desviar, para esse fim, outros fundos sociaes, extinguiu-se a "Revista do Ensino" em Março de 1910, sendo, por esse tempo, outros os nomes dos esforçados redactores.

* *

O Governo do Estado, entretanto, havia confiado, em 2 de Janeiro de 1909, o cargo de Inspector Geral do Ensino ao Dr. Oscar Thompson, que, desde 1902, vinha exercendo, com grande eíficiencia, o cargo de Director da Escola Normal. Logo que se desoccupou de uma serie de trabalhos urgentes, e aproveitando igualmente o facto do desaparecimento da "Revista" da Associação Beneficente do Professorado Publico, o Dr. Thompson promoveu novo surto da "Revista de Ensino", agora porém, como órgão da Directoria Geral, officializada, portanto. Voltou a ser impressa no "Diario Official", a expensas do Estado, como publicação trimestral, isto em Junho de 1911. A primeira comissão encarregada da "Revista" compunha-se de René Barretto, Miguel Carneiro Junior, José Monteiro Boanova e Aristides de Macedo ; todos os quatro inspectores escolares em exercicio. Nos numeros seguintes apparecem outros nomes, tendo passado, assim, pela redacção, todos os inspectores escolares da epoca.

Não teve, todavia, nesta phase, a "Revista de Ensino", o desenvolvimento e o brilho que devia ter, principalmente pela inexistencia de pessoal permanente, especializado, para

tratar de trabalho de natureza complexo como é a redacção e a administração de uma revista de pedagogia, com uma infinidade de coisas a considerar e a attender. Publicado, em Outubro de 1919, o volume 1-4 correspondente ao periodo de Junho a Dezembro de 1918, desapareceu a "Revista", pela segunda vez, não sendo, como seria de esperar, notado o facto e muito menos sentido, tão insignificante foi a influencia exercida durante esses sete annos, com os 32 numeros vindos á luz em 27 edições.

"REVISTA ESCOLAR"

Em 1.º de Janeiro de 1925, appareceu o primeiro numero de uma nova revista de ensino, a "Revista Escolar", orgão da Directoria Geral da Instrucção Publica, sob a direcção do Professor João Pinto e Silva, redactor-director, que se manteve no cargo até 6 de Dezembro de 1928. A nova revista, mensal, com secções permanentes, tinha organização á parte, com o seu pessoal proprio, nisso levando enorme vantagem sobre a anterior. Durou até Setembro de 1927, tendo dado 33 numeros. Esta revista pretendia reviver o programma de "A Escola Publica", mantendo-se no mesmo nivel della. Logo depois de iniciada a publicação, formaram-se duas correntes — a do professorado novato, partidario deste modo de ver as coisas, e a de um professorado mais entusiasta que pretendia uma orientação mais doutrinaria, de accordo mais ou menos com o que se faz no Uruguay, onde o Conselho Superior mantem os "Anales de Instrucción Primaria e a Enciclopedia de Instrucción", dois excellentes repositórios do que a pedagogia tem de melhor. Sem desconhecer os serviços valiosissimos de "A Escola Publica", achava, todavia, este segundo grupo, que já tinhamos quasi quarenta annos de ensino moderno, muitas cathedras de pedagogia e de didactica pelo Estado todo, e que os professores, mesmo da roça, precisavam de alimento mais elevado, para não cairem numa lamentavel e prejudicial rotina. Assim, desejavam fosse mudada a orientação da "Revista Escolar" approximando-se ella de "Educação" do Rio de Janeiro, dirigida pelo deputado Sr. José Augusto, representante do Rio Grande do Norte, pela qual, aliás, já se havia moldado a "Revista da Sociedade de Educação" de São Paulo, Sociedade essa cujos membros eram os maiores adversarios do rumo seguido pela "Revista Esco-

lar". Com a mudança de Governo, em Julho de 1927, e por influencia do Dr. Amadeu Mendes, novo Director Geral da Instrucção Publica, fez-se a alliança da revista do Estado com a revista da Sociedade de Educação, e, por isso, o ultimo numero da "Revista Escolar" (33.º) saiu em Setembro de 1927.

"EDUCAÇÃO"

Esta revista, substituta da anterior, surgiu em Outubro de 1927, orientada por uma commissão mixta de tres membros da Directoria Geral e dois da Sociedade de Educação, e mantinha o mesmo pessoal da phase anterior, isto é, um redactor-chefe e dois auxiliares de redacção e mais um remessista. Este pessoal, de accordo com a lei n.º 2.182C de 29 Dez.º 1926, era interino, excepto o ultimo, o unico nomeado.

Por motivos de exigencia da Inspeção Medica Escolar, tambem installada no predio do Largo do Arouche, transferiu-se a Revista para dependencias do predio da Directoria do Ensino, na Travessa da Beneficencia n.º 1, onde ainda se acha. Continua a ser mensal, mas tem deixado de sair com a regularidade necessaria.

A fusão operada determinou a victoria do grupo dos modernistas extremados, que transformaram a Revista em um órgão de cultura bastante elevado, o que desagradou o professorado primario. Com a brusca mudança de programma, os partidarios da maneira tradicional passaram a guerrear a "Educação, acimando-a de órgão philosophico e, portanto, improprio para o ensino primario. Isto determinou forte movimento contra a Revista, que teve diminuido o numero de assignantes, pois ao passo que os adversarios devolviam os seus numeros e a combatiam tambem por palavras, os amigos limitavam-se ao simples papel de leitores, sem cogitar de propaganda, esquecendo-se que, desta, nem os diarios de grande tiragem descuram. A Revista chegou, por estas causas, a uma expedição minima de cerca de 3.300 exemplares. Como o primeiro numero saiu em Outubro de 1927, a collecção consta já de quasi sete volumes, pois que cada volume abrange tres numeros.

Licenciado o Prof. João Pinto e Silva, substituiu-o desde Junho até Dezembro de 1928, o Sr. Alduino Estrada, que, não obstante o accumulo de serviço, conseguiu dar os numeros de Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1928.

Em principios de Dezembro, com a exoneração a pedido, do redactor-chefe, assumi eu o cargo. Contando com a boa vontade e o entusiasmo do Sr. Dr. Amadeu Mendes, Digno Director Geral, tenho procurado corresponder á confiança em mim depositada, elaborando um largo plano, capaz de tornar a Revista um órgão digno do professorado do Estado de São Paulo. Este plano, já em execução, é o seguinte :

— regularizar a saída da Revista, remetendo-a cuidadosamente, de maneira que todos os assignantes possam recebê-la pontualmente ;

— tornar a escripturação da Revista bastante simples e clara e de perfeito accordo com os assentamentos do Thesouro (onde se fazem os descontos mensaes de 1\$500 dos assignantes de folha de pagamento) ;

— tornar a Revista uma publicação util aos professores todos do Estado, de todos os graus de ensino, sobretudo primarios e secundarios ;

— passar dos quatro mil assignantes actuaes a um numero bem superior, com uma propaganda baseada nos proprios meritos da Revista ;

— procurar fazer convergir para a Revista a attenção dos professores, de modo a poder ella estimular o trabalho mental applicado ao campo vastissimo da pedagogia ;

— emfim, fazer da Revista um órgão de cultura geral e especializada do professorado paulista e um expoente do progresso do Estado.

Para attingir, porém, esse desiderato, é preciso apparellhar a Revista com os meios necessarios que a observação aponta. A criação de uma officina propria, poria a Revista ao abrigo de imprevistos diversos, como, por exemplo, os criados com as greves de operarios (foi o que se deu agora) e com os embaraços decorrentes do frequentissimo accumulo de serviço.

A Revista precisa ter organização adequada, com pessoal nomeado, exclusivamente responsavel pela mesma, deixando de ser, como actualmente é, um simples prolongamento da Directoria Geral, afim de ser uma repartição, um serviço independente, da mesma forma que o "Diario Official", a "Repartição de Estatística e Archivo", o "Museu", et cetera.

Basta attentar para o numero de pessoas que já passaram pela Revista, desde Janeiro de 1925, para se concluir pela necessidade de novas trilhas. Encontram-se os seguintes nomes: João Pinto e Silva (redactor-chefe), Mary MacIntyre, Maria Antonia de Mello, Augusto Ribeiro de Carvalho, Dr. José Veiga, Antonio Faria, Wenceslau Arco e Flexa, José de Almeida Pacca (professores estaduaes) e Alduino Estrada, todos como auxiliares de redacção.

Desde que entrei, conta a Revista apenas com o Professor Orlando Braga, designado para auxiliar, na vaga do Sr. Antonio Faria. O Professor José de Almeida Pacca acha-se addido á redacção. Como remessista está D. Olga Giammarino. O serviço deste cargo é mais de servente do que de funcionario de categoria.

Dada uma organização estavel, ficaria a Revista Escolar aparelhada para vencer galhardamente, realizando-se, de tal sorte, todo um programma de orientação profissional e de cultura geral e especial, sem perigo de colapso, o que, por emquanto, é muito de prever, por já ter acontecido varias vezes no nosso Estado. E' recente o fracasso das tentativas precedentes.

(S. Paulo, 31-5-1929)

* * *

REVISTAS DE ENSINO PUBLICADAS POR INICIATIVA PRIVADA E SEM AUXILIO DO ESTADO:

“REVISTA DE EDUCAÇÃO”

De Maio de 1902 a Dezembro de 1903 foi publicada, na Capital do Estado, a Revista com o titulo supra. Plano original, permittindo grande desenvolvimento, não durou, entretanto, o que devia durar. Os seus JORNAES — da mocidade, dos EDUCADORES, DO POVO, DAS CRIANÇAS — eram bem cuidados, cheios de interesse, e revelavam a orientação e a capacidade de organização do saudoso professor Manoel Cyridião Buarque (“seu” Buarque), espirito infatigavel, dobrado de delicadezas e de alegrias sãs, que todos nós, seus alumnos, conhecemos e apreciámos. O professor Buarque pretendia congregar, em torno da sua obra, toda a intellectualidade paulista, num esforço permanente e sempre proveitoso.

“REVISTA DOS EDUCADORES”

Ernesto Sampaio e Affonso Porto iniciaram, em 1911, a publicação de uma revista de ensino quinzenal que, com alguma regularidade, foi saindo até alcançar uns treze numeros. Nella collaboravam muitos professores primarios e secundarios de São Paulo, e pode-se affirmar que a revista era bem feita e capaz de concorrer para o desenvolvimento da cultura pedagogica do meio. Ella, porém, soffria do mal de todas essas publicações e era que a parte financeira não afinava pelos altos ideaes dos fundadores, e, assim, morreu...

“O ESTUDO”

Um grupo de professores da Escola Normal Secundaria de São Carlos, em 1912, resolveu organizar uma revista de cultura geral e especialmente pedagogica e fundou “O Estudo”, cuja divisa era VITAM IMPENDERE VERO. Os fundadores conseguiram dar apenas tres numeros, precisamente 3. A comissão de redacção compunha-se de Theodoro de Moraes, Mario Natividade, João Augusto Pereira Junior, Francisco Z. de Oliveira Penteado, Arthur Raggio Nobrega e do autor destas linhas. O ultimo numero saiu em 12 de Outubro de 1912. Constituiu um insuccesso financeiro para o editor, o estimado cidadão sancarlense Sr. Joaquim Augusto Ribeiro de Sousa que, nesse tempo, era o dono da “Typographia Aldina,” a acreditada officina typographica de São Carlos.

“REVISTA DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS”

Esta revista foi publicada, como o nome o indica, em São Carlos, tendo sido organizada pelos lentes da Escola Normal Secundaria da referida cidade, como “órgão de propriedade e redacção do corpo docente”. Só publicava trabalhos inéditos, era gratuita e as despesas custeadas por subscrições feitas dentro da Escola, entre os docentes e administrativos. Semestral, mereceu, depois de algumas edições, o auxilio municipal de 300\$000 anruaes. O primeiro numero saiu em Novembro de 1916 e o ultimo em Dezembro de 1923, possuindo a collecção completa 13 fasciculos. O facto de exigir *trabalhos inéditos* e a circumstancia todo especial da *gratui-*

dade deram á "Revista da Escola Normal de São Carlos" uma feição sympathica que muito contribuiu para a divulgação de bons trabalhos.

Em fins de 1920 e começos de 1921 foi feita a reforma das Escolas Normaes do Estado, sendo unificado o typo. Este facto determinou o afastamento de alguns entusiastas, que foram aproveitados em outras normaes; a dispersão foi fatal á revista e acarretou o desaparecimento della. De facto, publicada regularmente de 1916 a 1920 (9 numeros, 1.^a phase), entrou a fenecer em 1921, deu apenas uma edição em 1922 e outra, final, em Dezembro de 1923 (4 numeros, 2.^a phase).

"REVISTA DE EDUCAÇÃO"

"Orgão da Escola Normal de Piracicaba e annexas", deu o seu numero inicial, esta revista, em Maio de 1921. Imprimia-se na Typographia do "Jornal de Piracicaba", e era muito bem feita, sob todos os pontos de vista. Do seu programma se depreende que a commissão de redacção visava um ideal dos mais elevados, o que não foi conseguido, porque depois de alguns excellentes fasciculos, teve tambem o seu canto do cysne. Foi pena. A commissão de redacção compunha-se do director da Escola, de dois lentes da Normal, dois da Complementar e dois professores da Escola Modelo.

"REVISTA DA SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO"

Fundada, em São Paulo, a Sociedade de Educação, em varias sessões aventou-se a idea de uma revista que, sendo um repositório dos trabalhos apresentados nas reuniões, pudesse tambem informar ao publico sobre os altos objectivos culturaes da Sociedade. Dessas cogitações nasceu a "Revista da Sociedade de Educação" cuja collecção se compõe de nove numeros, publicados de Agosto de 1923 a Dezembro de 1924. O editor era Monteiro Lobato, pela sua empresa graphica. Da ultima data referida, em diante, nenhum numero mais veio a publico dessa optima revista, que estava formando já um circulo bem selecto de leitores, cada dia accrescido de novos adeptos. A Sociedade de Educação de São Paulo pretendeu reviver esta sua revista, na fusão operada

com a "Revista Escolar" da Directoria Geral do Ensino Publico, o que determinou um movimento reaccionario forte, por parte do professorado primario, o que já refei linhas atrás, e reacção que se explica facilmente e que até se justifica, pois sendo o professorado primario do Interior do Estado o que mais avolumava a lista de assignantes da Revista do Estado, a brusca mudança effectuada, na passagem da "Revista Escolar" para a orientação philosophica desejada pelos socios da Sociedade de Educação, desorientou bastante o maior numero, que estava habituado a tirar da "Revista Escolar" o material já preparado em liçõesinhas feitas e que poupavam esforço, muito embora esse material não condissesse de maneira alguma com o nosso progresso e com as nossas necessidades.

"REVISTA NACIONAL"

A Companhia Melhoramentos de São Paulo, empresa graphica poderosa da Capital, successora da antiga casa dos irmãos Weiszflog, começou a publicar, em Outubro de 1921, uma boa revista de cultura geral, cujo ultimo numero veio a lume em 15 de Dezembro de 1922. Se bem não se tratasse de uma revista de ensino, ella de facto o era, porque só com o exame das edições da casa, em que avultam os livros escolares, e com os annuncios para a divulgação delles, já havia interesse grande para as classes ensinantes, onde se encontravam quasi todos os leitores da "Revista Nacional". A collaboração era muito farta, de primeira qualidade, e primoroso o trabalho material, o que, aliás, não podia ser de outra maneira...

"ARCHIVO PEDAGOGICO"

Do *Centro Educativo Cesario Motta* de Guaratinguetá.

Deu 14 numeros, em 1918 - 19. Publicava-se mensalmente, tinha muito boa collaboração e programma amplo em vias de realização. Desappareceu inexplicavelmente.

BIBLIOGRAPHIA PEDAGOGICA

Alduino Estrada

Encarregado da Secção de Publicidade da
Directoria Geral da Instrução Publica

V

(Complemento aos Boletins publicados)

Completando a parte bibliographica dos boletins publicados, inserimos as indicações abaixo, que nos escaparam e que, de algum modo, podem servir aos leitores que se interessam pelos estudos pedagogicos. Trabalho de investigação difficil, pela falta de elementos de consulta e de um dictionario bibliographico recente, o nosso esforço apresentará sem duvida falhas que procuraremos corrigir da melhor forma.

O nosso intuito é divulgar os autores e os precursores do movimento escolar brasileiro e os educacionistas estrangeiros que maior influencia tiveram e teem tido na evolução do ensino entre nós.

Ao Boletim n.º I, de novembro e dezembro de 1928:

Demoor (Jean) — *Les enfants anormaux et la criminologie* (Conférence faite au Séminaire de Criminologie de Bruxelles). Revue de l'Université de Bruxelles, Abril de 1898.

— *Les enfants anormaux. Leur éducation*. Bull. de la Société de méd. de la Belgique, junho, 1897. Imprimerie Vander Haeghen, à Gand.

— *L'école d'enseignement spécial des enfants anormaux*. Bull. de la Société de méd. ment. de la Belgique, n.º 38, de 22-9-1899.

— *Les Bases physiologiques de l'éducation spécial des enfants anormaux*. (Journal médical de Bruxelles, n.º 36, de 7-9-1899).

— *Les enfants anormaux à Bruxelles*. Année Psychologique, vol VII, pgs. 296-301, an. 1900. Paris, Reinwald, 1901. (Demoor et G. Daniel).

— Diversas collaborações nos trabalhos do Dr. Ovidio Decroly.

Toledo (João) — *O Crescimento Mental*. 2.ª edic., accrescida de um indice alphabetico dos assumptos. Imprensa Methodista. São Paulo, 1929.

— *Didactica*, a publicar-se. Obra de orientação geral do ensino primario.

Ao Boletim n.º II, de janeiro e fevereiro de 1929:

Claparède (Eduardo) — *La Psychologie Judiciaire*. L'Année Psychologique, pgs. 275-302, vol. XII. 1905.

Ao Boletim n.º III, de março de 1929:

Proença (Firmino) — Referencias ao livro "Como se ensina geographia": prof. Sud Mennucci, bibliographia do jornal "O Estado de São Paulo", de.....de..... de 1928; Revista "Educação", n.º I de Outubro de 1928, vol. V, e prof. Lourenço Filho, prefacio da referida obra.

Ao Boletim n.º IV, de abril-maio de 1929:

Barão de Macahubas (Abilio Cesar Borges) — *Novo Primeiro Livro de Leitura*. (Leitura Universal), 1888.

I N F O R M A Ç Õ E S

CIRCULAR N.º 33. — S. Paulo 7 de Maio de 1929.

Sr. Inspector do . . . districto Escolar

Recommendo-vos providencieis junto aos directores de Grupos Escolares e Escolas Reunidas do districto, no sentido de não serem installados gabinetes dentarios no estabelecimento, sem prévio entendimento com esta Directoria, que fornecerá as instrucções necessarias emanadas do sr. dr. Inspector Dentario Escolar. — Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 34. — S. Paulo, 8 de Maio de 1929.

Sr. Inspector Districtal.

Peço os vossos bons officios no sentido de ser enviada, em duplicata e até o fim do corrente mez, uma relação nominal das crianças das escolas de vosso Districto que se distinguirem na prophylaxia da febre amarella.

Empenhada em patentear sua satisfação pelo exito alcançado nessa dignificante cruzada, esta Directoria Geral adoptará limites na distribuição de premios, para o que é mistér sejam incluídos na lista apenas os nomes daquelles alumnos que, em relação aos outros realmente se destacaram na pratica das medidas sanitarias.

Com taes restricções, peço-vos deis as devidas providencias no sentido de funcionarios subordinados a essa Inspectoria vos fornecerem a relação referida, que, até a data fixada, remettereis a esta Directoria, para que a distribuição dos brindes seja feita directamente. Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 35. — São Paulo, 20 de Maio de 1929.

Sr. Inspector do Districto

Capital

Afim de regularizar o fornecimento, pela Light & Power, de passes escolares aos alumnos das escolas publicas e particulares desta Capital, levo ao vosso conhecimento, e, por vosso intermedio, ao dos professores desse districto que, segundo communicação recebida por esta Directoria, é indispensavel para esse fim o seguinte :

- a) requerimento ao sr. Superintendente, assignado pelo director da escola, solicitando a concessão de passes escolares durante o anno ;
- b) annexar a esse requerimento uma lista com o seguinte cabeçalho :
Illmo. sr. Superintendente da Light & Power — Serviço de passes escolares — Lista dos alumnos matriculados na escola, que necessitam de passes escolares (nome, idade, filiação, residencia e horario das aulas) ;
- c) declaração do periodo de ferias, em cartões fornecidos pela Companhia.



Na Escola Normal de São Carlos
Alumnas normalistas, em exercicios callisthenicos.
Professora D. Elsa Abbt.

Para as escolas particulares accresce mais um attestado desta Directoria sobre o funcionamento do estabelecimento.

Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 36. — S. Paulo, 21 de Maio de 1929.

Sr. Director do Grupo Escolar

(Capital)

Do resumo dos trabalhos realizados pela Inspeção Medica Escolar durante o mez de Abril proximo findo, verifica-se que foram expedidos 900 boletins sanitarios. Entanto, no periodo referido, compareceram ás clinicas escolares somente 289 alumnos.

Do cotejo acima se verifica que apenas compareceu ás clinicas a "terça parte" dos alumnos portadores de boletins sanitarios, sendo de notar que de muitos Grupos Escolares nenhum alumno tem comparecido, até a presente data, á clinica de molestias internas e verminoses, uma das mais concorridas, pela frequencia das molestias respectivas.

Levando esse facto ao vosso conhecimento, venho solicitar vossas providencias no sentido de despertardes nos alumnos desse estabelecimento melhor comprehensão do valor de taes clinicas, as quaes, como sabeis constituem um dos aparelhamentos mais efficientes do Estado. Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 37. — S. Paulo, 23 de Maio de 1929.

Sr. Inspector Fiscal da Escola Normal Livre

Solicito as vossas providencias no sentido de serem enviadas a esta Directoria Geral, com a maxima urgencia possivel:

a) a lista nominal dos candidatos que se inscreveram para os ultimos exames de admissão realizados nessa escola normal livre, devendo ser observado a respeito de cada um, se foi approvedo, reprovado, eliminado ou não compareceu;

b) a lista nominal dos alumnos do 1.º anno actual, com observação a respeito de cada um, se é repetente, se fez exame de admissão nessa escola ou em outra qualquer ou se foi transferido de outra escola.

Attenciosas saudações, (a) Amadeu Mendes.

CIRCULAR N.º 38. — S. Paulo, 29 de Junho de 1929.

Sr. Inspector do . . . Districto Escolar.

Para os devidos fins, levo ao vosso conhecimento que os candidatos leigos somente se poderão habilitar para determinada escola, que deverá ser expressamente mencionada no corpo do requerimento de inscripção.

Outrosim, communico-vos que deveis por em concurso, pelo espaço legal de 30 dias, toda a escola isolada, rural, que, sob regencia de professor leigo, venha a vagar-se, e, caso não se apresentem candidatos formados, aceitar inscripção de leigos, mesmo daquelles que, em exames anteriores tenham sido approvedos para outra escola.

Encerrada a inscripção, procedereis aos exames, na forma da Lei, cumprindo-vos ao depois, enviar os documentos e acta dos trabalhos a esta Directoria Geral, para as providencias complementares. Attenciosas saudações. (a) Amadeu Mendes.

Despacho de 16 do corrente.

Nomeações de inspectores fiscaes.

Foi nomeado o professor Gustavo Fernando Kuhlmann inspector districtal do ensino no interior, para exercer, em commissão, o cargo de inspector-fiscal da Escola Normal Livre Municipal, de Lins;

Foi nomeado o Dr. Alvaro Cesar da Cunha Soares, para exercer o cargo de Fiscal do Governo junto á Faculdade de Pharmacia e Odontologia de São Paulo.

Dispensa de Inspector Fiscal.

Foi dispensado o professor Dorival Dias Minhoto, director do Grupo Escolar "Dr. Candido Rodrigues", de São José do Rio Pardo, da commissão em que se acha como inspector fiscal da Escola Normal Livre Municipal, de Lins.

Decreto declarado sem effeito.

Foi declarado sem effeito o Decreto de 18 de Março do corrente anno, que nomeou o Sr. Benedicto Ferreira da Costa, director do Grupo Escolar de São Bernardo, para exercer, em commissão, o cargo de inspector districtal, durante o impedimento do effectivo, Dr. Salvador Ovidio de Arruda.

Aposentadoria.

Foi concedida aposentadoria, nos termos do artigo 67 da Constituição Política do Estado, visto contar mais de trinta (30) annos de serviço ao Estado, e achar-se physicamente impossibilitado de proseguir no exercicio do seu cargo, ao Sr. Benedicto Maria de Tolosa, inspector geral do ensino.

Foi concedida aposentadoria a professora d. Rita de Macedo Barreto, adjunta do Grupo Escolar da Penha, nesta Capital.

Denominação de grupo escolar.

Foi dada a denominação de "Marcello Schmidt", ao 2.º Grupo Escolar de Rio Claro.

Exoneração de adjunta.

Foi exonerada, a pedido, d. Alice Motta Mello, do cargo de adjunta do Grupo Escolar de Cosmopolis, em Campinas.

Nomeações de adjuntas.

D. Estella Garcia Rubio, com exercicio na 1.ª escola mixta da Villa Nova Mazzei, nesta Capital, para o cargo de adjunta do Grupo Escolar de Tucuruvy, no mesmo municipio, Adolpho de Lima Mendonça, professor da 1.ª escola masculina das reunidas de Americo Brasiliense, em Araraquara, para o 1.º Grupo Escolar do mesmo municipio; e d. Jacyra de Oliveira Valente, professora da 4.ª escola mixta, rural, das reunidas de Nova Odessa, em Villa Americana, para o de Cosmopolis, em Campinas.

D. Elvira Panizza, da escola mixta, rural, da fazenda Luiz Cassinelli, em Botucatu, para o de Itajoby.

D. Maria Antonietta Leite Martins, da escola mixta, urbana, da Estação de Ibitinga, em Ibitinga, para o de Bernardino de Campos.

D. Julieta Alves de Araujo, da escola mixta, rural, do bairro de São Pedro, em Tietê, para o de Capivary.

D. Maria Dolores Verissimo, da escola mixta, urbana, do bairro do Patricio, em São José dos Campos, para o 2.º da mesma cidade.

Permutas de adjuntas.

Foram auctorizados a permitir os respectivos cargos as adjuntas d. Zelbina de Vasconcellos, do Grupo Escolar "Padre Bartholomeu de Gusmão", Gessia Dias Corrêa, do "Azevedo Junior", ambos em Santos.

Nomeações de directores.

O professor Alfredo Vieira de Moura, adjunto do 2.º Grupo Escolar de São José dos Campos, para o cargo de director do Grupo Escolar de Orlandia.

O sr. Arlindo Silva, professor da 2.ª escola masculina das reunidas, urbanas, de Nuporanga, em Orlandia, para o cargo de director do Grupo Escolar de Ibirá.

O sr. João de Souza Ferraz, professor das escolas reunidas, urbanas, de Santa Lucia, em Araraquara, para exercer, em commissão, o cargo de director do Grupo Escolar de Mattão.

Remoção de directores e adjuntos.

Sr. Sebastião de Castro, do de Socorro, para o 2.º de São José dos Campos; José Santoro do de Orlandia, para o de Socorro.

Os seguintes adjuntos de Grupos Escolares.

Sr. Abrahão Gomes, do 2.º de Bauru, para o de Dourado.

D. Laudelina Minhoto, do de Dourado, para o 2.º de Bauru.

Nomeações de professores.

Sr. Alfredo Alves Cunha, professor da 1.ª escola masculina do Chora Menino, na Capital, para reger, em commissão, a 1.ª escola masculina das reunidas, urbanas, de Murungaba, em Itatiba.

D. Carolina Cesar do Amaral, para reger a 1.ª escola mixta da Villa Nova Mazzei, na Capital, ficando a mesma exonerada, por decreto desta data, da regencia da 1.ª escola mixta das reunidas, urbanas, de Annapolis.

D. Eudoxia Silveira Moraes, para a 1.ª escola masculina das reunidas ruraes, de Serrote, em Piracicaba, que fica convertida em mixta.

D. Jacy Galvão Novaes, para a 1.ª escola masculina, urbana, do Bairro de Fernão Dias, em Gallia, que fica convertida em mixta.

D. Judith Sant'Anna, para a 2.ª feminina das reunidas, urbanas, de Cananéa.

D. Leonor de Moraes Pereira, para a 3.ª mixta, urbana, do Bairro do Patricio, em São José dos Campos.

D. Lygia Bittencourt, para a escola masculina, rural, do Bairro da Aldeia, em Assis, convertida em mixta por decreto desta data e que fica transferida para funcionar na fazenda Primavera, da mesma cidade.

D. Maria Aparecida Louro, para reger a 2.ª escola feminina das reunidas, urbanas, de Nova Europa, em Tabatinga.

D. Maria Julia de Oliveira Saldão, para a 3.^a mixta, rural, do Bairro do Jardim, dm Jacarehy.

D. Octacilia Camargo de Almeida Prado, para a mixta, rural, da Fazenda Olho d'Água, em Tieté.

D. Ottilia Lazzarini, para a 2.^a mixta, rural, da Fazenda Brejão, em Palmeiras.

Nomeações de leigos.

D. Mafalda Bampa, para a mixta, rural, de Potyguara, em Araçatuba.

D. Maria Aparecida Moraes, para a mixta, rural, de Ribeirão Grande (Cabeceiras), em Santa Cruz do Rio Pardo, ficando a mesma dispensada, por decreto desta data, da escola mixta, rural, do Bairro do Sobradinho, no mesmo município.

D. Maria Carvalho de Oliveira, para a 1.^a mixta, rural, do Bairro de Guayanaz, em Pederneiras.

D. Amelia Jacob, para a mixta, urbana, de Laras em Tieté.

Sr. Pedro Maciel de Almeida Caldeira, para a 1.^a escola masculina, urbana, de Laras, em Tieté.

Remoção por necessidade do ensino.

D. Cleonice da Silva Camargo, da 2.^a escola mixta, urbana, do Bairro de São Bernardo, em Campinas, para a mixta, rural, da Estação de Graninha, em Jaboticabal.

D. Maria Gaudencio Sant'Anna, da escola mixta, rural, da Estação de Luiz Carlos, em Mogy das Cruzes, para a mixta, rural, de Rio Abaixo no mesmo município.

Exonerações em virtude de nomeações para outros cargos.

Sr. Adolpho de Lima Mendonça, da escola masculina das reunidas, urbanas, de Americo Brasiliense, em Araraquara.

D. Elvira Panizza, da escola mixta, rural, da Fazenda Luiz Cassinelli, em Botucatu.

D. Jacyra de Oliveira Valente, da 4.^a escola mixta das reunidas, rurais, de Nova Odessa em Villa Americana.

D. Maria Antonietta Leite Martins, da escola mixta, urbana, da Estação de Ibitinga, em Ibitinga.

D. Maria Dolores Verissimo, da 3.^a escola mixta, urbana, do Bairro do Patricio, em S. José dos Campos.

D. Stella Garcia Rubio, da 1.^a escola mixta da Villa Nova Mazzei, na Capital.

Foi exonerado o sr. Arlindo Silva, professor da 2.^a escola masculina das reunidas, urbanas, de Nuporanga, em Orlandia, por haver sido nomeado director de Grupo Escolar.

Exonerações a pedido.

D. Iole Fioravanti, da 2.^a escola mixta, rural, da fazenda Boa Vista, em Botucatu.

D. Judith Ferreira Alves, da escola mixta, rural, da fazenda Boa Vista, em Itapira.

Transferencia de escolas.

Mixta, rural da Fazenda Capivary, em Conceição de Monte Alegre, regida pela professora leiga, interina, d. Alcina Mendes Carneiro, para funcionar na Estação de Sapesal, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro das Paineiras, em Sertãozinho, regida pela professora leiga, d. Adelina Cavalheiro, para o Bairro de São Vicente, no mesmo municipio.

1.^a escola mixta das reunidas, urbanas, de Turvinea, em Bebedouro, vaga, para funcionar, com a categoria de rural, na Fazenda Monte Rosa, no mesmo municipio.

Escolas reunidas dissolvidas.

— Foram dissolvidas as escolas reunidas, urbanas, de Turvinea, municipio de Bebedouro, por lhes faltarem os elementos necessarios para o seu regular funcionamento.

— Foi declarado que passam novamente a funcionar isoladas as seguintes escolas nas reunidas, urbanas, de Turvinea, em Bebedouro:

Masculina, regida pelo professor José Sant'Anna de Castro.

2.^a mixta, vaga.

3.^a mixta, regida pela professora d. Carolina de Mello Coelho.

Dispensa a pedido.

Por acto de 16-5-1929, foi dispensado, a pedido, o dr. Zulmiro Ferraz de Campos, lente addido á Escola Normal de Guaratinguetá, da regencia interina da cadeira de Latim do Gymnasio do Estado, da Capital.

Despacho de 23 de Maio de 1929.

Nomeações.

Dr. Leão de Araujo Novaes, para exercer o cargo de 3.^o assistente da cadeira de Clinica Cirurgica (2.^a cadeira), da Faculdade de Medicina de S. Paulo.

Dr. Flavio de Magalhães Campos, para exercer o cargo de 2.^o assistente da cadeira de Clinica Cirurgica (2.^a cadeira), da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Professor Antonio Firmino de Proença, para exercer o cargo de inspector geral do ensino, na vaga verificada com a aposentadoria do professor Beredicto Maria Tolosa.

Sr. Oscar Lindholm Oliveira, professor de Matematica da Escola Profissional "Dr. Julio Cardoso", de Franca, para exercer, em commissão, o cargo de director da Escola Profissional Mixta de Sorocaba.

Sr. Antonio Funes, para exercer o cargo de professor de Arithmetica e Geometria da Escola Profissional Mixta de Sorocaba.

Sr. Job Ayres Dias, para exercer o cargo de professor de Português e Educação Civica da Escola Profissional Mixta de Sorocaba.

Remoção.

O professor José Pereira Eboli, director do Grupo Escolar de Dourado, para identico cargo na Escola Modelo annexa á Escola Normal de Casa Branca.

Exoneração em virtude de nomeação para outro cargo.

O professor Antonio Firmino de Proença, do cargo de director do Gymnasio do Estado, de Campinas, visto ter sido nomeado para exercer o cargo de inspector geral do ensino.

Aposentadorias.

Foram aposentadas as professora d.d. Ambrosina da Conceição Xavier, Theodolinda Carmelina Couto, adjuntas dos Grupos Escolares da Penha e de Itaihm, na Capital.

Foi concedida aposentadoria ao professor João Galvão de França Rangel, adjuncto do Grupo Escolar de Piquete.

Nomeação de director.

O professor Roque Plinio de Carvalho, adjuncto do Grupo Escolar de Barretos, para exercer o cargo de director do Grupo Escolar de Dourado.

Nomeação de adjunctos.

Sr. Felipe Ricci de Camargo, da escola masculina das reunidas, ru-raes, de Monte Verde, em Olympia, para o de Fernando Prestes, em Monte Alto.

D. Juventina de Oliveira Penna, da escola mixta (2.^a) urbana, de Alam-bary, em Itapetininga, para o de Monte Alto.

Dispensa de cargo.

Foi declarado ser a pedido a dispensa do professor Samuel de Ama-zonas Sampaio do cargo de director do grupo escolar de Cedral, em Rio Preto, concedida por decreto de 14 de Março desse anno.

Exonerações a pedido, de professores.

D. Anthéa de Almeida, da escola mixta rural, do Bairro do Corrego Fundo, em Tambahu.

D. Benedicta Octaviana dos Santos, da 2.^a escola mixta, rural, da Fa-zenda Guatapará, em Ribeirão Preto.

D. Dulcelina de França Pereira, da escola mixta, rural, da Companhia rural "São João dos Agudos", em Agudos.

Dispensa, a pedido, de professores leigos.

Juvenal Dias Ferraz, da escola masculina, rural, da Povoação de Anhu-mas, em Pederneiras.

D. Francisca d'Antonio, da escola mixta, rural, do Bairro do Corrego da Egua, em Bebedouro.

D. Maria Dulce Amorim Rodrigues, da mixta, rural, da Fazenda São José, em Oleo.

D. Amalia Marcondes Machado, da mixta, rural, do Bairro de Cabe-ceiras, em Araraquara.

D. Aracy d'Avila, da mixta, rural, de Itaguá, em Agudos.

D. Anna Lourenção, da 2.^a mixta, rural, da Fazenda Itaipu, em Barra Bonita.

D. Elvira Dal'Bó, da 2.^a mixta, rural, da Fazenda Bom Jesus, em Araras.

D. Maria Conceição Machado, da mixta, rural, da Fazenda Limoeiro, em S. Simão.

D. Esmeralda da Silva Godoy, da mixta, rural do Bairro dos Alves, em Monte Mó.

Transferencias de escolas.

Mixta, rural, do Bairro do Cerrado de Jundiacanga, em Campo Largo de Sorocaba, regida pela professora d. Maria da Gloria Pereira Leite, para funcionar no Bairro do Esplanada, da mesma cidade.

Mixta, rural, de Agua da Aldeia, em Palmital, a cargo da leiga d. Maria Augusta da Silva, para o Bairro "Pary Veado", no mesmo municipio.

Designação de escolas.

Foi designada a escola mixta, rural, do Bairro Anahanguéra, em Itu, para continuação do exercicio da professora d. Maria Jandyra Lopes, que regia a escola mixta, rural, do Arraial dos Olhos d'Agua, no mesmo municipio, cujo funcionamento fica suspenso.

Conversão de escolas.

Foi convertida em mixta a 2.^a escola masculina, rural, do Bairro de Fernão Dias, em Gallia, e classificada urbana.

Escolas dissolvidas.

Foram dissolvidas as escolas reunidas, ruraes, de Carlos Gomes, em Campinas, por lhes faltarem os elementos necessarios para o seu regular funcionamento.

Foi declarado que passam novamente a funcionar isoladamente as seguintes escolas das reunidas, ruraes, de Carlos Gomes, em Campinas:

1.^a mixta, regida pela professora d. Eduarda Antonietta Vogel.

2.^a mixta, regida pela professora d. Dirca Aranha.

3.^a mixta, regida pela professora d. Alzira Silveira e Souza.

Nomeações.

Srs. Guimar Baddini, Frederico Schrepel e Hercules Tavares de Campos, para exercerem os cargos de guarda-livros, escripturarios, e porteiro, respectivamente, da Escola Profissional Mixta de Sorocaba.

Foi nomeada a dra. Margarida Camargo Barros, para substituir o dr. Adolpho Carlos Leonardo, inspector medico escolar, da Insp. Medico Escolar, durante o seu impedimento, e a contar de 1.^o de Abril do corrente anno.

Despacho de 30 de Maio de 1929.

Concessão de quarta parte de ordenado.

Ao Dr. Affonso de E. Taunay, director do Museu Paulista e á professora d. Lucinda Maria Braga, adjunta do Grupo Escolar "Campos Salles", na Capital.

Nomeações para E. N. Livres.

Foi nomeado o sr. Celino Pimentel, professor da escola nocturna para adultos de Jaboticabal, para exercer, em comissão, o cargo de lente de Pedagogia e Didactica da Escola Normal Livre, annexa ao Collegio Santo André, da mesma cidade.

Foi nomeado o professor Possidonio Salles, encarregado do Gabinete de Psychologia Experimental da Escola Normal de Botucatu (addido), para exercer, em comissão, o cargo de lente de Pedagogia e Didactica da Escola Normal Livre de Pindamonhangaba.

Annexação de escolas.

Foi annexada ao 6.º Grupo Escolar de Campinas a escola mixta, rural da Chacara do Paraizo, no mesmo municipio.

Nomeações de adjuntas.

D. Eunice Ohl, professora da escola mixta de São Miguel, na Capital, para o cargo de adjunta do Grupo Escolar da Penha, no mesmo municipio.

D. Maria do Carmo Ghilardi di Curti, professora da escola mixta, rural da Chacara Paraizo, em Campinas, para o cargo de adjunta do 6.º Grupo Escolar do mesmo municipio.

D. Albertina Alves, da 1.ª escola mixta das reunidas, urbanas, de Santa Rita dos Coqueiros, em Cajuru, para o de Pedregulho.

D. Innocencia Galvão Marcondes Machado, da 1.ª escola mixta, urbana, das reunidas de Itambé, em Barretos, para o dessa ultima cidade.

Remoções de adjuntas.

D. Zilda de Almeida, adjunta do Grupo Escolar de Taquaritinga, para igual cargo no Grupo Escolar de Villa Carrão, na Capital.

D. Elvira Breves, adjunta do Grupo Escolar de Villa Carrão, para igual cargo no Grupo Escolar da Penha, ambos na Capital.

D. Rosina Nogueira Albano, adjunta do Grupo Escolar de Pedregulho, para igual cargo do "dr. Washington Luis", de Batataes.

Aposentadorias.

Foi concedida aposentadoria ao professor Orville Derby de Moraes, adjuncto do Grupo Escolar de Pereiras.

Foi concedida aposentadoria, nos termos do artigo 67, da Constituição do Estado, á professora d. Isilina Torres Guimarães Giglio, da escola feminina, urbana, da Villa Mathias, em Santos.

Designação de escola.

Foi designada a escola mixta, urbana, de Ubarata, em José Bonifacio, para continuação do exercicio da professora interina, leiga, d. Anna Corrêa de Oliveira, que fica dispensada da regencia da escola mixta, rural, da Fazenda Monte Alegre, no mesmo municipio, cujo funcionamento fica susperse.

Transferencia de escola.

Foi transferida a escola mixta, rural, da Fazenda Mattão, em Dois

Corregos, regida interinamente pela professora leiga d. Hilda Pacheco, para o Bairro do Taboleiro, no mesmo municipio.

Exonerações por haverem sido nomeadas adjunctas.

30-5-29.

D. Albertina Alves, da 1.^a escola mixta das reunidas, urbanas, de Santa Rita dos Coqueiros, em Cajuru;

D. Eunice Ohl, da escola mixta de São Miguel, nesta Capital.

23-5-29.

Felippe Ricci de Camargo, da escola masculina das reunidas, ruraes, de Monte Verde, em Olympia.

D. Juventina de Oliveira Penna, da 2.^a escola mixta, urbana, de Alambary, em Itapetininga.

Exonerações a pedido.

D. Anna Bove, da escola mixta, rural, do Bairro do Barreiro, (Lyn-doia), em Serra Negra.

D. Ismaelina de Proença, da 3.^a escola mixta das reunidas, de Nova Lousã, em Espirito Santo do Pinhal.

D. Maria Rita de Castro Santos Pinto, da escola mixta, rural, de Capitiba, em Guaratinguetá.

D. Margarida de Queiroz, da escola mixta, rural, do Bairro do Putim, em Guaratinguetá.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

REVISTA DE ESCUELAS NORMALES. — Orgão de La Asociacion de Profesorado Numerario — Director: Rodolfo Llopis. Cuenca (Hespanha) Janeiro, 1929 — Anno VII, n.º 1 — Publica o seguinte summario: *A la Asociacion del profesorado de Escuelas Normales, por la Directiva.* — *Los interrogantes de la Nueva Educacion, por Luis de Zulueta.* — *Pedagogia de anormales por Julio Noguera.* — *Las Normalistas Sorianos, por Pedro Chico.* — *Nuestra responsabilidad, por Rodolfo Llopes.* — *Libros y Revistas, por Maria Va. Jimenez, Jesus Sanz y Rodolfo Llopis.* — *Al margen de lo legislado. Societarios.* — *Prensa y Noticias.*

REVISTA DO ENSINO. — Orgão Official da Inspectoria Geral da Instrucção. — Bello Horizonte — Estado de Minas Geraes — Fevereiro, 1929. Anno IV, n.º 30. Summario: Entre uma pergunta e uma resposta — Um povo maravilhoso, *J. H. Fabre.* — Os voluntarios, *Togo Pimentel.* — A collicação dos alumnos em aula — Como se faz uma excursão. — Curso de Agua. — Educação physica, *R. Eloy de Andrade.* — Noções de coisas. — Caderno de preparação de lições, *Emilio Moura.* — Myopia Escolar, *Humberto Martins Vieira.* — Escripta, Mlles. Berger et Truillet. — Os nossos concursos. — Pequena Anthologia de recitativos. — A voz da Pratica. — Diqui e Dali. — Actos Officiaes.

A ESCOLA PRIMARIA. — Revista mensal de Educação e Ensino. Direcção de inspectores escolares do Districto Federal. Rio de Janeiro — Brasil, — Março, 1929. — Anno XIII, n.º 1. Traz o presente numero o seguinte summario: O ensino Particular, *Redacção.* — Liberdade e educação, *Ovidio Decrolly.* — Dos fins e methodos da escola nova,

Celma Padilha. — Circulo de paes, *Gilda Fontenelle.* — O ensino Religioso nas escolas, *Mario de Lima.* — Miudezas de linguagem, *P. A. Pinto.* — Pratica da escola activa, *Consuelo Pinheiro.* — Tres palavrinhas, *Mesire-Escola.* — Educação do homem e do cidadão, *Othello Reis.* — Geographia, *Othello Reis.* — Arithmetica, *Sebastiana de Figueiredo.*

Sugestões apresentadas pelo Inspector Escolar Corlumbo Ferreira ao Exmo. Sr. Secretario da Instrucção do Estado do Espirito Santo. — Imprensa Graphico-editora "Vida Capichaba" — Victoria — Estado do Espirito Santo. — São 23 suggestões que o Snr. Corlumbo Ferreira apresenta ao Secretario da Instrucção de seu estado e todas ellas reveladoras do espirito adiantado que as inspirou. Muitas salientam-se pelo arrojado das ideas que envolvem: "A obrigação de, nas aulas de instrucção moral e civica e nas de hygiene, o perceptor discorrer, ao alcance da creança, sobre a educação sexual, é outra determinação a incluir no programma dos 3.º e 4.º annos primarios e no do complementar. Devemos, consequentemente, exigir do docente a explicação por exemplos concretos (não por symbolos) de como se effectuam na natureza os phenomenos da fecundação e da reprodução."

Na suggestão XI o A. reclama a urgencia de "... o Estado apparehar os Grupos Escolares de laboratorios e salas de analyses". Na mesma suggestão pede ainda a anthropometria pedagogica, as fixas anamnioticas, o conhecimento da gradação chromatica do sangue, como medidas a serem postas em pratica sem tardança.

Curso de ferias; publicação de uma revista official; premios de viagens a S. Paulo, Minas e Districto Federal "aos normalistas que obtiverem melhores notas no curso e aos que demonstrarem na regencia de escolas, melhores aptidões para o ensino", alem de outras medidas, estão a demonstrar a vasta cultura pedagogica do A., a sua competencia e o desejo de bem servir ao seu estado e ao Brasil.

A SEMANA DE EDUCAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL. — Publicação da Directoria Geral da Instrucção Publica do Rio Grande do Sul. — 1928.
LA ENSEÑANZA PRIMARIA EN EL URUGUAY. — Noticia escripta para a "Exposiçáo Ibero-Americana de Sevilha" — Montevideo, Uruguay 1929.

MINHAS LIÇÕES. — Cartilha de leitura, pelo professor José de Oliveira Orlandi — Sociedade Impressora Paulista. São Paulo, 1929. — Copiosas e boas illustrações de Raul. O A. baseou a sua Cartilha no seguinte plano: "a) — analyse da lição; b) — analyse da sentença; c) — synthese da sentença; d) — analyse do vocabulo; e) — synthese do vocabulo; f) — parte subsidiaria".

ALERTIA! — Orgão da Associação de Escoteiros de Guarapava, Paraná. — Semanario dedicado á mocidade estudiosa, dirigido pelo prof. Amarylio Rezende de Oliveira. Temos sobre a mesa os n.ºs 5 e 6 do anno I.

RESUMO ESCOLAR: — Publicação escolar organizada de accordo com o novos methodos de ensino adoptados pela secretaria da Instrucção — Victoria — Estado do Espirito Santo. — Anno I, N.º 1 — 15 de Abril de 1929.

"O objectivo principal do RESUMO é provocar o maior interesse possível dos meninos espirito-santenses pela actualidade, fornecendo-lhes uma noção segura e exacta do instante da vida mundial e brasileira."

RESPOSTAS A CONSULTAS

A diversos professores que consultaram sobre boas obras de pedagogia, aconselhamos as seguintes editadas pela "REVISTA DE PEDAGOGIA" de Madrid, sob a direcção de Lorenzo Luzuriaga (Redacção e administração: Miguel Angel, 31 Apartado 6.002 — Madrid, 6).

LA PRÁCTICA DE LA EDUCACION ACTIVA

- I — Los centros de interés en la escuela. Por Clotilde Guillén de Rezzano. 4 ptas.

LA PEDAGOGIA CONTEMPORANEA

- I — *Dewey*. El niño y el programa escolar. 1 pta.
II — *Kerschensteiner*. El problema de la educación pública. 1. pta.
III — *Claparède*. La escuela y la psicología experimental. 2 ptas.
IV — *Wyneken*. Las comunidades escolares libres. 1 pta.
V — *Decroly*. La función de globalización y la enseñanza. 1,50 ptas.
VI — *Stern*. La selección de los alumnos. 1 pta.
VII — *Montessori*. Ideas generales sobre mi método. 1,50 ptas.
VIII — *Kriek*. Bosquejo de la ciencia de la educación. 2 ptas.
IX — *Lombardo-Radice*. Filosofía de la educación. 2 ptas.
X — *Ferrière*. La ley biogenética y la escuela activa. 1,50 ptas.

LA NUEVA EDUCACIÓN

- I — *L. Luzuriaga*. Concepto y desarrollo de la nueva educación.
II — *Luiz Santullano*. La libertad y autonomía en la educación.
III — *Fernando Sáinz*. El método de proyectos.
IV — *Antonio Bailesteros*. La cooperación en la escuela.
V — *Lecnor Serrano*. El método Montessori.
VI — *F. Sáinz*. El plan Dalton.
VII — *Antonio Bailesteros*. El método Decroly.
VIII — *José Mallart*. La escuela del trabajo.
IX — *Concepción S.* — *Amor*. Las escuelas nuevas italianas.
X — *Fernando Sáinz*. Las escuelas nuevas norteamericanas.

Precio de cada obra: dos pesetas.

ATRAVÉS DE LIVROS

LIVROS NOVOS

Adolfo Ferrière — “Transformemos a escola” — Trad. de A. Vianna de Lemos e J. Ferreira da Costa — Prefacio de Antonio Sergio — Livraria Francesa e Estrangeira Truchy - Leroy — Paris.

A campanha a favor da escola activa continua em toca a sua intensidade. Este livro de hoje, que inicia, na França, uma obra de propaganda em lingua portuguesa para colaborar com a já existente em lingua hespanhola, mostra o empenho que anda nas rodas pedagogicas de toda a parte, em renovar os methodos educativos que ainda predominam no mundo. Faz elle parte da “Bibliotheca do Educador” cujo director é o insigne professor Antonio Sergio, o ex-ministro da Instrucção Publica de Portugal, hoje no exilio.

A collecção denuncia, ao seu apparecimento, um largo espirito de bom senso. Começa por uma das obras mais antigas do apostolo da educação nova, que é Ferrière. E’ um “appello aos paes e ás autoridades” em lugar de ser uma verrina de ridiculo contra a escola classica.

Ferrière sabe que a passagem de um a outro typo de educação não depende em primeira plana do im-preparo do magisterio.

Em cinco annos, o Estado poderia ter um formidavel nucleo de mestres habéis para a novidade.

Tambem não seria obstaculo intransponivel o custo carissimo da escola activa, comparado com o do regime commum. São ambos entres ponderaveis, que estudaremos depois, mas não invenciveis.

O impecilho maior, mais forte é a mentalidade ambiente. Essa é que é preciso preparar com uma propaganda pertinaz e continua, durante annos a fio, sem desfallecimentos e sem treguas para que não acerte apenas o novo typo educativo, mas lhe traga o seu apoio e enthusiasmo capazes de lhe dar os meios de realização integral.

Ora, essa nova atmospherá não está absolutamente formada a não ser em uma ou outra das camadas sociaes do globo. Quando muito, as familias concordam com certos typos escolares de transição, como o “Platoon system”, um producto hybridado dos dois methodos, o novo e o classico. E isso mesmo só acontece nas populações mais efficaçamente trabalhadas pela propaganda, como nos Estados Unidos, onde as “platoon schools” têm uma frequencia de 2 milhões de alumnos.

Analysado o phenomeno desprevenidamente e sem paixão partidaria, comprehende-se de maneira clara a logica que preside ao raciocinio das familias.

Quando em 1892 se operou, em S. Paulo, a tremenda revolução legal nas escolas, havia, para que se implantasse como se implantou, um elemento sentimental de grande peso: a escola era uma tortura para os nossos filhos e os paes sentiam como natural a repulsa que ella lhes causava. Repetiam as crianças um estado de alma semelhante ao que empolgara os progenitores annos antes.

A reforma que pretendesse fazer das aulas um centro de prazer e de alegria, para onde fossem os alum

nos com jubilo visível, só poderia encontrar o enthusiasmo paterno.

Hoje, o problema é diferente. Não jogam os professores com a imagem sensível desse quadro. Muito poucos paes estão em condições de compreender a observação de Ferrière: "o interesse sem o esforço levamos ao diletantismo, fórma rapazes prematuramente "blasés"; o esforço sem o interesse forma espiritos obtusos, praxistas, inintelligentes, isto é, inaptos a adaptar-se e a tirar partido dos novos factos". São conclusões remotas, a que só chegam espiritos de elite, quando a maioria morre sem que lhes hajam afforado ás cellulas cerebraes. Ao passo que o contentamento com que as crianças frequentam as escolas actuaes é um facto tangível e innegável. Mudar, então, para quê? Pois não são ainda os paes de hoje em dia que garantem haverem os filhos tirado a sorte grande em materia de regime escolar?

— No nosso tempo... Ah! no nosso tempo a coisa fiava mais fino.

A escola activa, pois, tem que lutar duplamente para vencer: lutar para conseguir um cantinho ao sol e conseguir impôr-se; mostrar sem cansaço os melhores resultados que obtem, para que do confronto se crie o conceito de sua superioridade.

*-No Brasil, a não ser tres tentativas deste anno, que estão apenas em esboço, as de Minas, Pernambuco e Districto Federal — ainda muito mais no papel e na cabeça dos innovadores que na pratica — nada se fez para a conquista do favor e da sympathia do publico. Só agora é que se começa a criar a simples attitude de curiosidade, que, em S. Paulo, por exemplo, não tem campo sobre que se exercer.

E além da falta de campo, ha entre nós, a propria falta de habito. Não somos capazes de organizar e manter associações periescolares, que façam a interpretação da escola e da familia, alliadas para a tarefa commum da educação. Só mui recentemente, o "Rotary Club" a notavel

e benemerita sociedade, lançou os fundamentos de uma instituição desse genero, "Os amigos da Infancia" de que a primeira secção já se installou na Lapa.

A consequencia é que num meio assim mal amanhado, a propaganda produz resultados insignificantes dado o seu character dispersivo, fragmentario e desconnexo.

Sobre um terreno dessa ordem avultam, pela propria situação, os efeitos do impreparo do magisterio para o novo regime.

E' ainda Ferrière quem faz a advertencia do bom senso:

"Está provado que os educadores de mais de 35 annos, pelo menos na sua grande maioria, já não podem modificar os seus processos de trabalho. Podem, esforçando-se, transformar certos pormenores da sua actividade exterior, mas a attitude do seu espirito em relação ao ensino e á disciplina difficilmente se modifica. Qualificada de "technica" ou de "rotina", segundo é considerada boa ou má, está enraizada nelles pelo habito e tornou-se o que se chama o "vinco" professional. Importa, pois, modificar a escola já existente o menos possível..."

O regime de transição terá de ser, pelos proprios conselhos dos grandes paladinos da escola activa o mais lento possível. Só dentro de vinte ou trinta annos, poderá um Estado declarar extinto o typo escolar classico. Nos primeiros annos, a marcha é ainda mais lenta "desde que é impossivel aos alumnos habituados aos methodos actuaes, o adaptarem-se efficazmente aos novos methodos". (pag. 203).

Não sei se nas medidas innovadoras, que andam sendo postas em pratica por ahí alhures, se levaram em conta esses dois preceitos. E' possível, é mesmo provavel que não, porque, de regra, os nossos reformadores officiaes, urgidos pela pressa decorrente do pequeno prazo de permanencia nos cargos de commando, atabalhoam e atamancam os processos

racionais de transição para produzir efeito na platéa. Muito fracasso de idéas excellentes tem nisso a razão do insuccesso.

A esses dois motivos vem juntar-se um terceiro: o custo da educação pelos methodos modernos. Não é, já o disse acima, materia insolúvel, mas no momento actual brasileiro, representa um factor de não pequeno peso.

Uma classe de ensino activo só deve ter, para que seja efficiente, 20 a 25 alumnos. Alem disso, o numero de horas de aula varia de 5 a 6 diarias.

Verifica-se pelo simples enunciado dessas circumstancias a impossibilidade actual de instaurar o systema entre nós.

O aparelhamento de ensino nacional ainda se encontra na phase da quantidade de escolas. Ainda é, e será por algum tempo, preocupação primeira da administração o cumprimento do dispositivo constitucional da obrigatoriedade e gratuidade do ensino primario. E o adimplemento dessa disposição implica, diante da situação economica, o estabelecimento de uma série de etapas que logrem alcançar o objectivo democratico da disseminação de um nivel medio de cultura ambiente, minimo do ponto de vista tecnico, máximo do ponto de vista administrativo. Essas etapas, fataes e necessarias, têm de ser as seguintes:

1.^a) a da quantidade: escolas para todos.

Assoberbados pelo vulto da obra a realizar, forçoso se torna a criação de limites aventuaes e de emergencia. Medidas de character excepcional se impõem: fixação de uma idade escolar menor do que aquella que é considerada normal; fixação de um minimo de estagio escolar, inferior ao que exige um typo de educação popular integral; fixação de um maximo na lotação das classes, superior ao razoavel para o ensino efficiente. E como consequencia disso tudo, fixação de estipendios dos professores

abaixo do padrão ordinario de vida.

A administração paulista entendeu esse problema em 1920. A tradicional desgraça da Republica, que é a falta de continuidade administrativa, fez com que em 1925 se voltasse ao regime da dispersão e da balburdia.

Só em 1927 reatámos o fio do bom senso, tentando alcançar aquelle objectivo. Apesar das duas mil escolas novas, ainda não foi alcançado, mas a situação escolar é incomparavelmente melhor.

2.^a) a da manutenção e melhoria.

Uma vez attingido o escopo de levar o professor a todos os nucleos escolares (não é absolutamente imperioso que sejam só escolas officiaes), virá a etapa do desafogo: elevar-se há a idade escolar, ampliando o tempo de estagio escolar. Isso dará a oportunidade de diminuir, nas classes adiantadas, o numero de alumnos o que por sua vez, influirá beneficamente sobre o nivel do ensino. Só mais tarde, comtudo, se logrará chegar á terceira etapa, que é a da qualidade. Isso acontecerá quando o governo, por haver eliminado a possibilidade da entrada de novos professores no quadro, tiver necessidade, para attender aos reclamos dos mestres diplomados que não encontram collocação, de baixar o numero da lotação das classes. Ahi, então, naturalmente, automaticamente, o ensino melhorará e serão opportunas e bem recebidas todas as innovações technicas. Um preceptor, cujo objectivo fundamental não seja apresentar uma grande porcentagem de promoção — porque lh'o exijam não apenas as ordens de seus superiores, mas tambem o seu coração de brasileiro, consternado com o numero de analfabetos — poderá dedicar-se a ensaios e investigações minuciosas e demoradas numa classe pequena, que permite o ensino individual ou quasi.

A escola activa, portanto, tem contra a sua disseminação elementor formidaveis que lhe hão de retardar a entrada no seio official por muitos

annos ainda, a despeito das tentativas bem intencionadas que se estão fazendo pelo paiz afóra.

Aliás, — é bom que o diga um partidario convencido da escola activa como eu, antes que o manifestem os seus adversarios leaes — nas tentativas brasileiras, ha um mal de origem. Nenhuma dellas foi precedida de um demorado exame nem de investigações sufficientes. Fomos adoptando typos determinados de escolas activas sem indagar seriamente e conscientemente se ellas nos servem e respondem ás nossas necessidades raciaes.

Se precisassemos de uma directriz nesse capitulo, podê-la-íamos inferir das palavras do proprio Ferrière no livro de hoje. A' pagina 97 diz elle:

“O psychologo americano John Dewey publicou um trabalho cheio de bosquejos interessantes intitulado “Schools of to morrow” (Escolas de amanha). Estas escolas de amanha existem já hoje nos Estados Unidos. O escriptor, acompanhado de sua filha, visitou-as e propõe-nos a sua imitação. Mas até que ponto nos seria possível a nós, europeus continentaes, imitar o que é especificamente anglo-saxão?”

A objecção do lucido expositor da “Escola Activa” não foi seguida aqui no paiz. Ao contrario do que elle manda (pags. 98 e 99), esquecemos que “no dominio da educação, não são tanto os processos que imperam como a harmonia total que se desprende duma vida conforme ás necessidades physicas e psychicas das crianças e dos adolescentes”.

Parece-me que houve mais preocupação de ordem technica, na adopção desses determinados typos de methodos, que propriamente intento de resolver o “nosso problema”, condicionado aos nossos factores e elementos sociologicos e, peor ainda, sociogenicos. Andamos fugindo das lições de Ratzel e de Le Play e porque não sabemos geographia e ignoramos realmente as influencias do nosso meio physico, “complexo das condições externas de qualquer especie e

necessarias á existencia de um determinado organismo”, na opinião de Augusto Comte, começamos preconizando systemas que amanha podemos reconhecer como havendo causado ao paiz e á sua mentalidade e á sua gente, mais mal que bem.

As escolas activas são o producto mais acabado e mais fino do poder de observação e da experiencia do homem. Por isso mesmo, variam ellas de povo a povo, de região a região, respeitando o principio elementar das differenciações anthropogeographicas.

Nós, não me consta que hajamos feito algo para chegar á escola activa brasileira, com o espirito de quem quer, sem duvida, valer-se da experiencia alheia, com a attitude de quem não pretende lançar ao mar o espolio do passado, nas tambem com o firme proposito de não copiar apenas e não querer pagar-se com palavras.

Porque ha uma piada de Jorge Kerschensteiner, o criador das “Arbeitsschule”, que os nossos reformadores não devem esquecer: “Em volta da escola do trabalho ronda o dilettantismo da mesma fórma que em torno da escola livresca”.

Ligue o leitor esse conceito ao de Ferrière, que dixámos lá atrás e verifique depois se não tinha razão W. T. Foerster, um respeitavel adversario da escola do trabalho quando afirmou, sem que Kerschensteiner o pudesse contraditar, que “a mera pratica dos trabalhos manuaes em commum não constitue protecção alguma contra as futuras tentativas do egoismo corporativo, que é tão perigoso para o Estado pelo menos quanto o egoismo individual”.

Esses males só podem provir da falta de alma e da falta de entusiasmo visceral pelas obras em que o homem se mette. E é a falta desses dois ingredientes que produz o dilettantismo.

Venha, pois, como quer Ferrière, a transformação da escola. Mas como elle quer, venha devagar e com prudencia. SUD MENUCCI.

(De “O Estado de S. Paulo”.)

ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES

Esporte e Systema nervoso.

CONFERENCIA DO DR. PACHECO E SILVA, NA SÉDE DO TIETÊ

Um assumpto cujo desenvolvimto foi brilhante e que todos os esportistas devem conhecer e meditar.

A cuidado do dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva, director do Hospital do Juquery e ao mesmo tempo esportista possuidor de largos conhecimentos tecnicos e praticos sobre a educação physica, a conferencia medico-esportiva de hontem, na séde do Club de Regatas Tietê versou sobre "Esporte e systema nervoso".

Assumpto de grance alcance, pois, é de altissima significação, pois é justamente no esporte que se affirmam as grandes organizações privilegiadas do ponto de vista do systema nervoso, como é nelle, tambem, que fracasam os de nervos mal ou pouco equilibrados. Merece, portanto, a mais cuidadosa attenção dos nossos esportistas, que devem ler muito cuidadosamente as opiniões e os commentarios do dr. Pacheco e Silva, guardando-se para periodicamente consultá-las, porquanto se trata de questão sempre da maior actualidade.

Disse o distincto medico na sua palestra :

IMPORTANCIA DAS RELAÇÕES ENTRE A SAUDE PHYSICA E A MENTAL

Propugnador de idéas que visam a saúde psychica, não posso deixar de reconhecer que ha perfeita correlação funcional entre o corpo e o espirito e, que ninguem poderá

pretender attingir a um elevado grau de cultura physica, sem cuidar do systema nervoso.

Os esportes constituam já para os Hellenos, um preparo indispensavel á vida social, ao cidadão soldado, porque elles desenvolvem a um só tempo o corpo e o espirito, como comprova o facto de, quasi sempre, uma alma nobre e forte se encontrar num corpo sadio e robusto.

Escutai, a esse proposito, as palavras de Socrates o grande philosopho grego, aconselhando um jovem discipulo que negligenciava os cuidados do corpo : "Que corpo estranho que tu teas Epigenio ! Quantos homens, em consequencia de sua má constituição periclitam nas batalhas, muitas vezes sacrificando a propria honra; outros, por esse mesmo motivo são feitos prisioneiros; ha ainda os que adquirem má reputação em virtude da fraqueza do corpo, que os faz passar por indolentes . . .

Para mim, tenho ser mais facil e agradavel o submeter-se as fadigas requeridas para a formação de um corpo vigoroso. Tudo se passa de modo diverso para os que conservam o corpo em pleno vigor — muitos, graças a isso, saem-se com honra dos campos de batalha; outros têm salvo seus companheiros, rendido serviços á patria e adquirido renome. Saiba tu, que em luta alguma em condição alguma da vida, nunca ninguem se arrependeu de ter exercitado o corpo; com effeito, em todas as acções do homem o corpo tem a sua utilidade e, todas as vezes que para elle appellamos faz-se essencial a sua perfeita constituição. Ainda mais,

mesmo nas funções em que julgas poder dispensá-lo — me refiro ás funções da intelligencia, quem ignora que o espirito commette as maiores faltas quando o corpo está mal disposto ?

A falta de memoria, a lentidão do pensamento, a preguiça, a loucura são consequentes, não raro, a uma disposição viciosa do nosso corpo, que compromette a intelligencia a ponto de nos fazer esquecer tudo quanto adquirimos com grande esforço. Se, pelo contrario, dispomos de um corpo forte e sadio, ha toda segurança e desaparece o perigo que possa advir de uma má constituição !

Por essas palavras do admiravel Socrates, podeis avaliar da poderosa influencia que a saúde physica exerce sobre a mente.

Vós todos, adeptos da cultura physica, realizaes um grande passo para attingir a perfeita integridade psychica. Mas não é tudo, não basta cuidar do corpo e abandonar o espirito, porque as funções de ambos se integram, como já dizia Juvenal, no seu conhecido adagio : — Mente sã em corpo são.

NECESSIDADE DO ESPORTISTA CULTIVAR A HYGIENE MENTAL

Deveis cuidar da hygiene mental, preservando o vosso corpo da influencia nociva do alcoolismo, da syphilis e outras doenças infectuosas, susceptiveis de enfraquecer a resistencia do systema nervoso. Não percaes de vista que nos esportes vencem não os que dispõem de maior força muscular, mas sim os que têm o systema nervoso mais perfeito, os que dispõem de maiores energias psychicas e que se não deixam abater pelo desanimo. Tendes diante de vós exemplos vivos do que acabo de dizer.

Quando vos toca escolher o chefe de uma turma, poderieis pensar em fazer recair a escolha sobre um bom elemento sem as qualidades moraes necessarias para exercer certa ascen-

dencia sobre os companheiros ? Nos esportes, como na luta quotidiana, hão de vencer os que cuidam não só da cultura physica como da psychica. De que vale uma enorme massa muscular sem rigidez, sem tonus, incapaz, num determinado momento, de reagir ao influxo nervoso ?

Poderá vencer um individuo perfeitamente constituido, de grande resistencia physica, mas de caracter fraco, indeciso, que se deixa abater pelo desanimo ao menor contratempo ? Não.

A força psychica é a grande propulsora do mundo. Quantas vezes, nas competições esportivas, quando tudo parece perdido, eis que surge um elemento forte, animador, que concita os companheiros, fazendo-os readquirir a confiança na victoria. A assistencia percebe a reacção despertada por aquelle espirito forte, novo alento cobram os que já tinham a derrota como certa e, numa arrancada final, num esforço ultimo, a palma da victoria é alcançada.

De outras qualidades moraes e intellectuaes necessita o esportista além da energia.

A DISCIPLINA

Quero vos falar da disciplina, do dominio dos impulsos individuaes, da renuncia do "eu", quando as condições do momento assim o exigem. Condição importantissima essa de que vos falo e que só se sonsegue com esforço. Deveis saber obedecer, respeitar os dirigentes, porque só sabem mandar os que aprenderam a obedecer.

Que espectáculo triste offerece um elemento indisciplinado, que abandona a luta em meio, desrespeitando as regras do cavalheirismo, causando aborrecimento aos seus companheiros, deixando transparecer pouca nobreza de sentimentos.

Lembrai-vos da mocidade americana do norte, que graças á disciplina adquirida no esporte, sem preparo militar anterior, em poucos me-

zes logrou a victoria para os aliados.

Vêde o alcance e as vantagens advindas do esporte praticado com regra, obedecendo ás leis basicas da cultura physica e psychica.

A PERSEVERANÇA

Não ha esphera da actividade humana que não exija perseverança, tenacidade, perseverança num determinado fim. Como é bello o ver-se um individuo constante, que vence as maiores difficuldades, á custa do seus próprios esforços, lutando contra as mais desfavoraveis condições até attingir o ideal que o anima, quando todos se mostram incredulos.

Para o esportista a perseverança constitue uma das maiores qualidades; onde os progressos são lentos, é preciso não desanimar, munir-se de paciencia e calma, reiniciar dez, cem duzentas vezes um mesmo movimento, até que se o possa executar automaticamente, isto é, sem esforço, sem interferencia da vontade.

Sêde perseverantes, jovens amigos, educai a vossa vontade nos esportes, que muito tereis a lucrar com isso durante toda a vossa vida, qualquer que seja o ramo de actividade a que vos dediqueis.

A EMOTIVIDADE

Saber dominar o systema nervoso, conservar "sangue frio" em todas as emergencias, eis o segredo de muitos vencedores nas lutas esportivas, os quaes tiram o melhor partido das circumstancias do momento, sem perder a presença de espirito.

Ha pessoas de temperamento emotivo, que dão as melhores provas nos exercicios preparatorios, revelando-se optimos elementos, mas que fracassam, desastrosamente, nos dias das grandes lutas, tal a perturbação que lhes traz o ambiente e a noção da responsabilidade.

A emotividade exaggerada revela um estado de hypersensibilidade das reacções do systema nervoso, prin-

cipalmente nos dominios do grande sympathico.

A' toda excitação do mundo exterior o organismo humano responde por um movimento apropriado, que a consciencia advertida pode attenuar ou supprimir, de accôrdo com a constituição do individuo.

A emoção tem origem psychica, mas se traduz por uma série de phenomenos organicos.

O individuo, hyper-emotivo, á menor surpresa, ao menor acontecimento inesperado, empallidece, treme, percebe que a saliva escasseia, sente gosto amargo; o suor corre abundantemente, os movimentos se fazem sem precisão e ha relaxamento dos esphincteres. Quem já não experimentou, pelo menos attenuadamente, os efeitos de uma forte emoção?

Ahi está porque os timidos, os hesitantes, os individuos de temperamento facilmente emocionavel, não conseguem grandes resultados nos esportes; não obstante, muitos, graças a um esforço tenaz, conseguem dominar as suas emoções e tornam-se grandes atletas.

Um ligeiro estado de erethismo nervoso é de vantagem nos esportes, para os quaes se exigem reflexos vivos e prompta associação de idéas.

Em summa, se as emoções não podem ser dominadas por completo consegue-se attenuá-las e orientá-las de modo vantajoso. Eis o que devem procurar os hyper-emotivos, os sensíveis, os impressionaveis, que podem reeducar o systema nervoso nos esportes, com grande vantagem para o seu futuro.

Na dependencia do systema nervoso, meus senhores, estão ainda outras funcções, que escapam á esphera psychica, mas que se localizam nos centros nervosos. Vejamos, assim

A RIGIDEZ MUSCULAR

O estado de rigidez muscular não depende, como parece á primeira vista, da fibra muscular. Depende do nucleos cinzentos centraes, situados na base do cerebro. Estas descober-

tas relativamente recentes da physiopathologia merecem ser conhecidas pelos esportistas, porque sem o conhecimento dellas o esporte seria praticado empiricamente, sem assentar em base scientifica, condição indispensavel para os que desejam firmar-se na vanguarda.

Estudando as perturbações do tonus muscular acarretadas por certas doenças, como a encephalite epidemica, e, em seguida, examinando os centros nervosos desses doentes, os pesquisadores verificaram que, toda vez que uma affecção nervosa se acompanha de rigidez muscular, ha sempre uma lesão dos nucleos cinzentos da base. Outras vezes, dá-se o inverso, ao invés de provocar a rigidez muscular, as lesões dos nucleos da base provocam o relaxamento muscular, um estado de hypotonia, estado esse que se encontra, com frequencia, numa forma mental denominada catatonía.

Ainda não é tudo, é o systema nervoso que preside ainda a outras funções que interessam ao esportista. DR. ANTONIO CARLOS PACHECO E SILVA — (De *O Estado de São Paulo*).

O Ensino em Minas.

EM TORNO DO CONCURSO DE LIVROS DIDACTICOS RECENTEMENTE ABERTO NA INSPECTORIA DE INSTRUÇÃO.

Bello Horizonte, 16 (Da nossa succursal — A Secretaria do Interior acaba de abrir o primeiro concurso de livros didacticos, marcando o dia 31 de Dezembro do corrente anno para seu encerramento.

Com esta iniciativa, visa o governo estimular o professorado estudioso a tentar obra util, dando aos capazes boa oportunidade para se revelarem, ao mesmo tempo que procura suscitar entre nós uma litteratura didactica, de accôrdo com as

condições do meio e es exigencias da pedagogia.

Pensamos que, em torno desse concurso, pela primeira vez tentado em Minas (e talvez no Brasil), seria interessante ouvir o inspector da Instrucção, sr. Mario Casasanta, que, pelo seu contacto permanente com questões desta natureza, poderia ministrar-nos informações precisas, ao lado das indicações contidas no edital.

Interrompemos o sr. Mario Casasanta, no seu gabinete, em meio da absorvente tarefa diaria que tem sobre os hombros. Mas o inspector geral do ensino em Minas, em quem desde logo se descobre o perfil de um intellectual distincto, pôde, de prompto, attender-nos.

LIVROS DIDACTICOS

— Queriamos algumas palavras suas acerca da iniciativa de abrir um concurso de livros didacticos, conforme o edital que vimos publicado...

— Pois não. Antes de tudo, porém, quero frisar que o concurso de livros didacticos não é uma iniciativa minha nem representa um desses expedientes de occasião, mais ou menos rutilantes e retumbantes, para agrado do professorado.

Não é uma iniciativa individual, insisto, esporadica ou á parte do plano de campanha, mas é uma das exigencias do regulamento do Ensino Primario, que, para produzir a somma de beneficios que ambiciona, deve ser cumprido, em todas as suas partes.

Não é tambem um meio de agradar ao professorado, porque corresponde verdadeiramente a uma necessidade imperiosa, qual a da se dotarem as nossas escolas de livros bem feitos, collaboradores do professor na obra de educação, quanto possivel perfeitos, na essencia e na fórma.

— O Regulamento prevê, portanto, o caso e proporciona meios de resolvê-lo?

— Sim. Acho admiravel de sabe-

doria o nosso Regulamento do Ensino Primario, que não só delineou a traça de uma construcção magnifica, mas também soube aventar expedientes adequados e realizá-la.

E' isso tanto mais admiravel quanto mais se pensa em que não havia, ao ser elle traçado, nem um recente Regulamento de Ensino em nosso paiz pelo qual se moldasse e do qual pudesse haurir informações e indicações, no sentido de apropriar á nossa realidade as novas direcções da pedagogia contemporanea. E' bom lembrar que o nosso Regulamento foi approvado a 15 de Outubro de 1927 e que a sua elaboração se vinha fazendo desde Setembro de 1926.

Exemplo dessa sabedoria, temos agora occasião de apreciar, no caso do concurso dos livros didacticos. Publicado o edital, muitos applausos se levantaram, mas não se viu que tal concurso não é uma iniciativa surgida de momento, ao acaso feliz de uma improvisação, mas a peça de um systema, mas um artigo e um paragrapho do Regulamento, até agora despercebidos.

— E quanto ás condições ?

— Acham-se previstas igualmente e o edital apenas as reproduziu. São estas as disposições regulamentares :

“Artigo 480. Ficam instituidos dois premios, no valor de dez contos de réis cada um, para duas obras escriptas por funcionario do ensino primario, julgadas de merecimento didactico excepcional pela Secção Technica do Conselho Superior da Instrucção, uma das quaes deverá consistir em um livro de leitura seriada para os quatro annos do curso primario.

¶ Paragrapho unico — Os originaes desses livros poderão ser apresentados em provas dactylographadas, incumbindo-se o Estado da impressão das obras premiadas, mediante accôrdo que fôr estabelecido entre elle e os seus autores.”

Para o primeiro concurso, que ora abrimos, apenas estendeu-se o di-

reito de concorrer também ao professorado normal, por motivos obvios.

— Quaes os resultados que espera ?

— Com esse concurso, pretendem-se precipuamente dois fins estimular o professorado a produzir e a provêr as nossas escolas de livros de merito e de proveito.

Quanto ao primeiro fim, que é o aperfeiçoamento individual, é alcançado com o só esforço do professorado na colheita do material, estudo, ponderação e critica desse material e o traçado de um punhado de paginas.

Quanto ao segundo fim, é uma necessidade prementissima a de re-fundir de todo em toda a nossa litteratura didactica. Não se concebe uma reforma de ensino sem uma comitativa de livros nella inspirados. Taes livros, que, como disse, devem ser inspirados e vasados nos nossos principios adoptados, não só aproveitarão aos alumnos (e é esse o seu fim principal), mas aproveitarão grandemente ao professorado, que, na sua grande massa, não está actualmente aparelhado para bem vitalizar a nova ordem de idéas.

Realmente, um bom livro de cada programma será excellent directorio para os principiantes e para os imperitos. Sendo, como deve ser, a exposição ordenada, em termos clarissimos, dos elementos essenciaes do programma de uma materia, acompanhado dos melhores expedientes pedagogicos como gravuras, resumos, revisões, exercicios e problemas. — um livro se torna excellent guia e sobre elle podem ser calcadas, com vantagem, as lições oraes.

A lição do mestre, a meu aviso, podia ser e devia ser o commentario vivo, largo e claro da lição do bom compendio, que, conforme o proprio nome indica, apenas contém o que é essencial. Nessas condições, o livro é excellent instrumento de trabalho, pois permittirá ao alumno revêr, com segurança, o que aprendeu em aula, fixar melhor o que se

lhe ensinou e restringir-se apenas ao que fôr util.

O concurso versará sobre duas series de livros: de um sobre uma disciplina do programma e de outro destinado á leitura e que abrangerá os quatro annos primarios.

E' sabida a pobreza de nossa litteratura didactica quanto aos varios programmas primarios. Não temos uma boa grammatica elementar, uma boa arithmetica elementar, uma boa geographia elementar e, tanto menos, uma boa historia elementar.

O livro elementar entre nós é, as mais das vezes, o resumo de um livro para curso superior e apenas se differença deste na quantidade da materia. A qualidade da materia, a linguagem, as fórmas de expôr, os processos pedagogicos são os mesmos tanto para meninos como para moços.

Contra essa indigencia de livros e para estimular os que podem fazer bons livros didacticos, isto é, os professores, é que abrimos agora o concurso, esperançados em que não hão de faltar homens de boa vontade para disputá-lo. (De "*O Estado de São Paulo*").

○ Combate ao Transmissor da Febre Amarella.

E' PRECISO NÃO ESMORECER NA CAMPANHA ORIENTADA PELO SERVIÇO SANITARIO.

A campanha de educação sanitaria, que vem sendo desenvolvida em São Paulo constitue hoje, para a terra das grandes iniciativas, justo motivo de orgulho para os que a promovem. Porque o grande serviço já realizado de instruir e educar a população, vai conseguindo influir na formação de uma nova "mentalidade sanitaria", entre todas as classes, sem distincção social, que vêm prestando á Inspectoria uma collaboração efficiente, o que representa para nós um grande terreno conquistado em face do problema de defesa da saude.

A campanha contra o mosquito, feita em toda parte e por todos os meios — nas escolas, nos cinemas, nos lares, nas fabricas, em prelecções e recommendações, em cartazes, em instrucções escriptas em avulsos e pela imprensa — conseguiu tomar logo um vulto admiravel, e a acção dos poderes publicos se distendeu e ampliou, conseguindo-se estabelecer em São Paulo um verdadeiro centro de combate ao pernillongo rajado. E, dahi, não haver caso algum na Capital e em todo o Estado, e as condições sanitarias serem cada vez melhores.

Combatido o mosquito estava a população livre da invasão do mal, como o está de facto. Isso, todavia, não leva a que sejam esquecidas as prescripções já divulgadas, de se destruir todos os elementos que possam tornar-se focos de criação. Absolutamente não. E, ainda, deve ser observada a mais minuciosa attenção nas pesquisas que se façam procurando descobrir as larvas ou os seus campos de disseminação. Porque, a despeito do que se tem affirmado sempre, o "*stegomya*" não recolhe agua para a procriação.

O "*stegomya*" desenvolve-se em lugares dos mais variados.

Exemplos interessantes disso existem. Dois podem ser citados como illustrativos dessa affirmativa.

Vejamos o primeiro, que nos vem do interior do Estado. Um chefe de serviço de inspectoria, após determinar a maior acção, por parte de seus auxiliares, contra todos os focos que podiam existir, no que foi attendido com a mais sollicita attenção, resolveu, por sua vez, inspecionar pessoalmente as zonas percorridas. E, encontrando tudo em ordem, como esperava, entendeu ir ao cemiterio local. Percorreu catacumba por catacumba. Examinou tudo, e, já estava no final das suas observações, quando em uma jarra encontrou um grande foco. Como? Não se limitando a examinar o repositório de zinco, que estava vazio e secco, tirou-o fora, para entre este

e o bojo da jarra, verificar um fóco bem desenvolvido de mosquitos.

Outro caso regista-se em uma officina de ferreiro.

Ao lado da forja, onde trabalhava o operario, encontrava-se uma lata d'agua. Ali, ao sair em braza, da forja, era o ferro mergulhado.

O visitador sanitario entendeu que aquella agua não podia servir de fóco. As larvas não podiam resistir á temperatura quente da agua pelo contacto permanente do ferro em braza. Deixou-a por instante sem exame. Mas, depois, reflectindo, entendeu de examinar o liquido: estava pullulante de larvas!

Desta forma é que se torna necessario não serem esquecidas as prescripções já divulgadas. E' preciso combater sempre o mosquito pelos seguintes processos:

1.º — Não manter agua, por pequena quantidade que seja, descoberta como em vasos, tinas, tanques, bebedouros de aves e outros animaes, sem renová-la ao menos, cada oito dias, e si renovar, esfregar bem o interior do recipiente, afim de destruir inteiramente as larvas dos mosquitos que ahi se encontrem.

2.º — Remover ou enterrar todas as latas velhas, cacos de garrafas, pneumaticos velhos, e quaesquer outros recipientes inuteis.

3.º — Manter as calhas dos telhados perfeitamente limpas e conservá-las de maneira que a agua ahi não fique estagnada.

4.º — Deitar kerozene nos ralos e privadas, systematicamente, de 8 em 8 dias.

5.º — Supprimir do perimetro urbano e das proximidades das habitações, os capinzaes, bambuaes, bananeiras, etc., que muito favorecem a formação de focos de mosquitos.

6.º — Manter os jardins, pateos, quintaes e terrenos livres de vegetação alta e densa que frequentemente encobre focos de mosquitos.

7.º — Drenar ou aterrar todas as colleções de agua estagnada. Seisso

não fôr possível, manter os cursos de agua, inclusive as suas margens destituidas de vegetação e lixo e de-ramar, semanalmente, kerozene na superficie da agua. — (*Diario de São Paulo*, de 30-5-29)

A Escola Activa.

Como se sabe depois da guerra europea surgiu uma nova humanidade. Mesmo os povos que não tomaram parte na formivavel peleja soffreram a sua decisiva influencia. Em todo o mundo appareceu o homem novo, conduzindo uma personalidade mais representativa da tumultuosa phase de progresso industrial por que têm passado todos os povos civilizados depois da grande tormenta.

Veio a inquietação mental. Veio a mudança brusca de mentalidade, resultando dahi um desequilibrio entre o espirito da época e a organização social vigente.

Bruscas e habeis reformas foram introduzidas no organismo das nacionalidades afim de se conciliar o homem com os orgãos de governo.

As instituições foram aparelhadas para reflectir o estado de espirito actual. E uma mentalidade mais objectiva e radiosa passou a exprimir, em todo o mundo, o genio forte e saudavel do homem novo.

Como era natural criou-se uma "nova pedagogia" para educá-lo convenientemente, plasmá-lo de accordo com o dynamismo da vida moderna.

A "Escola Activa", a despeito de insufficiente, ainda, para interpretar as complexas necessidades de instrucção do homem moderno, é, sem duvida, a mais avançada conquista dessa pedagogia.

Adaptando-a ao nosso meio, como procura fazer o governo, o Espirito Santo se integra nas mais elevadas correntes da mentalidade moderna, e incorpora-se ao quadro em que o Brasil projecta, no mundo,

A "Escola Activa", que tem por base despertar e explorar a curiosidade infantil, sempre aberta á compreensão rapida das cousas, é a escola da auto-instrucção.

Os seus objectivos principaes são provocar a revelação dos temperamentos infantis, a cooperação, o aparelhamento social do menino, e convertê-lo, por meio de um ensino activo e dynamico, criado pelo professor de accordo com as tendencias de cada um, embora dentro duma rigorosa orientação pedagogica, transformando-o num factor eficiente e capaz da vida actual, em toda a sua vertiginosa multiplicidade de aspectos.

Mas, a "Escola Activa" como está sendo praticada na Europa, onde se originou, para attender a uma angustiosa circumstancia do momento europeu, não se enquadraria, integralmente adaptada, no actual momento brasileiro, trabalhado por uma tão forte e tão varonil tendencia de brasilidade.

No interesse nacional era preciso modificá-la, dotando-a de todas as innovações capazes de interpretar, com intelligencia, as necessidades sociais brasileiras.

Foi o que o Espirito Santo fez e está pondo em pratica, sob a alta inspiração do Presidente Aristeu Aguiar no anno lectivo recentemente inaugurado.

Os meus illustres antecessores drs. Mirabeau Pimentel e Ubaldo Eamalhete, deram os mais avançados passos no terreno das novas concepções pedagogicas, já lançando-as no seio do magisterio, já consagrando-as nos regulamentos de ensino.

E' claro que por enquanto, até que se ministre um conveniente preparo tecnico ao professorado, pouco se poderá conseguir de positivo nesse sentido.

A applicação do methodo da Escola Activa nas nossas escolas está, apenas, esboçada.

Espero, porém, que dentro de um anno todas as Escolas do Estado começarão a praticar efficientemente esse novo methodo de ensino.

(Da entrevista do Dr. Attilio Vivacqua).

A Escola Activa não é um methodo pedagogico. E' uma orientação, uma directriz pedagogica, dentro da qual, isto é, com a sua intelligencia, cada professor organiza o seu methodo de ensino.

A sua função principal é despertar a espontaneidade do alumno.

O professor é o guia dos seus alumnos, o orientador e o organizador dos conhecimentos que elles adquirem por iniciativa propria.

Na Escola Activa a aprendizagem da criança se faz por meio de tres operações: observação, associação de idéas e expressão.

Primeiramente o professor lhe fornece um facto qualquer ou um objecto afim de que ella os observe e os compreenda em todos os aspectos, detalhes e sentidos.

Essa tarefa póde ser dada concretamente, em plena realidade, na propria sala da escola ou nas excursões escolares, pois constitue exigencia capital da escola activa a visita ás fabricas, aos institutos scientificos, ás casas commerciaes, aos jardins publicos e praças, a toda parte, emfim, em que se pode ter uma impressão viva de um factor da actual civilização.

Realizada a "observação" o professor provoca e dirige a "associação de idéas" dos seus alumnos, generalizando a lição pratica e directa que receberam para todos os factos immediatamente ligados ao "observado" e para todos os objectos analogos.

Assim a lição se estende a tudo que cerca as crianças no meio em que vivem, tanto na escola quanto na rua e nos seus lares.

A "expressão" poderá ser graphica, em que a criança escreve no papel a lição aprendida, oral, em que ella diz, e desenhada, em que ella traça espontaneamente as linhas essenciaes dos objectos estudados com illustrações adequadas aos factos em torno dos quaes ella realizou o trabalho de associação de idéas.

Essas lições, entretanto, deverão ser minuciosamente preparadas pelos professores, no seu caderno, pois não é admissivel, no ensino dynamico preconizado pela Escola Activa, a improvisação.

Idéas sobre o preparo das lições

(Adaptação, com algumas modificações, do Methodo Decroly)

1.º ANNO — A ESCOLA

OBSERVAÇÃO: — Percorrer a escola. Estudar praticamente o local em que elle está situada. Utilidade dos diversos commodos.

ASSOCIAÇÃO: — Comparar com a casa em que mora. Comaparar com um edificio publico que já tenha visto. O fim da escola. Hygiene escolar. Como respeitá-la.

EXPRESSÃO: — (Escripta, e oral e por meio do desenho simples). A criança a caminho da Escola. A Escola. A casa em que mora. O edificio com o qual comparou a escola. A função da hygiene como defesa da saúde.

A CLASSE

OBSERVAÇÃO: — Dimensões da sala em que funciona a classe. Numero de janellas e portas. Mobiliario.

ASSOCIAÇÃO: — Utilidade das janellas. Arejamento. Breve noção da função respiratoria.

EXPRESSÃO: — Uma peça do mobiliario da classe. Um menino estudando. As carteiras.

ANTES DA CLASSE

OBSERVAÇÃO: — Fazer contar ora e graphicamente o que faz uma criança antes de vir para a escola.

ASSOCIAÇÃO: — A "manhã" no lar. Os cuidados de asseio e do vestuario antes de vir para a Escola.

EXPRESSÃO: — Desenho do natural: uma bacia com um jarro. A pia. Uma criança escovando os dentes, cortando as unhas, penteando-se.

EXPRESSÃO ORAL: — Deveres da creança na vida domestica.

CAFE'

OBSERVAÇÃO: — Mostrar um pé de café. A machina de beneficiar. Como se faz o café. Observar os grãos de café, o moinho. a cafeteira. A acção de se moer o café. O vapor dagua. O café como producto agricola e como bebida.

ASSOCIAÇÃO: — Outra bebida que se prepara com agua fervendo. O café brasileiro. O commercio do café.

EXPRESSÃO GRAPHICA: — As acções observadas: o monho, o grão, a chaleira. Como se toma o café.

EXPRESSÃO ORAL: — contar como se faz o ca é.

2.º ANNO

ANIMAES — BICHO DA SEDA

OBSERVAÇÃO: — A lagarta que tece e come. Mostrar uma folha de amoreira. A chrysallida em que se transforma a lagarta. A borboleta que põe os ovos. A baba sedosa. O casulo. O fio.

ASSOCIAÇÃO: — Elemento que constitue a chrysallisada. Explicação da metamorphose. A vida do insecto no casulo Como se desenrola e se tece o fio. Comparar com o fio de lã do carneiro, com o do algodão. As fabricas de tecidos. A roupa. Comparar a seda animal com fio

de bananeira (seda vegetal). A cultura do bicho da sêda.

EXPRESSÃO: — Desenho das metamorphoses (o casulo, a chrysalida, a borboleta).

EXPRESSÃO ORAL: — Contar o facto observado.

3.º ANNO

ANIMAES AUXILIARES DO HOMEM

OBSERVAÇÃO: — Um sapo comedor de larvas. O João de Barro comedor de insectos errantes e damnhos. A casa do João de Barro. Observar um cão, um cavallo, um boi, etc.

ASSOCIAÇÃO: — Os sapos e o João de Barro protegem as plantações porque se alimentam de insectos damnhos. O cão defende o seu dono e é o seu fiel amigo. A função do cão policial. Como o cavallo defende e presta serviços ao homem. Os esquadrões de cavallaria. A policia montada. As viagens a cavallo. Serviços prestados pelo boi. A carroça, o arado, o carro de bois. Os chifres e o couro — suas utilidades industriaes. A carne. A carne congelada. Os frigorificos. O charque, etc.

EXPRESSÃO: — Desenho de um cão e de um homem a cavallo.

EXPRESSÃO ORAL: — Contar a utilidade do boi, do cavallo, do sapo e do João de Barro. Uma historia com os seguintes personagens: o homem e o cão. (Do *Resumo Escolar*, n.º 1, Victoria, Espirito Santo).

Escola Activa.

Não é de hoje que se fala em esco a activa, em escola de trabalho-em escola nova. São Paulo, não ha negar, ouviu o rumor ha muito, meditou sobre elle e já alguma coisa tem feito enxertando na escola tradicional principios pragmatistas novos. As disciplinas educativas, por

exemplo, têm merecido maior carinho e os nossos grupos escolares tendem a caminhar para pequenas escolas profissionaes, havendo já os que produzem e vendem canetas como outros em que bancas de carpinteiro se alongam. Dos trabalhos manuaes, tendem a desaparecer todos os condemnados pela pedagogia scientifica, e que venham a prejudicar, ás vezes, a vista não desenvolvida das crianças.

E' sabido não interessar a S. Paulo fazer homens que apenas saibam lêr, escrever e contar. A finalidade almejada é criar o artifice que produz ou o lavrador que arroteia. Mais vale o analphabeto sapateiro que acode ao fisco do que o malandro letrado e sem iniciativa que onera a fazenda publica. A abundancia de homens de letras — já o disseram os antigos — é um mal ao paiz. Seria tal "o homem que só tivesse olhos pelo corpo". Além disso, nossas escolas têm de orientar para o trabalho por força de circumstancia, porquanto quem as observe ha de notar, que, regra geral, as frequentam filhos de operarios nos centros urbanos, ou de lavradores nos nucleos ruraes. O ideal destes paes é, tirando proveito muito breve dos braços do filho, torná-lo profissional á sua semelhança. Pequeno é o numero dos que vão continuar os estudos em gymnasios ou academias. Estes quasi sempre visam os diplomas, que os inutilizam muitas vezes, desde que não nasceram para o mister ou porque a escola não lhes deu a necessaria educação sensorial no intuito de levá-los á observação, á comparação e ao discernimento. Quem já não viu medicos com amostra de café no bolso, ou bachareis abancados em collectorias?

Assim, as escolas de S. Paulo têm que preparar o futuro artifice e o agricultor do futuro, e urge se entregue a direcção dos trabalhos manuaes a profissionaes competentes bem como no programma da

escolas do âmbito rural se introduzam noções práticas de agricultura.

A escola activa é a escola do ideal. O governo não lhe embarga o advento mas cauteloso mede-lhe a consequência da adopção rápida e sem o necessario exercicio. No ensino particular se verifica a mesma coisa não havendo quem se aventure a tomar a dianteira.

Ha dias, correu a nova agradável de que o sr. director geral da Instrução Publica vai pôr em funcionamento algumas escolas activas á guisa de experiencia, Sob variados climas ella já foi ensaiada e posta á prova. A experiencia, pois, que se vai realizar, não é da natureza que muita gente pensa, não é porque se lhe duvide da efficacia por si mesma.

Antes, vai-se experimentar porque ha dois factores novos com que contar, factores decisivos para o exito da tentativa: ambiente social diverso, não preparado para recebê-la; e o professor que será naturalmente o mesmo, o da escola tradicional.

O ambiente é factor que deve ser modificado pela escola actual antes da verdadeira escola activa: paulatinamente sem substituição brusca do scenario antigo pelo novo. Em geral instruir e educar não se distinguem bem, e a distancia que os separa se annulla á ignorancia como á luz do crepusculo a perspectiva das coisas. Deste modo tudo se resume em saber ler para decifrar cartazes de cinema, em escrever para sujar muros, em contar para avaliar a pericia no dizimar passarinhos. Liberdade para que, se em casa os meninos já a têm demais e a escola é tão pouco severa? A ellas, ás escolas, se enviam crianças menos para educar que para deixar a casa tranquilla. Reduzem as funções do mestre ás de mero carcereiro. A musica e o canto que se lhes ensinam não passam de enche-tempo cujas consequencias repercutem no lar na atoar-

da de hymnos e canções interminaveis. Demais, uma inutilidade desde que a gente nasce assobiando e musicos não se fazem...

Os trabalhos de serrinha ou de modelagem, outro divertimento sem graça a nos irritar os nervos com aquella aspereza monotona, a sujarnos de serragem o assoalho encerado ou de lodo as mãos e roupas das crianças.

Tal é mais ou menos o ambiente em que se vai mover a escola activa como nau possante e nova em agua erizada de escolhos e recifes.

E o professor, então, que da actividade constructora deve passar a observador intelligente e tornar-se estimulador de interesse? Deve fazer-se o professor da escola activa. Se fôr o mesmo, o da escola tradicional, haverá duplo trabalho: — fazê-lo esquecer para aprender de novo. E este encargo de modificar a mecanica antiquada de quinze annos de exercicio é tarefa ingente para outros tres lustros. Ficará habitado quando ás portas da aposentadoria providencial, unico remedio para vencer rotina e preconceito. Montessori, que fazia directoras para a applicação do seu methodo famoso, teve uma passagem illustrativa da difficuldade deste rejuvenescimento didactico: — certo alumno após a aprendizagem directa das côres (methodo Stard) esboçou, quando em classe de desenho, uma arvore; faltava-lhe apenas o colorido, e o menino, reeditando o gosto do selvagem, não hesita escolhendo o vermelho de sangue entre tantas cores suaves e delicadas; tinge assim, de rubro, o tronco da arvore... Montessori não se surpreende e o observa como á professora, sua alumna na applicação do methodo. Mantem-se impassivel, inerte ante o absurdo natural da criança, mas... é forçada a conter o absurdo didactico da bondosa professora que solicita se apressa em criticar e ensinar immediatamente ao erro, talvez com

palavras taes: óra, como fazes este disparate, de vermelho o tronco de uma arvore?"

Só então aprendeu que não se faz correcção na escola activa pela forma como é feita na tradicional. Nesta, põe-se em logar do erro, não a verdade mas um ról de palavras iniciado pelas de celsura. Naquelle, a correcção deve apparecer mais tarde, quando no pomar, na presença de troncos, folhas, flores e frutos; alli, o alumno é levado a observar attentamente, e assim da propria natureza, vai receber a lição que

lhe ficará indelevel porque aprendeu com a vista o que não devera aprender com o ouvido.

Se as experiencias, pois, da escola activa não derem os resultados esperados, de antemão se conhecem os motivos. E' não desanimar com os primeiros frutos enfezados e duros confiando na aprendizagem do timoneiro e no abrandamento das aguas eriçadas de cachopos e parceis. Araraquara, Março de 1929. A. MORAES SAMPAIO — (De *O Estado de São Paulo*).

O primeiro dever de um verdadeiro nacionalista é nacionalizar as suas idéas — e o melhor caminho para fazê-lo é identificar-se, pela intelligencia, com o seu meio e a sua gente.

Esse "Brasil maior", que é o mote mais em voga dos nossos nacionalistas militantes, ou é uma phrase vã, ou implica o conhecimento meticoloso e intimo do Brasil como elle é, do Brasil actual — do "Brasil menor". Que augmentar e onde augmentar? eis a pergunta. Ora, só o estudo do nosso povo e do nosso meio poderá dizê-lo.

OLIVEIRA VIANNA, "Pequenos Estudos de Psychologia Social".

INDICE DO VOLUME VII

INDICE DO VOLUME VII

(Abril, Maio e Junho de 1929)

Sobre a herma de Caetano de Campos	1
Discurso de Caetano de Campos, em 1890	4
Formação da linguagem (Dr. Antonio de Sampaio Doria)	15
O ensino secundario (Dr. J. P. da Veiga Miranda)	45
A literatura escolar e a escola activa (Prof. Sud Mennucci) — Transcrição	106
Discurso de paranympho no Lyceu do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo (Prof. Cesar Prieto Martinez)	115
Arithmetica — O ensino dos problemas (Professoranda Anna Nogueira Ferraz, de Campinas)	122
Uma lição de Arithmetica (Professoranda Cenny Ferreira Mar- tins, de Campinas)	132
O lugar que deve occupar no ensino o methodo dos tests (René Duthil) — Traducção	137
Apontamentos para uma aula de Calliphasia (Prof. José Ama- ral Wagner)	141
O Problema brasileiro da escola secundaria (Prof. C. A. Bar- bosa de Oliveira)	145
O methodo do Dr. Decroly — Apontamentos tomados do livro de L. Dalhem (Prof. Luiz Galhanone)	183
Bibliographia pedagogica (4.º boletim) (Alduino Estrada)	187
Informações	195-210
Através de Revistas e Jornaes	211-221
O livro brasileiro	211
Criação de Universidades nos Estados	212
A margem da technica	214
A renascença nacional	216
O ensino physico e moral	219
3.ª Conferencia Nacional de Educação	223
O Ensino de Calligraphia (Mr. Anderson)	231
O Ensino Publico — These: A orientação geral do ensino deve ser essencialmente theorica, deve visar a mais alta theoria (Ernesto Luiz d'Oliveira)	262
O Ensino da leitura:	
Principaes reformas modernas no ensino da leitura (Wil- liam S. Gray)	272
A leitura no primeiro grau (Gertrudes T. Shipley)	274
A leitura de livros no primeiro grau (Marjorie Hardy)	276
O ensino da leitura no segundo grau (Eva E. Gerstmeyer)	282

A leitura nos graus intermediários (Mary A. Adams) . . .	286
A "Escola Nova" (Prof. Lourenço Filho) — Transcrição . . .	293
Educação physica (Prof. Augusto Ribeiro de Carvalho) . . .	302
Discurso sobre o Dr. Caetano de Campos (René Barretto) . . .	307
Ensino Primario (Prof. Ataliba de Oliveira)	319
Apontamentos para uma historia do ensino publico em S. Paulo — Revistas de Ensino (Carlos da Silveira)	323
Bibliographia pedagogica — (5.º boletim) — (Alduino Estrada).	333
Informações	334-344
Respostas a consultas	345
Através de Livros	346
Através de Revistas e Jornaes	350-362
Esporte e Systema nervoso	350
O Ensino em Minas	353
O Combate ao Transmissor da Febre Amarella	355
A Escola Activa	356
Idéas sobre o preparo das lições	358
Escola Activa	359

As Revistas são, o mais das vezes, devolvidas, dada a insuficiência dos endereços. Para facilitar o trabalho de remessa, seria de grande vantagem que os srs. professores communicassem sempre, suas novas residencias á Redacção, evitando, desta forma o desvio da correspondencia que lhes é remettida.

Procurando cumprir o seu programma, **Educação** espera merecer o apoio eficaz de todos os professores. É facultado aos mesmos collaborar na Revista, desde que submettam os seus trabalhos ao juizo da **Commissão de Redacção**.

Para melhor attender aos seus fins, a Redacção receberá consultas sobre questões referentes ao ensino bibliographia pedagogica, revistas congeneres do paiz e do estrangeiro, fornecendo aos srs. assignantes as informações que sollicitarem neste sentido. Taes consultas serão absolutamente gratuitas.

* * *

A Revista Escolar foi publicada de Janeiro de 1925 a Setembro de 1927. A colleccção tem 33 numeros.

Educação iniciou a publicação em Outubro de 1927 e tem saído regularmente um numero cada mez.

Os numeros atrasados, quer da extincta **Revista Escolar** quer de **Educação**, custam 2\$000 cada um.

Os pedidos devem ser sempre endereçados para

Redacção de EDUCAÇÃO

Travessa da Beneficencia Portuguesa, N. 1

SÃO PAULO

